



**Cristina Maria de Carvalho Pereira Guimarães**

*Relatório Final apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança  
para a obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no  
Ensino Básico*

Orientado por  
**Professor Doutor Luís Manuel Leitão Canotilho**

Bragança  
2012



**Atividades de modelação, prática fundamental para o  
desenvolvimento psicomotor do aluno**

**Cristina Maria de Carvalho Pereira Guimarães**

*Relatório Final apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para a  
obtenção  
do Grau de Mestre em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico.*  
Este trabalho apresenta-se dividido em duas partes. Na primeira parte é feita uma  
reflexão acerca da prática do ensino supervisionada, desenvolvendo-se, na segunda  
parte, um trabalho de investigação sobre um tema relevante para a Educação Visual e  
Tecnológica, no Ensino Básico ligado ao desenvolvimento psicomotor através da  
prática das artes visuais.

Orientado por  
**Professor Doutor Luís Manuel Leitão Canotilho**

Bragança  
2012



## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho aos meus filhos, João e Pedro, que nos momentos de cansaço me ofereceram a força necessária para continuar, impossível de encontrar em qualquer outro olhar. Desejo que o conhecimento do meu percurso acadêmico e de vida produza em vós a força necessária para que possam ir sempre mais longe e consigam atingir com sucesso tudo aquilo a que se propuserem na vida.*

“... Os sonhos não determinam o lugar onde vocês vão chegar, mas produzem a força necessária para tirá-los do lugar em que vocês estão. Sonhem com as estrelas para que vocês possam pisar pelo menos na Lua...” (CURY, Augusto)



## AGRADECIMENTOS

Por detrás da realização pessoal, decorrente da frequência no Mestrado do Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico, estão, além de um considerável esforço próprio, um grande número de contribuições, apoios, sugestões, comentários e críticas vindas de inúmeras pessoas. A sua importância assume uma valia tão preciosa que, sem elas, com toda a certeza, teria sido muito difícil chegar a qualquer resultado digno de menção.

Referir aqui o nome dessas pessoas constitui um tributo de justiça e de homenagem sentida.

As minhas primeiras palavras de agradecimento têm de ir, forçosamente, para o meu companheiro José Francisco, a quem devo a frequência neste Mestrado, pelo seu apoio permanente. Por tudo o que esse apoio representa e que não é possível de traduzir-se em palavras, obrigada.

À minha amiga Cláudia Mendes que disponibilizou o seu apoio sempre que foi necessário.

Aos Professores Cooperantes Humberto Afonso, Veneranda Abrantes e Dina Pinela, com particular destaque ao Professor Fernando Gonçalves, pela orientação séria e meticulosa, pela crítica construtiva, pela disponibilidade em todos os momentos e pela Amizade com que sempre me distinguiram.

À Professora Margarida Vilar, colega e amiga, pela disponibilidade demonstrada e pelas críticas, comentários e sugestões que me orientaram sempre para o melhor caminho.

Ao Diretor do Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros, por viabilizar a frequência nos diferentes estágios, assim como facilitar no que concerne ao horário possibilitando assim a frequência da parte curricular deste mestrado.

Agradeço ainda a todas as pessoas que pela sua ajuda, apoio e paciência, estiveram presentes, assim como todos aqueles que, sem reservas, partilharam comigo os seus conhecimentos.

Tenho também de referir e agradecer todo o companheirismo dos meus colegas de mestrado que demonstraram sempre boa disposição, permitindo o bom ambiente e espírito de camaradagem.

À Escola Superior de Educação de Bragança, por me ter possibilitado a concretização do Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino

Básico e a todos os professores e professoras que muito contribuíram para a minha formação, dos quais tenho boas lembranças ofereço as minhas palavras gratidão.

As últimas palavras vão para o meu orientador, Professor Doutor Luís Canotilho, que sempre me apoiou desde o primeiro dia. Todo o tempo que gastou comigo a rever detalhes do relatório final e a orientar e discutir pormenores do trabalho que se revelaram preciosos para a consecução deste projecto.

## RESUMO

Este Relatório final tem por objetivo apresentar uma reflexão crítica sobre o trabalho desenvolvido no âmbito da unidade curricular, (Prática do Ensino Supervisionada) PES, do Mestrado em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico, bem como uma investigação sobre um tema relevante para a Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico.

Na primeira parte, para além da reflexão faz-se uma contextualização e referência às atividades desenvolvidas durante a prática pedagógica, nomeadamente na disciplina de (Expressão e Educação Plástica) EEP do 1º Ciclo, na disciplina de (Educação Visual e Tecnológica) EVT do 2º Ciclo, e no 3º Ciclo, na disciplina de (Educação Tecnológica) ET.

No que se refere à parte de investigação, partindo da revisão bibliográfica, bem como da análise de ideias de autores, analisa-se a importância do professor promover atividades de modelação, como meio essencial para o desenvolvimento psicomotor dos alunos do (Ensino Básico) EB.

Nesta sequência é apresentada uma reflexão sobre um plano de unidade implementado numa instituição educacional, ao longo da prática pedagógica, com vista a promover a implementação de atividades de modelação ao longo do EB. Os resultados gerais mostram que os alunos, numa fase inicial, encontraram dificuldades ao nível da representação do tridimensional, no entanto, e recorrendo a materiais e estratégias diversificadas, que implicaram a experimentação da modelação e o contacto com um vasto leque de materiais, conseguiram ultrapassá-las verificando-se uma melhor compreensão do volume e do espaço, do desenvolvimento da motricidade e da criatividade dos mesmos.



## ABSTRACT

This final report aims to present a critical reflection on the work developed within the curricular unit, Supervised Teaching Practice, of the Masters in the Teaching of Technological and Visual Education in Junior School, as well an investigation on a relevant theme to Technological and Visual Education in Junior School.

In its first part, in addition to the reflection, a contextualization is made and reference to the activities developed during the pedagogical practice, namely in the subject of Expression and Plastic Education (EEP) in primary school, in the subject of Visual and Technological Education (VTE) in junior school and Technological Education in middle school.

In what the investigation is concerned, and starting in the bibliographical revision, as well from the analysis of the authors' ideas, it is also analyzed the importance of the teacher in the promotion of modeling activities, as an essential way to the psychomotor development of junior school students.

In this sequence it is presented a reflection over a unit plan implemented in an educational institution, during the pedagogical practice, aiming the promotion of the implementation of modeling activities through junior school. The general results show that the students, in an initial phase, found difficulties at the level of the tridimensional representation, but, using materials and diversified strategies, which involved the modeling experimentation and the contact with a vast number of materials, they were able to overcome them, and we were able to verify a better understanding of the volume and space, motor development and creativity of the students.



## ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS USADOS

ABREVIACÃO	TERMO IDENTIFICADO
CNEB	Currículo Nacional do Ensino Básico
EEP	Educação e Expressão Plástica
EVT	Educação Visual e Tecnológica
EV	Educação Visual
ET	Educação Tecnológica
EB	Ensino Básico
UT	Unidade de Trabalho
PAA	Plano Anual de Actividades
PE	Projecto Educativo
PCT	Projecto Curricular de Turma
PES	Prática do Ensino Supervisionada
n.d.	Não datado
p.	Página
pp.	Páginas
vol.	Volume



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IDENTIFICAÇÃO	LEGENDA	N.º DA PÁGINA
Figuras 1 e 2	MANIPULAÇÃO DE AREIA E MASSA DE FARINHA	22
Figura 3	COMPOSIÇÃO REALIZADA A PARTIR DE COLAGEM DE DIFERENTES MATERIAIS RECORTADOS	22
Figura 4	COMPOSIÇÃO REALIZADA A PARTIR DE COLAGEM DE DIFERENTES MATERIAIS RECORTADOS	23
Figura 5	DOBRAGEM DE CAIXA REALIZADA EM CARTOLINA	23
Figura 6	ALUNOS EXPLORANDO AS DIFERENTES ATIVIDADES PROPORCIONADAS EM CADA UM DOS ESPAÇOS	23
Figuras 7 e 8	TRABALHOS REALIZADOS PELOS ALUNOS	24
Figura 9	MOLDURA REALIZADA POR UMA ALUNA	24
Figura 10	FLORES CONSTRUIDAS A PARTIR DE CAPSULAS DA “NESPRESSO”	25
Figura 11	ALUNO A ESCULPIR UMA MÁSCARA	30
Figura 12	ALUNO A LIXAR UMA MÁSCARA	30
Figuras 13 e 14	ALUNOS A ENVERNIZAR MÁSCARAS	30
Figura 15	ALUNO MOSTRANDO AS MÁSCARAS REALIZADAS	31
Figuras 16, 17 e 18	MÁSCARAS EM CHAPA REALIZADAS PELOS ALUNOS	31
Figuras 19, 20 e 21	MÁSCARAS EM CORTIÇA REALIZADAS PELOS ALUNOS	31
Figura 22	ALUNOS A TECER FRANJA	32
Figura 23	ALUNOS A TECER FRANJA	32
Figura 24	FATO DE CARETO DE PODENCE REALIZADO	32
Figura 25	CENTRO DE NATAL	36
Figuras 26 e 27	ALFINETES REALIZADOS A PARTIR DE CÁPSULAS DA “NESPRESSO”	37
Figura 28	CANDEEIRO E MEALHEIRO	37
Figura 29	CANDEEIRO REALIZADO POR UMA ALUNA	38
Figura 30	PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UM CANDEEIRO	38
Figura 31	PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UM CANDEEIRO	38
Figura 32	CANDEEIRO REALIZADO A PARTIR DE UM TUBO DE PVC E DE EMBALAGENS DE CREME DE CORPO DA “MUSTELA”	39
Figura 33	CANDEEIRO EM FUNCIONAMENTO	39
Figura 34	CANDEEIRO REALIZADO A PARTIR DE UMA CAIXA DE SAPATOS E DE EMBALAGENS DE “OVOMALTINE”	40
Gráfico 1	CONTEÚDOS/ ATIVIDADES	47
Gráfico 2	RECURSOS/ MATERIAIS	48
Gráfico 3	RECURSOS/ INSTRUMENTOS	49
Gráfico 4	RECURSOS/ SUPORTES	50
Gráfico 5	LIMITAÇÕES	51

Figura 35	TRABALHO DE MODELAÇÃO EM PASTA DE MODELAR REALIZADO POR UM ALUNO	73
Gráfico 6	AValiação DO PARâMETRO 1 NA UT "MONSTRO AMIGO"	74
Gráfico 7	AValiação DO PARâMETRO 1 NA UT "FANTOCHES"	75
Figura 36	PREPARAÇÃO DA PASTA DE MODELAÇÃO ATRAVÉS DA MISTURA DE ÁGUA E FARINHA	75
Figura 37 e 38	MODELAÇÃO DE MASSA DE FARINHA E DE AREIA	76
Gráfico 8	AValiação DO PARâMETRO 2 NA UT "MONSTRO AMIGO"	76
Gráfico 9	AValiação DO PARâMETRO 2 NA UT "FANTOCHES"	77
Figura 39 e 40	MODELAÇÃO DE UM PEIXE PALHAÇO	77
Gráfico 10	AValiação DO PARâMETRO 3 NA UT "MONSTRO AMIGO"	78
Gráfico 11	AValiação DO PARâMETRO 3 NA UT "FANTOCHES"	78
Figura 41	FANTOCHE REALIZADO A PARTIR DE UMA EMBALAGEM DE "ACTIMEL"	79
Gráfico 12	AValiação DO PARâMETRO 4 NA UT "MONSTRO AMIGO"	79
Gráfico 13	AValiação DO PARâMETRO 4 NA UT "FANTOCHES"	80
Figura 42	MODELAÇÃO DE UMA "ESFERA COM PICOS" (MANGUAL)	80
Gráfico 14	AValiação DO PARâMETRO 5 NA UT "MONSTRO AMIGO"	81
Gráfico 15	AValiação DO PARâMETRO 5 NA UT "FANTOCHES"	81
Figura 43 e 44	MODELAÇÃO DE MASSA DE FARINHA	82
Gráfico 16	AValiação DO PARâMETRO 6 NA UT "MONSTRO AMIGO"	82
Gráfico 17	AValiação DO PARâMETRO 6 NA UT "FANTOCHES"	83
Figura 45	CRIANÇA MOSTRANDO O TRABALHO REALIZADO	83
Gráfico 18	AValiação DO PARâMETRO 7 NA UT "MONSTRO AMIGO"	84
Gráfico 19	AValiação DO PARâMETRO 7 NA UT "FANTOCHES"	84
Figura 46	CRIANÇAS A MODELAR MASSA DE FARINHA	83
Gráfico 20	AValiação DO PARâMETRO 8 NA UT "MONSTRO AMIGO"	84
Gráfico 21	AValiação DO PARâMETRO 8 NA UT "FANTOCHES"	85
Figura 47	DIVISÃO DA SALA DE AULA EM 3 ESPAÇOS DISTINTOS	86

## TABELAS

N.º DA PÁGINA	IDENTIFICAÇÃO	LEGENDA
21	TABELA 1	GRELHA DE ARTICULAÇÃO DAS UNIDADES CURRICULARES TRABALHADAS NO PRIMEIRO CICLO
29	TABELA 2	GRELHA DA UNIDADE CURRICULAR TRABALHADA E REFERENTES ÁREAS DE EXPLORAÇÃO E CONTEÚDOS ABORDADOS NO SEGUNDO CICLO
35	TABELA 3	GRELHA DAS UNIDADES CURRICULARES TRABALHADAS E REFERENTES CAMPOS DE ACTIVIDADE TECNOLÓGICA E BLOCOS DE CONTEÚDOS ABORDADOS NO TERCEIRO CICLO, NA DISCIPLINA DE ET
67 - 69	TABELA 4	PLANO DE UNIDADE “MONSTRO AMIGO”
69 - 70	TABELA 5	PLANO DE UNIDADE “NÓS SOMOS ASSIM...”
71 - 72	TABELA 6	PLANO DE UNIDADE “FANTOCHES”
87	TABELA 7	GRELHA RESUMO DA AVALIAÇÃO DAS UT “MONSTRO AMIGO” E “FANTOCHES”
95 - 96	TABELA 8	PLANO DE AULA 6.1 EEP
97 - 98	TABELA 9	PLANO DE AULA 6.2 EEP
98 - 99	TABELA 10	PLANO DE AULA 6.3 EEP
100 - 101	TABELA 11	PLANO DE AULA 7.1 EEP
101 - 102	TABELA 12	PLANO DE AULA 8.1 EEP



## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	21
PARTE I.....	23
1 REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE ENSINO – APRENDIZAGEM REALIZADAS AO LONGO DA PRÁTICA DO ENSINO SUPERVISIONADA .....	23
1.1 PRÁTICA PEDAGÓGICA OU ESTÁGIO PEDAGÓGICO .....	23
1.2 EXPERIÊNCIAS DE ENSINO – APRENDIZAGEM REALIZADAS AO LONGO DA PRÁTICA DO ENSINO SUPERVISIONADA.....	28
1.2.1 EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO PLÁSTICA NO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO	29
1.2.2 EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA NO 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO	38
1.2.3 EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO .....	46
1.2.4 REFLEXÃO FINAL .....	57
PARTE II .....	61
2 INVESTIGAÇÃO SOBRE UM TEMA RELEVANTE PARA A EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA NO ENSINO BÁSICO .....	61
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO/PROBLEMA .....	61
2.1.1 ATIVIDADES, RECURSOS E LIMITAÇÕES NO ENSINO DA EEP .....	64
2.2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	70
2.2.1 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DAS ARTES NO DESENVOLVIMENTO DO SER HUMANO COMPLETO, CRIATIVO E CRÍTICO.....	71
2.2.2 O ENSINO DA EVT ATUALMENTE.....	78
2.2.3 A IMPORTÂNCIA DA EXPLORAÇÃO DE MEIOS TRIDIMENSIONAIS .....	82
2.2.4 FUNDAMENTO DA REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES DE MODELAÇÃO RECORRENDO AO LÚDICO .....	84
2.3 CONTRIBUTOS DA PRÁTICA DO ENSINO SUPERVISIONADA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE E DA MOTRICIDADE NA DISCIPLINA DE EEP .....	86
2.4 METODOLOGIA .....	89
2.5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	97
2.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	115
3 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	119
4 APÊNDICES.....	124



## INTRODUÇÃO

O presente Relatório final pretende dar resposta ao solicitado pela Escola Superior de Educação de Bragança para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico, sendo constituído por duas partes.

A primeira tem como objetivo descrever de forma sumária as atividades realizadas ao longo da (prática do ensino supervisionada) PES, no Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros, a qual abrangeu os três ciclos do EB, nas seguintes disciplinas e níveis: EEP, do 1º ano; EVT, do 6º ano e ET do 7º ano. Trata-se de um exercício crítico, no qual são analisadas as experiências de ensino – aprendizagem realizadas.

No que diz respeito à segunda parte deste Relatório final é feita uma investigação sobre um tema relevante para a EVT no EB.

Assim, baseada na PES e na minha experiência pessoal e profissional é feita a identificação de um problema, procedendo à sua contextualização, sendo desenvolvido a partir daí, um estudo baseado na problemática identificada e a partir das experiências de ensino-aprendizagem proporcionadas aos alunos, assim como nos seus resultados.

A presente investigação tem como objetivo evidenciar a necessidade dos alunos realizarem atividades de modelação, como forma de contribuir para o desenvolvimento psicomotor, podendo o presente documento proporcionar a reflexão sobre alguns pontos importantes da prática educativa, nomeadamente ao nível da disciplina de EEP.

Ainda, no início da segunda parte do presente relatório, é verificada a revisão bibliográfica, na qual se faz uma abordagem: à importância do ensino das artes no desenvolvimento do ser humano completo, criativo e crítico; à forma como se processa o ensino da EVT atualmente, fazendo referência às diretrizes definidas pelo Ministério da Educação e da Ciência a aplicar já no próximo ano letivo 2012-2013, assim como algumas das questões pertinentes levantadas pelos docentes relativas ao ensino da EVT; à importância da exploração de meios tridimensionais, terminando com a fundamentação da realização de atividades de escultura e moldagem recorrendo ao lúdico.



## PARTE I

# 1 REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE ENSINO – APRENDIZAGEM REALIZADAS AO LONGO DA PRÁTICA DO ENSINO SUPERVISIONADA

### 1.1 PRÁTICA PEDAGÓGICA OU ESTÁGIO PEDAGÓGICO

O início do projeto de Gestão Flexível do Currículo aparece legitimado por alguns normativos legais (Despacho nº 4848/97, 2ª série), posteriormente revogado pelo Despacho 9590/99, que mostram bem a preocupação do legislador quer com a melhoria do processo de ensino - aprendizagem quer com a mudança organizacional da escola. Esta preocupação é evidente no preâmbulo do **despacho nº 9590/99**, quando refere:

Uma mudança gradual nas práticas de gestão curricular nas escolas do EB, com vista a melhorar a eficácia da resposta educativa aos problemas da diversidade dos contextos escolares, fazer face à falta de domínio de competências por parte de muitos alunos à saída da escolaridade obrigatória e, sobretudo, assegurar que todos os alunos aprendam mais e de um modo mais significativo.

Uma mudança gradual na organização, orientação e gestão das escolas do EB, visando a construção de uma escola mais humana, criativa e inteligente, com vista ao desenvolvimento integral dos seus alunos.

Desenvolvimento profissional dos docentes e da sua capacidade de tomada de posições em áreas chave do currículo,

adotando sempre que possível estruturas de trabalho colegial entre professores.

Uma maior implicação da comunidade educativa no desenvolvimento conjunto de projetos educativos e culturais que visem uma maior qualidade e pertinência das aprendizagens.<sup>1</sup>

Este projeto preconiza uma estreita articulação entre o currículo e a autonomia e organização escolar e ainda a formação de professores, já que estas dimensões têm que ser contempladas e abordadas de forma coerente e intrinsecamente articulada, na procura da inovação e qualidade.

A autonomia e organização escolar é referenciada pela primeira vez no Decreto – Lei nº 172/91, de 10 de Maio, com uma reformulação profunda no Decreto – Lei nº 115-A/98, de 4 de Maio e por último o Decreto – Lei nº 75/2008, de 22 de Abril, que aprova e aperfeiçoa o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, este último alterado pelo Decreto-Lei nº224/2009, de 11 de Setembro. É importante referir ainda o Decreto – Lei nº 207/96, de 2 de Novembro, que estabelece toda a orgânica da formação contínua dos professores desde a sua valorização pessoal e profissional com a novidade de centrar essa formação nas escolas e nos projetos aí desenvolvidos.

A formação de professores perspectivada nas suas mais variadas vertentes mas sempre subordinadas á formação contínua, é outro aspeto basilar em torno deste processo de mudança, lembrando **Roldão (1999)**:

Os professores são os agentes decisivos e os decisores principais do processo educativo, ainda que não os únicos, e ainda quando não autónomos, na cadeia da gestão dos processos curriculares. Apesar de existir nas escolas uma predisposição para essa mudança, sentida pelos docentes, quando as próprias escolas por intermédio das estruturas intermédias se preocupam com o levantamento das necessidades de formação à qual os professores aderem naturalmente, pena é, que por vezes essa formação em

---

<sup>1</sup> Anexo ao Despacho, ponto 2

áreas específicas contextualizadas talvez mais importantes do que aquelas consideradas prioritárias pelo poder central não seja oferecida aos professores, muito embora reconheça que o leque de ofertas tenha aumentado nestes últimos anos. (p. 24)

Não há dúvida, que as sucessivas reformas educativas verificadas nas últimas décadas vieram aumentar a autonomia do professor na gestão do currículo e dele dependem em larga escala as aprendizagens do aluno, pois é ele que vai planificar, é ele que vai ministrar os conteúdos que o ministério da educação estipulou como os necessários a todos os alunos.

Ainda segundo **CORTESÃO, Luiza, MALPIQUE, Manuela, TORRES, Maria A., LIMA, Maria J. (1983)** não se pode esquecer que a educação é um ato social com determinadas finalidades e condicionado por um enquadramento específico que se exprime nas atitudes e nas práticas interindividuais. É, fundamental estar consciente das condições sociais e da função social do ato educativo e, ao mesmo tempo ter capacidade para se relacionar com os outros.

É ainda de referir, que cada escola existe num determinado contexto, o da comunidade local e regional e desta forma, os valores e tradições de cada comunidade entram na escola, particularmente através dos alunos e dos pais.

“A educação tem de ser pensada, desde o seu âmago, as suas raízes, e totalmente, nada podendo ficar fora da atividade reflexiva e hermenêutica” (**PATRÍCIO, M. F. & dos SANTOS, L. M., 2004 p. 7**) e ainda:

Um Professor que não pense com profundidade e radicalidade tudo o que respeita à atividade educativa que ele mesmo desenvolve - com, para e em prol dos educandos que lhe são confiados – é um perigo e uma catástrofe. É o professor que está em contacto direto e pessoal com os educandos, não são os deputados, nem os ministros, nem os diretores-gerais. A educação acontece nesse contacto. As leis, decretos-lei, portarias, circulares e normas diversas condicionam a ação educativa, mas é o professor o filtro por que tudo isso passa. Ele pode melhorar ou piorar tudo isso, pela presença ativa ou pela ausência do que podemos chamar a sua consciência pedagógica. Ora esta só o será

se o professor não se limitar a ser o aplicador mecânico das orientações vindas de cima, mas for o profissional reflexivo, pensante, mediante que não pode deixar de ser. (Ibidem)

Na ação educativa estão implicados o ser do educador e o ser do educando. Cabendo ao educador/professor não só transmitir os conhecimentos teóricos e práticos, mas também transmitir o ser, e ainda levar e ajudar o aluno a ser.

Segundo **PATRÍCIO, M. F. & dos SANTOS, L. M. (2004)**:

O educador deve procurar tornar-se um sage: alguém que coloca toda a sua competência científica, pedagógica e profissional ao serviço do processo de formação humana e pessoal do educando que lhe é entregue. (p. 67)

**PATRÍCIO, M. F. & dos SANTOS, L. M. (2004)** ainda referem que:

Na Escola Geral, pública ou privada, está em causa o processo de formação humana geral e pessoal do educando (criança, jovem ou até adulto), devendo a ação do educador ser no sentido de dirigir o olhar do educando, do homem-educando, para o sentido da vida e da ação; da sua vida e da sua ação na vida. (p. 7)

O educador carece de uma formação que lhe permita conhecer, organizar e efetivar o processo educacional do educando que lhe é entregue. É aqui que lhe é feita a necessária exigência no que respeita à sua própria formação enquanto pessoa. Toda a potencialidade e eficiência da sua ação formativa se enraíza neste solo. Só uma pessoa valiosa pode ajudar o outro na sua educação em valor. (p. 123)

Para ser competente nesta componente didática do seu perfil profissional, o educador tem, além das competências já mencionadas, de conhecer bem aquele cujo processo conduz e as circunstâncias em que esse processo ocorre... tem de conhecer

psicologicamente o outro e sociologicamente as circunstâncias dentro das quais acontece o seu encontro formativo e instrucional com o outro. (Ibidem)

É neste sentido que a prática pedagógica, se torna um espaço de aprendizagem e desenvolvimento da ação educativa do educador. Este perante os problemas e conflitos da prática, recorre a todo um saber e um saber fazer para atuar, resultante de uma experiência, mais ou menos enriquecida, mobilizada por um processo de reflexão/ação/reflexão, gerador de contínuo conhecimento e desenvolvimento.

Apresenta-se mais eficaz quanto maior e mais equilibrado for o desenvolvimento do docente e deverá ter continuidade, ao longo de toda a sua vida profissional – quer a nível pessoal quer a nível profissional. Trata-se de um desenvolvimento no sentido de uma maior integração, de um equilíbrio mais elevado e consistente que, permite a construção de conhecimento profissional na interação constante entre a teoria e a prática desenvolvendo as capacidades de intervir, de forma adequada e diferenciada, permitindo a aprendizagem e o desenvolvimento das escolas e dos alunos, a prática pedagógica leva à construção do saber, permitindo a formação de uma conduta de vida profissional.

Entendo que a prática pedagógica permite o desenvolvimento do professor, em termos pessoais, pois além da componente científica, técnica e didática que deverá dominar, deverá estar atento aos valores e às atitudes, ao “saber estar” e ao “saber ser”, levando-o a treinar determinadas competências características do “ser pessoa”. Permite-lhe desenvolver capacidades ao nível da autonomia na tomada de decisões, espírito de iniciativa, sentido crítico, imaginação, à busca de soluções para eventuais problemas e a disponibilidade para os outros, a disponibilidade para ensinar e aprender.

Entendo que a prática pedagógica permite o amadurecimento do educador quer na sua função de docente, quer na sua forma de estar.

## **1.2 EXPERIÊNCIAS DE ENSINO – APRENDIZAGEM REALIZADAS AO LONGO DA PRÁTICA DO ENSINO SUPERVISIONADA**

É sabido que a ação docente do professor e os seus atributos acompanham a evolução dos tempos, o que implica que esteja em constante evolução, pois esta deve alterar-se em função das mudanças do mundo, das transformações sociais, económicas, políticas e culturais das sociedades.

Segundo **FONTOURA, M. (1992)** tal ritmo acelerado leva a que o professor sinta um acréscimo ao nível das funções que lhe são atribuídas, considerando a exigência cada vez mais sentida de abrir a escola ao mundo e à modernidade.

Neste sentido é necessário refletir sobre o papel do professor na sociedade moderna.

É importante analisar como ocorre a sua formação, na qual a articulação entre a técnica, o conhecimento e a análise crítica precisam estar sempre presentes, com vista a preparar professores que sejam formadores de cidadãos capazes de selecionar, identificar e analisar informações, a fim de desenvolver um espírito crítico. **BETTENCOURT, A. M. (2010):**

É fundamental formar os professores do século XXI para as novas populações que estão na escola desde que o ensino se democratizou.

É preciso preparar para a diferenciação pedagógica, para o apoio aos alunos, para trabalhar em escolas localizadas em meios desfavorecidos. Esta ideia de que a escola tem de ensinar todos, de fazer com que todos aprendam, exige novas competências: de organização das aprendizagens, de enquadramento, de compreensão das dificuldades e de conhecimento das estratégias para as superar. (p. 5)

Diante do anteriormente referido considero que a minha frequência no Mestrado em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico foi uma experiência única no meu percurso profissional. Proporcionou-me o contacto com outras realidades e

diferentes experiências, tornando-se de caráter essencial para o meu processo de formação humana geral e pessoal.

De seguida é possível entender de que forma a PES realizada nos três ciclos, nomeadamente nas disciplinas de EEP, EVT e ET contribuiu para a minha formação, exigindo reflexão e um estudo constante a vários níveis, traduzindo-se num vasto leque de experiências diversificadas e bastante gratificantes.

### 1.2.1 EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO PLÁSTICA NO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

A década de setenta foi uma época de grandes modificações na sociedade portuguesa e, conseqüentemente na escola. A educação foi um dos principais alvos de preocupação do novo regime pois é o meio fundamental da formação dos cidadãos da nova sociedade, que se desejava democrática. São elaborados novos programas para o Ensino Primário e pela primeira vez desde a I República, os programas visam o desenvolvimento harmonioso da criança como um todo, havendo ainda uma salvaguarda para a necessidade do lúdico no ensino de crianças desta idade.

Segundo **VIANA, Mário G. (1958)**:

O fundamento da atividade lúdica da criança é que por ela vai criando, propriamente, a sua experiência pessoal, e, em suma, o que lhe permite realizar a sua essencial função biológica, é que a criança jogando, vai exercitando, ensaiando e tomando posse da sua personalidade. É brincando e jogando que a criança exterioriza os seus instintos, pensamentos, desejos e aspirações... é uma excelente descarga neuro psíquica: é uma força moderadora, um regulador espontâneo, e quase automático, da afetividade. (citado por SOUSA, Alberto B., 2003 pp.152-153)

A partir desta altura a criança passa a ser encarada como alguém que tem características, necessidades próprias e direitos, enquanto ser humano. Cada ser humano tem algo de único e valioso que o distingue dos demais e que deve ser valorizado, possibilitando o alcance de uma vida feliz, equilibrando a sua satisfação pessoal, com o empenho em contribuir para o bem-estar de todos. Produzindo Arte e Conhecimento do

qual se deve orgulhar, permitindo o enriquecimento cultural e o prazer pela vida. Todos os seres humanos devem ter a oportunidade de se aperceberem do seu potencial e de o utilizarem em atividades onde se sintam realizados.

Neste contexto, desenvolvi todo o trabalho numa perspetiva de valorização da disciplina, promovendo o processo criativo e expressivo, a manipulação e exploração de diferentes materiais e técnicas, permitindo a observação e experimentação da plasticidade dos corpos, a exploração de diferentes meios de representação e comunicação, impulsionando atividades de colaboração, ajuda e cooperação.

A PES desenvolvida no 1º ciclo, na disciplina de EEP decorreu no Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros (Pólo2), contando na qualidade de Supervisor com o Professor Doutor Luís Manuel Leitão Canotilho e teve na qualidade de Professor Cooperante o docente Humberto Duarte Afonso.

A PES iniciou-se no dia 03 de Março do ano de 2010, na qual tive a oportunidade de observar e efetuar o primeiro contacto com a turma 7A, do 1º ano do EB, turma que me foi atribuída pelo Agrupamento para realização do estágio na disciplina de EEP.

Esta primeira aula de observação contribuiu para uma melhor perceção dos alunos, das relações entre si e as suas relações com os docentes e a escola, nomeadamente no espaço aula.

Na segunda aula, no dia 10 de Março do ano de 2010, iniciei o trabalho com a turma em cooperação com o professor titular. Ao longo deste período/ aula, desloquei-me pela sala e a cada lugar, a fim de conhecer melhor e auxiliar os alunos no seu trabalho, contando sempre com o apoio imprescindível do professor cooperante. Os alunos assumiram-me de imediato como sua professora, não tendo qualquer inibição em me pedir ajuda para ultrapassar as dificuldades sentidas.

Tratava-se de uma turma homogénea, sendo constituída por vinte alunos, sendo 14 do sexo feminino e 6 do sexo masculino, apresentando a totalidade dos alunos seis anos.

Não tendo sido detetados casos de alunos em situação de requerer uma atenção especial, todos apresentaram um ritmo normal de aprendizagem, revelando muito gosto pela escola e por aprender. Participaram com entusiasmo e interesse nas atividades e tarefas propostas demonstrando possuírem as competências básicas e essenciais para a aprendizagem formal.

Os alunos apresentaram um bom nível de maturidade cognitiva e emocional fundamental ao sucesso escolar e formativo. De uma forma geral apresentaram-se bem adaptados à escola, aos colegas e aos professores.



A nível comportamental, a maioria dos alunos apresentou um comportamento normal para esta faixa etária excedendo-se um pouco devido a serem todos bastante conversadores.






Foi notório, desde o primeiro momento, o interesse e curiosidade demonstrado pela turma relativamente às atividades que se iriam realizar na aula, nomeadamente na disciplina de EEP.

Neste sentido procurei desenvolver atividades diversificadas, proporcionando-lhes novas experiências e contacto com materiais e técnicas diferentes dos experimentados até ao momento.

Os alunos mostraram-se, na sua globalidade, bastante interessados e empenhados no desenvolvimento das tarefas, levando ao desenvolvimento da autonomia, da socialização e da autoconfiança de cada um, verificando-se partilha, trabalho e vivência em grupo, assim como o respeito pelas regras. Apresentaram sempre curiosidade em saber qual seria a atividade a desenvolver na aula seguinte, questionando-me com frequência no recreio da escola: “Professora o que vamos fazer na próxima aula?”

Deste modo, as unidades curriculares desenvolvidas na turma além de terem tido a finalidade de permitir o desenvolvimento da motricidade, em específico da motricidade fina; o desenvolvimento do sentido estético; a aquisição dos conceitos de bi e tridimensionalidade pretenderam ainda abordar diferentes áreas de exploração, como se pode verificar na tabela apresentada [Tabela 1].

ÁREAS DE EXPLORAÇÃO	UNIDADES CURRICULARES TRABALHADAS NAS DIFERENTES ÁREAS DE EXPLORAÇÃO
<p><b>Descoberta e organização progressiva de volumes:</b></p> <p> Modelagem e escultura;</p> <p> Construções</p>	<p>Unidade Curricular N.º 1: “Marcador de livros para o dia do pai”</p> <p>Unidade Curricular N.º 6: “Monstro amigo”</p> <p>Unidade Curricular N.º 8: “Fantoches”</p>

<p><b>Descoberta e organização progressiva de superfícies:</b></p> <p> Desenho:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenho de expressão livre;</li> <li>• Atividades gráficas sugeridas.</li> </ul> <p> Pintura:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Pintura de expressão livre;</li> <li>• Atividades de pintura sugerida.</li> </ul>	<p>Unidade Curricular N.º 1: “Marcador de livros para o dia do pai”</p> <p>Unidade Curricular N.º 2: “A Primavera”</p> <p>Unidade Curricular N.º 4: “Vamos criar a terra dos dinossauros”</p> <p>Unidade Curricular N.º 5: “Trabalho para a minha mãe”</p> <p>Unidade Curricular N.º 6: “Monstro amigo”</p> <p>Unidade Curricular N.º 7: “Nós somos assim ...”</p>
<p><b>Exploração de técnicas diversas de expressão:</b></p> <p> Recorte, colagem e dobragem;</p> <p> Impressão;</p> <p> Tecelagem e costura.</p>	<p>Unidade Curricular N.º 3: “Vamos pintar com recortes”</p> <p>Unidade Curricular N.º 4: “Vamos criar a terra dos dinossauros”</p> <p>Unidade Curricular N.º 6: “Monstro amigo”</p> <p>Unidade Curricular N.º 7: “Nós somos assim ...”</p> <p>Unidade Curricular N.º 8: “Fantoches”</p>

**Tabela 1 – GRELHA DE ARTICULAÇÃO DAS UNIDADES CURRICULARES TRABALHADAS NO PRIMEIRO CICLO**

As (Unidade de Trabalho) UT realizadas foram pensadas, considerando os domínios de competências de EV e de ET, definidas no CNEB tendo como base a Organização Curricular e Programas do EB. Foram desenvolvidas considerando os tópicos a ensinar e indicações metodológicas direcionados às competências a adquirir na disciplina de EEP - 1º ciclo, nomeadamente no 1º ano, considerando o seu objetivo principal, o de contribuir para a construção de uma conceção de programa mais aberto e abrangente,

associado à valorização de práticas de gestão curricular mais flexíveis e adequadas a cada contexto, bem como o (Plano Anual de Atividades) PAA e o (Projeto Curricular de Turma) PCT.

De seguida são apresentadas algumas fotografias, nas quais é possível perceber o trabalho realizado pelos alunos, assim como o empenho e o gosto demonstrado pelos mesmos. [Figuras 1 a 10]

### **EXPLORAÇÃO DE TÉCNICAS DE MODELAÇÃO**



**Figuras 1 e 2: Manipulação de areia e de massa de farinha**

### **TRABALHOS REALIZADOS NA UT “VAMOS CRIAR A TERRA DOS DINOSSAUROS**



**Figura 3: Composições realizadas a partir da colagem de diferentes materiais recortados.**



**Figura 4: Composições realizada a partir da colagem de diferentes materiais recortados.**

#### **TRABALHO DESENVOLVIDO NA UT “MONSTRO AMIGO”**



**Figura 5: Dobragem de caixa realizada em cartolina**

#### **ESPAÇOS DE EXPERIMENTAÇÃO DE MATERIAIS E TÉCNICAS**



**Figura 6: Alunos explorando as diferentes atividades proporcionadas em cada um dos espaços**

Estando previsto no PAA e no PCT a comemoração do Dia do Pai e do Dia da Mãe, foi realizada na primeira UT um marcador de livros para oferecer ao pai, na qual os alunos tiveram de proceder à sua construção recorrendo a materiais como espátulas de madeira, pasta de modelar, tintas acrílicas e a técnicas de modelação, colagem e pintura.

Na UT número cinco, os alunos realizaram uma moldura com a sua fotografia, um postal e uma flor para oferecer à mãe. Nesta unidade recorreu-se a materiais como pedra de xisto, cola branca e tintas de volume, para a realização da moldura e cartolinas coloridas para realização do postal. Para a realização da flor recorreu-se à utilização de cápsulas da "Nespresso" e para as suas folhas foram utilizadas igualmente cartolinas.

Apesar da comemoração dos dias anteriormente enunciados ser uma obrigação definida no PAA e PCT, o desenvolvimento das referidas atividades foram pensadas considerando a diversificação de técnicas e de materiais, como pode ser verificado nas imagens seguintes.

#### **TRABALHO DESENVOLVIDO NA UT "MARCADOR DE LIVROS PARA O DIA DO PAI"**



**Figuras 7 e 8: Trabalhos realizados pelos alunos**

:

## TRABALHOS DESENVOLVIDOS NA UT “TRABALHO PARA A MINHA MÃE”



**Figura 9: Moldura realizada por uma aluna**



**Figura 10: Flores construídas a partir de cápsulas da “Nespresso”**

A PES desenvolvida no primeiro ciclo permitiu-me contactar, enquanto docente, com crianças daquela faixa etária. Levando-me a perceber como é que funcionam em grupo, os seus comportamentos, habilidades, dificuldades, permitindo-me ao longo do decorrer da PES desenvolver competências para perceber, interagir e adotar estratégias adequadas aos alunos e conseqüentemente planificar e realizar um trabalho em conformidade.

A turma, numa fase inicial e por se tratar de uma turma do primeiro ano demonstrou essencialmente alguns problemas a nível das atitudes e da postura na sala de aula. Os alunos apresentavam dificuldade no que respeita a: estarem sentados, falar de forma

ordenada, partilhar os espaços e materiais com os colegas, organizar e limpar os espaços de trabalho, assim como de intervir de forma adequada.

Ao longo do trabalho que desenvolvi, também me fui apercebendo de algumas dificuldades sentidas pelos alunos, resultantes da falta de contacto e desconhecimento de materiais diversos. Verifiquei que a sua grande maioria, só conhecia os lápis de cor, os lápis de cera e as canetas de feltro. Ainda só alguns alunos afirmaram ter realizado exercício de modelação com plasticina.

Assim sendo, pensei cada UT beneficiando: o manuseamento de diferentes materiais, mas considerando sempre o panorama mundial, no que se refere à necessidade de manter uma atitude ecológica e de poupança dos recursos económicos. As UT desenvolvidas foram pensadas de forma a contemplar o máximo do aproveitamento dos recursos materiais disponibilizados, assim como o aproveitamento de desperdícios, reutilizando-os e dando-lhe outras funções. Foram pensadas estratégias que de uma forma lúdica permitissem o desenvolvimento da motricidade das crianças, da criatividade, da expressividade e o bom relacionamento interpessoal, contemplando exercícios de partilha de materiais e de envolvimento de toda a turma.

Todos os alunos revelaram curiosidade e interesse pelas atividades desenvolvidas e o desejo de aprender. Participaram com empenho nas atividades e tarefas propostas demonstrando agrado e vontade de continuar.

Os resultados mostraram-se bastante significativos, nomeadamente no que toca às relações interpessoais e à forma de participação na aula. Os alunos tornaram-se mais organizados, arrumados, responsáveis, cooperantes e empenhados nos trabalhos de grupo. A nível das aprendizagens verificou-se uma evolução ao nível do desenvolvimento técnico e expressivo, da aquisição de conhecimentos e vocabulário específico da disciplina.

Foi notório o sentimento dos alunos pela disciplina, visível nas várias manifestações de alegria, excitação e de prazer, apresentadas ao longo das atividades e nas experiências que foram realizando.

Com isto, tenho a certeza de ter traçado um caminho significativo, no sentido de cultivar nas crianças o gosto pela Arte.

## 1.2.2 EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA NO 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Como é referido no **CNEB (2001)**:

A Arte como forma de apreender o Mundo permite desenvolver o pensamento crítico e criativo e a sensibilidade, explorar e transmitir novos valores, entender as diferenças culturais e constituir-se como expressão de cada cultura. A relevância das Artes no sistema educativo centra-se no desenvolvimento de diversas dimensões do sujeito através da fruição-contemplação, produção-criação e reflexão-interpretação. (p.155)

Arte assume-se como uma componente integrante da Lei de Bases do Sistema Educativo. Nos três ciclos da educação básica os alunos têm a oportunidade de contactar, de forma sistemática, com a Educação Artística como área curricular. A abordagem às Artes Visuais faz-se através da Expressão Plástica, da Educação Visual e Tecnológica e da Educação Visual, que desempenham um papel essencial na consecução dos objetivos da Lei de Bases. (Ibidem)

Na **ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E PROGRAMAS DO 2º CICLO (1991)** é definido o objetivo principal da disciplina de EVT:

Situada como ponte entre os 1º e 3º ciclos do Ensino Básico, cabe à Educação Visual e Tecnológica estabelecer a transição entre os valores e as atitudes que se pretende promover ao longo de toda a escolaridade obrigatória. (p. 195)

Assim é considerada a importância da lecionação desta disciplina, pois ela vai ao encontro das necessidades atuais da educação, na medida em que adota a via construtivista do conhecimento, conseguida através da metodologia de resolução de problemas, promovendo desta forma a realização de atividades centradas nas vivências

do aluno e nos seus interesses, perspetivando a sua importância na “diversidade das experiências dos alunos e a integração das aprendizagens na vida vivida por eles”.  
**(MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E PROGRAMAS DO 2º CICLO, 1991 p. 2)**

Pelo facto de promover o desenvolvimento da capacidade de resolução de problemas, indo ao encontro dos interesses manifestados pelos alunos, verifica-se uma maior motivação e uma aprendizagem verdadeiramente significativa por parte dos mesmos.

Desta forma, a EVT parte da realidade prática para o conhecimento teórico numa perspetiva de integração do trabalho manual e do intelectual.

É nesta disciplina que é desenvolvido o saber prático e a aprendizagem experiencial.

As aprendizagens são feitas através da descoberta, promovendo o envolvimento ativo do aluno no processo da sua própria aprendizagem, o pensamento reflexivo e crítico e uma atitude cooperativa, abrindo desta forma caminho para um saber a vários níveis (o saber, o saber-ser e o saber-fazer).

Não há dúvida que a EVT, é um meio facilitador de aquisição de competências fundamentais na formação dos alunos.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E PROGRAMAS DO 2º CICLO (1991):**

Nesta perspetiva a EVT contribuirá, conjuntamente com as outras disciplinas e áreas curriculares para: no plano da formação pessoal, a integração da sensibilidade, do pensamento e da ação numa mesma atitude criadora e crítica como base de verdadeira autonomia e no plano social, a estruturação de valores, dos interesses, dos comportamentos individuais, em função de uma abertura crítica, compreensiva e interveniente, e de uma sociedade que democraticamente constrói o futuro, prezando simultaneamente, as expressões do seu passado e a dos outros povos, como manifestações do poder criador da humanidade. (p. 196)

A PES desenvolvida no 2º Ciclo, na disciplina de EVT, tal como na totalidade das PES, decorreu no Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros (Pólo 2), supervisionada pelo Professor Doutor Luís Manuel Leitão Canotilho e com a cooperação dos Professores Dina Pinela e Fernando Gonçalves que se demonstraram bastante recetivos à minha presença, considerando-me desde o início professora da turma.

A PES iniciou-se com uma aula de observação no dia 4 de Março do ano 2010 na qual tive o primeiro contacto com a turma B, do 6º ano do EB, turma que me foi atribuída pelo Agrupamento.

Os docentes titulares da turma, Professores Dina Pinela e Fernando Gonçalves apresentaram-me à mesma, explicando aos alunos a natureza da minha presença, assim como o facto desta se vir a tornar uma constante às terças e quintas-feiras nas aulas de EVT, ao longo das próximas catorze aulas.

De seguida foi a minha vez, apresentei-me aos alunos e expliquei a forma como iria desenvolver o meu trabalho, expressando o desejo de corresponder às suas expectativas.

Posteriormente os alunos continuaram o trabalho que tinham vindo a desenvolver desde o início do segundo período e de imediato requereram a minha atenção, pois fizeram questão, na sua maioria, de me mostrar o trabalho que estavam a realizar, assim como a forma como o estavam a desenvolver.

Esta primeira aula de observação contribuiu para uma melhor perceção dos alunos, das relações entre si e as suas relações com os docentes e a escola, nomeadamente no espaço aula, assim como perceber o trabalho que se estava a realizar e o seu grau de desenvolvimento.

A UT já em desenvolvimento pretendeu dar cumprimento ao anteriormente definido, para a área disciplinar e em concreto para esta turma, no PAA e no PCT.

Os alunos desta turma deveriam realizar um fato completo do Careto de Podence, assim como conhecer os diferentes fatos de Caretos característicos do Distrito de Bragança e experimentar algumas técnicas de execução de máscaras.

A referida UT pareceu-me um projeto interessante e ambicioso, uma vez que se pretendia despertar nos alunos a atenção e o interesse para o património cultural local e dar-lhes os necessários conhecimentos técnicos para a realização dos fatos de Careto.













No dia 9 de Março do ano de 2010, chegou a hora de trabalhar com a turma em cooperação com os professores titulares.

Iniciei o meu trabalho percorrendo a totalidade dos espaços aula ocupados, no sentido de verificar o trabalho que estava a ser realizado, o grau de desenvolvimento técnico dos alunos e as suas dificuldades.

Após identificação dos alunos que apresentavam dificuldades, dirigi-me aos seus locais de trabalho e fui fazendo algumas observações, explicações e demonstrações ao nível da utilização das ferramentas de trabalho, que foram recebidas com agrado pelos mesmos.

Tratava-se de uma turma constituída por 21 alunos sendo 10 raparigas e 11 rapazes e o nível etário dos alunos situava-se entre os 10 e 13 anos. A maioria dos alunos apresentava um comportamento normal para esta fase etária excedendo-se um pouco devido a serem todos bastante conversadores. De salientar o aluno n.º 17 portador de surdez bilateral, pelo que integrou medidas educativas no âmbito do Decreto-Lei 3/2008, nomeadamente adequações curriculares individuais, adequações no processo de avaliação e apoio personalizado.

Nesta turma apenas foi desenvolvida uma UT, no entanto nela era abrangido diferentes áreas de exploração e vários conteúdos, como se pode verificar na tabela seguinte. [Tabela 2]

<b>UNIDADE CURRICULAR</b>	<b>ÁREAS DE EXPLORAÇÃO</b>	<b>CONTEÚDOS</b>
“Caretos e Matrafonas”	 Construção  Desenho  Pintura  Tecelagem e Tapeçaria  Vestuário	 Comunicação  Estrutura  Forma  Geometria  Luz/ cor  Material  Trabalho

**Tabela 2 – GRELHA DA UNIDADE CURRICULAR TRABALHADA E REFERENTES ÁREAS DE EXPLORAÇÃO E CONTEÚDOS ABORDADOS NO SEGUNDO CICLO**

No que se refere à PES realizada no 2º Ciclo, na disciplina de EVT, visto ser uma turma do sexto ano, desenvolvi todo o trabalho contribuindo para a formação de pessoas criativas, autónomas e participativas, promovendo o desenvolvimento da perceção, das aptidões técnicas e manuais, da capacidade de intervenção e de entendimento do património local. Tornando, desta forma, os alunos capazes de: executar projetos aplicando os materiais e técnicas escolhidas tendo em conta as suas características; discriminar tátil e visualmente, as qualidades particulares de um todo, compreendendo os seus aspetos históricos, físicos e sociais; de assimilar conhecimentos técnicos de uso de utensílios, ferramentas e equipamentos em função dos fins para os quais foram concebidos, integrando gestos e atitudes nos processos operatórios com preocupação de rigor, segurança, economia, eficácia e higiene, visando como fim primordial o contributo para a preservação do património e o desenvolvimento e a continuidade de tradições locais.

De seguida são apresentadas algumas fotografias, nas quais é possível perceber as características e a qualidade do trabalho realizado pelos alunos. [Figuras 11 a 24]

#### **EXPLORAÇÃO DA TÉCNICA DE ESCULPIR EM MADEIRA**



**Figura 11: Aluno a esculpir uma máscara**



**Figura 12: Aluno a lixar uma máscara**

### **ACABAMENTO DAS MÁSCARAS**



**Figuras 13 e 14: Alunos a envernizar máscaras**

### **MÁSCARAS EM MADEIRA**



**Figura 15: Alunos mostrando as máscaras realizadas**

### MÁSCARAS EM CHAPA



Figuras 16, 17 e 18: Máscaras em chapa realizadas pelos alunos

### MÁSCARAS EM CORTIÇA



Figuras 19, 20 e 21: Máscaras em cortiça realizadas pelos alunos

### TECELAGEM DE FRANJA PARA UM FATO DE CARETO



Figuras 22: Alunos a tecer franja



**Figuras 23 – Alunas a tecer franja**

**FATO DE CARETO**



**Figura 24: Fato de Careto de Podence realizado**

Desenvolvi o meu trabalho, no sentido de conhecer os alunos, ajudá-los a ultrapassar as suas dificuldades, a desenvolverem comportamentos de cooperação, de partilha e de respeito mútuo, mas também promover o conhecimento da cultura local. Para tal proporcionei-lhes atividades de aprendizagem de técnicas específicas da construção de Caretos, potencializando as capacidades dos alunos, de forma a estes poderem ser indivíduos interventivos, promovendo a continuidade de tradições.

Ao longo deste período a relação entre mim e os alunos da turma foi cordial, permitindo uma fácil transmissão de conhecimentos e um favorável ambiente de trabalho.

Em termos disciplinares, a turma apresentou um comportamento razoável, não se tendo registado ao longo do período de estágio casos graves de indisciplina. Sempre que ocorriam situações incorretas procurei leva-los à razão para que estas não se voltassem a repetir.

Com os professores cooperantes, foi sempre alvo de discussão a forma, o grau e qualidade de trabalho desenvolvido em cada aula e a organização da aula seguinte, resultando num interessante trabalho de cooperação, de troca de conhecimentos e experiências, essencialmente no que respeita à utilização de técnicas.

Verificando o nível técnico apresentado, a qualidade e quantidade de trabalho desenvolvido pelos alunos considero que os meus objetivos foram superados.

### 1.2.3 EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Hoje com a aplicação generalizada dos novos planos curriculares do EB, o desenvolvimento da ET nas escolas apresenta fortes contradições derivadas em parte da consequência lógica da própria reforma, mas também devido às persistentes indefinições que esta área educativa deve ter na formação dos jovens.

Atualmente, esta disciplina dispendo de um estatuto autónomo nos currículos escolares, ainda não é extensível a todos os alunos do EB, devido ao seu lugar opcional no 3º ciclo.

No entanto no **CNEB (2001 p.191)** é referido que a ET se orienta para a promoção da cidadania, valorizando os múltiplos papéis do cidadão utilizador, através de competências transversais: como as competências do utilizador individual, do utilizador profissional e do utilizador social que dão origem à construção do perfil que define um cidadão tecnologicamente competente capaz de apreciar e considerar as dimensões

sociais, culturais, económicas, produtivas e ambientais resultantes do desenvolvimento tecnológico.

Logo a seguir o **CNEB (2001 pp. 192-210)** apresenta as competências específicas que o aluno deve adquirir ao longo do EB no âmbito das aprendizagens em tecnologia e sua organização em três eixos fundamentais, os quais mobilizam os saberes culturais, científicos e tecnológicos dos alunos.

Quanto às experiências educativas organizadas a partir das componentes estruturantes do campo tecnológico encontram-se bem definidas, mas extensíssimas surgindo algumas dificuldades de formação sentida por alguns docentes em algumas destas componentes.

No entanto, o professor com a sua capacidade de adaptação permanente a novas situações, com a sua permanente vontade de investigação e aprofundamento do saber tem em muito ultrapassado algumas dessas limitações, no sentido de levar os alunos a conhecer o mundo em que vivemos, as coisas que nos rodeiam, desenvolvendo competências sobre diferentes tipos de atividades técnicas, sobre os fundamentos das transformações sociais e dos impactos ambientais causados pelo processo tecnológico. Levando igualmente a que os alunos adquiram conhecimentos ao nível das aplicações práticas da tecnologia, da sua linguagem e sistemas de comunicação utilizados, métodos de organização de pesquisa e planeamento de trabalho, desenvolvendo no mesmo o espírito crítico, as suas aptidões técnicas e manuais, a capacidade de resolver problemas e o sentido de desenvolver a capacidade de intervir de forma pertinente, sendo capaz de tornar o mundo diferente e melhor.

A ET prepara o aluno para que ele aprenda durante toda a vida e não somente na escola, despertando o prazer de descobrir, construir e reconstruir o conhecimento.

É um facto que a tecnologia se faz cada vez mais presente, no nosso dia-a-dia, desta forma é preciso estar atento para a diferença entre entendê-la e dominá-la. Torna-se assim essencial o ensino desta disciplina, que é uma importante ferramenta no ensino de competências e habilidades tanto no campo profissional assim como no desenvolvimento das relações pessoais, preparando os jovens para os desafios do mercado de trabalho, ensinando-os a trabalhar em cooperação e a pensar o mundo de forma mais alargada. É urgente o investimento na educação e no ensino da tecnologia como única solução para inovar, conceber e produzir mais.

A PES desenvolvida no 3º Ciclo, na disciplina de ET, tal como na totalidade das PES, decorreu no Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros, mas no Pólo 3, supervisionada pelo Professor Doutor Luís Manuel Leitão Canotilho e com a cooperação da Professora Veneranda Pereira.

A PES iniciou-se com uma aula de observação no dia 29 de outubro do ano de 2010, na qual tive o primeiro contacto com a turma G do 7º ano, turma que me foi atribuída pelo Agrupamento.

A docente titular da turma, Professora Veneranda Pereira apresentou-me à turma, explicando aos alunos a natureza da minha presença, assim como o facto desta se vir a tornar uma constante às quintas-feiras à tarde e durante um período de quinze aulas.

Posteriormente apresentei-me, explicando a forma de como iria desenvolver o meu trabalho, expressando o desejo de que este contribuísse para o enriquecimento das suas aprendizagens.

De seguida a docente titular da turma continuou a lecionação dos conteúdos abordados na aula anterior (“A atividade técnica” e “Invenções que transformaram o Mundo”).

Esta primeira aula de observação contribuiu para uma perceção dos alunos, embora não tivesse sido a ideal, uma vez que se realizou numa sala de aula que não a habitual e ainda a natureza da aula não era a mais usual, pois tratava-se de uma aula teórica.

A segunda aula decorreu no dia 04 de novembro do ano de 2010. Iniciei o diálogo com a turma relembrando os conteúdos lecionados na aula anterior, no qual os alunos se mostraram bastante intervenientes.

Posteriormente continuei a lecionar os conteúdos subsequentes, contando sempre com as intervenções pertinentes da professora titular.








Ao longo da aula fui tirando as dúvidas manifestadas e respondendo às questões que os alunos foram colocando.

Tratava-se de uma turma constituída por 19 alunos sendo 11 raparigas e 8 rapazes. O nível etário dos alunos situava-se entre os 11 e 14 anos.

A maioria dos alunos apresentou um comportamento normal para esta fase etária excedendo-se um pouco devido a serem todos bastante conversadores. De salientar como alunos perturbadores do normal funcionamento das aulas: os alunos 5, 14 e 18, que revelaram dificuldades de concentração e empenho nas atividades, assim como falta de estudo, falta de autonomia /sentido de responsabilidade e dificuldades de atenção/

concentração nas aulas. É de salientar ainda a aluna número 7, aluna com Necessidades Educativas Especiais.

No que se refere as UT desenvolvidas, é de salientar que houve a preocupação de se dar cumprimento ao programado em área disciplinar e nomeadamente ao estipulado para a disciplina no PAA e no PCT, com a preocupação de abordar os campos de atividade tecnológica e os blocos de conteúdos previamente definidos para serem lecionados no 1º e 2º períodos, sendo estes expostos na tabela seguinte. [Tabela 3]

<b>UNIDADE CURRICULAR</b>	<b>CAMPOS DE ATIVIDADE TECNOLÓGICA</b>	<b>BLOCOS DE CONTEÚDOS</b>
“O Homem pensa, logo cria...”	 Tecnologia e desenvolvimento social	 Tecnologia e Sociedade
“Viver o Natal Ajudando o Ambiente”	 Tecnologia e desenvolvimento social  Tecnologia e consumo	 Tecnologia e Sociedade
“Criação de um Candeeiro”	 Objeto técnico  Planeamento e desenvolvimento de produtos e sistemas técnicos  Materiais  Fabricação-construção  Sistemas tecnológicos	 Processo tecnológico  Conceitos, princípios operadores tecnológicos

**Tabela 3 – GRELHA DAS UNIDADES CURRICULARES TRABALHADAS E REFERENTES CAMPOS DE ACTIVIDADE TECNOLÓGICA E BLOCOS DE CONTEÚDOS ABORDADOS NO TERCEIRO CICLO, NA DISCIPLINA DE ET**

No que se refere à PES realizada no 3º Ciclo, na disciplina de ET, visto ser uma turma do 7º ano, desenvolvi todo o trabalho tendendo o contributo para a formação de pessoas criativas, autónomas e participativas, promovendo a cultura e a literacia tecnológica reclamada pela presença da tecnologia no nosso quotidiano, no intuito de desenvolver nos alunos a capacidade de identificar, apreciar e considerar as dimensões sociais, culturais, económicas, produtivas e ambientais resultantes do desenvolvimento tecnológico vigente. Considerando a capacidade do homem de transformar os materiais existentes na natureza em utensílios, máquinas e sistemas de modo a trazer o máximo benefício para os indivíduos, torna-se primordial que os alunos além de entenderem o mundo tecnológico, desenvolvam o espírito científico, a capacidade de comunicação, as aptidões técnicas e manuais e a capacidade de resolver problemas de design. Assim sendo, o trabalho realizado pela turma permitiu que desenvolvessem conceitos e operações básicas, compreendendo problemas sociais e éticos (colocados pelo desenvolvimento tecnológico), promoveu a participação crítica e construtiva na resolução de questões, assim como, permitiu a utilização de instrumentos tecnológicos de produção, de comunicação, de pesquisa, de resolução de problemas e a tomada de decisões.

Pensei igualmente cada UT beneficiando: o manuseamento de diferentes materiais, mas também necessidade de manter uma atitude ecológica e de poupança dos recursos económicos, para que se verificasse o máximo do aproveitamento dos recursos materiais disponibilizados, assim como o aproveitamento de desperdícios, reutilizando-os e dando-lhe outras funções, promovendo a criatividade, a expressividade e o bom relacionamento interpessoal, contemplando exercícios de partilha de materiais e de envolvimento de toda a turma.

Estando previsto no PAA e no PCT a comemoração do Natal, foram realizados na segunda unidade de trabalho alguns elementos decorativos de Natal (coroas e centros de natal), na qual os alunos tiveram de proceder à sua construção partindo de elementos existentes na natureza.

Realizaram também algumas prendas para oferecer (carteiras, mealheiros...), tendo demonstrado especial interesse pela criação de alfinetes a partir de cápsulas da “Nespresso”.

De seguida são apresentadas algumas fotografias, nas quais é possível perceber as características do trabalho realizado pelos alunos. [Figuras 25 a 34]

**TRABALHOS DESENVOLVIDOS NA UT “VIVER O NATAL  
AJUDANDO O AMBIENTE”**



**Figura 25: Centro de natal**



**Figuras 26 e 27 – Alfinetes realizados a partir de cápsulas da “Nespresso”**

Na última UT desenvolvida orientei os alunos nos diferentes grupos, no sentido de conseguirem construir um candeeiro considerando a reutilização de materiais.

A referida UT foi realizada em grupo devido ao pouco tempo disponível para a concretização da mesma, que se poderia tornar um pouco complexa, com soluções muito diferentes de aluno para aluno, ao nível das suas características, da utilização materiais, técnicas e utensílios.

Como forma de estímulo e inspiração, foi-lhes mostrado um PowerPoint no qual eram visíveis vários candeeiros realizados a partir de materiais diversos, considerados “lixo”.

Após visualização do mesmo, os alunos mostraram-se muito motivados, apresentando resultados bastante satisfatórios como é visível nas imagens seguintes.

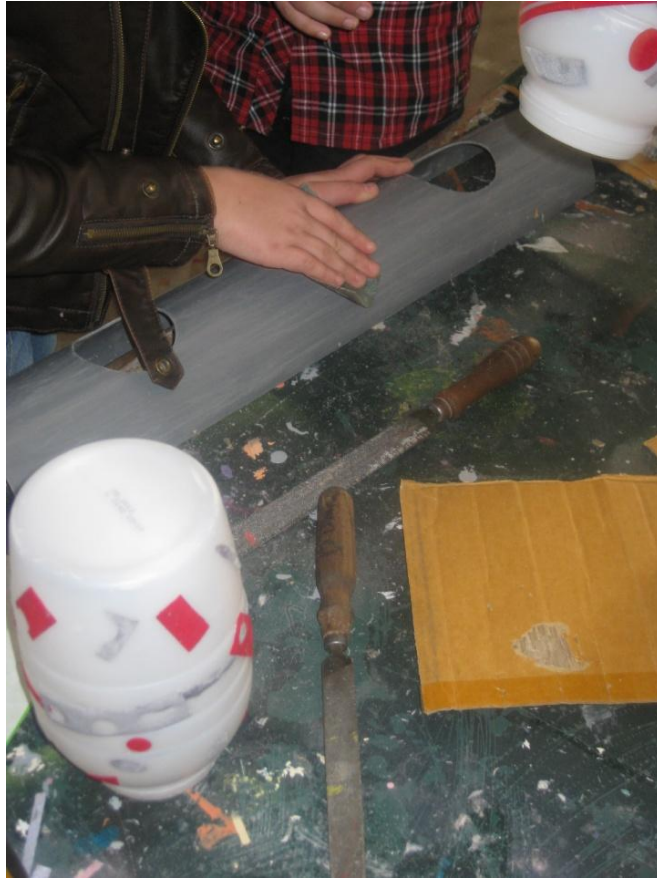
**TRABALHOS DESENVOLVIDOS NA UT “CRIAÇÃO DE UM  
CANDEEIRO”**



**Figura 28 – Candeeiro e mealheiro**



**Figura 29 – Candeeiro realizado por uma aluna**



**Figura 30 – Processo de construção de um candeeiro**



**Figura 31 – Processo de construção de um candeeiro**



**Figura 32 – Candeeiro realizado a partir de um tubo de PVC e de embalagens de creme de corpo da “Mustela”**



**Figura 33 – Candeeiro em funcionamento**



**Figura 34 – Candeeiro realizado a partir de caixa de sapatos e embalagens de “Ovomaltine”**

Por se tratar de uma turma que continha alguns elementos um pouco perturbadores e porque as UT desenvolvidas implicavam constante deslocação na sala de aula e a divisão da mesma em espaços específicos de trabalho, verificaram-se alguns problemas a nível das atitudes e da postura na sala de aula. As condições de trabalho, nomeadamente a sala de aula, também não era a mais adequada, embora estivesse preparada para a realização de trabalhos essencialmente práticos, munida de mesas individuais, uma mesa grande que permitia o trabalho em grupo e o desenvolvimento de trabalhos de grandes dimensões, o teto era bastante elevado, o chão em cimento e as suas grandes dimensões, eram favoráveis à ampliação do som e tornava-se muito fria no Inverno, uma vez que a sua cobertura era só telhas de cimento. Todas estas condições levavam a que os alunos não se sentissem num ambiente confortável, fazendo com que estes, de forma quase involuntária, se exaltassem, levando por vezes à confusão.

Ao longo do trabalho que desenvolvi, também me fui apercebendo de algumas dificuldades sentidas pelos alunos, resultantes da falta de conhecimento de vocabulário específico, nomeadamente o nome dos utensílios de trabalho, suas formas e técnicas de utilização, assim como capacidades pouco desenvolvidas ao nível da motricidade fina, verificando-se uma enorme dificuldade em manusear matérias e ferramentas.

Considerando o anteriormente referido, o meu trabalho centrou-se no ensino da correta identificação e eficaz manuseamento dos diferentes utensílios, na explicação e demonstração das técnicas de trabalho e dos diferentes materiais, na concentração e no favorecimento da participação ordenada.

Todos os alunos revelaram curiosidade e interesse pelas atividades desenvolvidas e o desejo de aprender. Participaram com empenho nas atividades e tarefas propostas demonstrando agrado e vontade de continuar.

Foi verificado o envolvimento da totalidade da turma no desenvolvimento dos diferentes projetos, mesmo daqueles alunos que apresentavam interesses diferentes dos escolares, obtendo-se resultados, nomeadamente no que toca às relações interpessoais, à forma de participação na aula, à forma de organização dos espaços e das tarefas a desenvolver, ao entendimento da disciplina a nível da sua dimensão cultural e formativa.

A nível das aprendizagens verificou-se uma evolução ao nível do desenvolvimento técnico e expressivo e da aquisição de conhecimentos e vocabulário específico da disciplina.

Considerando que a disciplina de ET é um meio favorável à preparação dos alunos desenvolvendo a sua capacidade de dar resposta a solicitações que surgem de necessidades sentidas. Implicando, para tal, a colocação e resolução de problemas concretos, levando a uma lógica e uma dinâmica reflexivas (pensamento/ ação/ reflexão) que lhe são peculiares. Ao longo do período de estágio procurei coordenar os alunos no sentido de pensar e desenvolver as UT indo de encontro ao interesse/necessidades sentidas pelos mesmos, assim como de selecionar as áreas de exploração consideradas mais pertinentes, onde se incluíram os conteúdos que melhor se ajustavam às diretrizes estipuladas a nível escolar, bem como aos objetivos anteriormente enunciados.

Durante o período de estágio procurei conhecer os alunos, ajudá-los a ultrapassar as suas dificuldades, promovendo o desenvolvimento de comportamentos de cooperação, partilha e de respeito mútuo, mas também o desenvolvimento de capacidades técnicas, cognitivas, afetivas, atitudinais, operativas, criativas, sociais, éticas; de forma a estes poderem ser indivíduos interventivos.

Ao longo deste período a relação entre mim e os alunos da turma foi cordial, permitindo a reflexão e discussão sobre os projetos que estavam a ser desenvolvidos, a explicação e o conseqüente desenvolvimento de técnicas diversas de execução.

Em relação à professora cooperante, foi sempre alvo de discussão a forma, o grau e qualidade de trabalho desenvolvido em cada aula e a organização da aula seguinte.

Foram-lhes disponibilizadas as planificações de UT e de Aula a Aula atempadamente e foi desenvolvido todo um interessante trabalho de cooperação, de troca de conhecimentos e experiências.

Procurei desempenhar o meu trabalho dando o melhor de mim, de forma a contribuir para o aumento do conhecimento e o desenvolvimento de competências dos alunos.

Considerando o desempenho dos alunos a nível técnico, a nível dos trabalhos realizados, assim como no que diz respeito à mudança positiva de comportamentos e atitudes, considero que os meus objetivos foram conseguidos.

#### 1.2.4 REFLEXÃO FINAL SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE ENSINO – APRENDIZAGEM REALIZADAS

Nesta primeira parte do presente relatório final é feita uma breve descrição e reflexão das experiências de ensino-aprendizagem realizadas no EB, nos diferentes graus de ensino e nas disciplinas de EEP, EVT e EV.

Considero que a nível da realização dos referidos estágios pedagógicos, valeu a pena todos os investimentos concretizados, uma vez que me permitiram progresso e maior desenvoltura a nível da realização do trabalho letivo inerente às diferentes disciplinas, levando-me a mudanças ao nível da investigação, intervenção e reflexão, considerando sempre a articulação e o desenvolvimento de atividades em função do CNEB, do PE, do PAA e dos PCT.

Os estágios pedagógicos além de terem contribuído para o desenvolvimento dos referidos projetos no que diz respeito aos seus objetivos, proporcionaram também aos alunos a possibilidade de concretização de atividades que lhes despertaram interesse levando-os ao desenvolvimento de competências quer a nível dos seus conhecimentos quer das suas capacidades.

Em cada momento de preparação de uma aula, senti a responsabilidade de planificar, considerando a transmissão de conhecimento de forma perceptível e adequada a cada nível de ensino. Ao longo do ano, dediquei-me sempre à preparação das aulas com cuidado, no sentido de promover a aprendizagem dos conteúdos curriculares e também o desenvolvimento das competências e capacidades dos alunos, criando estratégias que fomentassem a atenção e o interesse dos mesmos.

A partilha dos conhecimentos e competências dos Professores Cooperantes permitiram-me ultrapassar dificuldades, ampliar e aperfeiçoar o meu conhecimento didático e científico.

A oportunidade de lecionar em diversas disciplinas ligadas às artes visuais, que até então, só as conhecia por via académica foi enriquecedora. A realidade vivida permitiu-me compreender as diferenças existentes nos vários níveis do EB, quer a nível dos conhecimentos, das capacidades adquiridas e mesmo relativo aos diferentes níveis de utilização da língua materna, promovendo o desenvolvimento de competências importantes para o meu desempenho enquanto docente, levando-me a perceber e conhecer quais os comportamentos e atitudes adequados aos diferentes níveis etários dos alunos. Como tal, verifiquei que, após os estágios, a minha experiência permitiu que evoluísse no sentido de pôr em prática os novos conhecimentos, alcançasse os meus objetivos de forma adequada e mais rápida, assim como permitiu a perceção dos interesses dos alunos, nas diferentes faixas etárias e sexos, levando a que a minha aproximação aos mesmos fosse mais eficaz, criando-se um clima de abertura e diálogo favoráveis ao bem – estar dos mesmos.

Pelo anteriormente enunciado, é pertinente que os docentes e as escolas invistam na formação, no sentido de enfrentar as novas realidades. Considero, que por isso, a aposta na formação é uma forma de valorização, quer face as exigências atuais quer face às futuras.

Uma vez que é a escola o local ideal para a formação de cidadãos conscientes e responsáveis e o professor o agente fundamental neste delicado processo de construção de uma sociedade que tem a seu cargo a responsabilidade e a tarefa de formar indivíduos capazes, integrados e potencializadores de uma sociedade justa e com valores, foi neste contexto que entendi as minhas aulas como um espaço excepcional de aprendizagens e descobertas através do diálogo, da reflexão, da experimentação, da expressão espontânea e essencial no desenvolvimento da motricidade fina. Com forte carga lúdica, as atividades e práticas de exploração expressiva articuladas com os conteúdos programáticos das disciplinas, pretenderam ser ricas no despertar da sensibilidade, da imaginação e do sentido crítico podendo assim construir um estímulo ao desbloquear da criatividade.

Foi também um espaço com fins educativos, destinado a reunir um conjunto de recursos úteis para o desenvolvimento das aulas e que vão de encontro aos interesses dos alunos.

Foi muito gratificante ver o resultado do trabalho realizado depois de ter incentivado os alunos a envolverem-se em projetos e atividades programadas, tendo o prazer de os acompanhar e ajudá-los a ultrapassar as suas dificuldades e registar algumas expressões espontâneas, de surpresa ou desabafo que eles por vezes libertam quando trabalham – *“nunca pensei que ia conseguir fazer um trabalho assim”*, ou então – *“estas aulas passam tão rápido”* - pelo que foi importante recorrer a diferentes metodologias de trabalho, diferentes recursos e partilha de experiências, diversas vivências, no sentido de os ajudar e proporcionar momentos de aprendizagem, incentivando-os a continuar e a gostar da vida escolar para que estes participem nela de forma ativa e empenhada.

Neste sentido, envolvi os alunos em atividades tais como: na disciplina de EEP, as UT “Marcadores de Livros para o Dia do Pai”, “A Primavera”, “Vamos pintar com recortes”, “Vamos criar a terra dos dinossauros”, “Trabalho para a minha mãe”, “Monstro Amigo”, “Nós somos assim ...” e “Fantoches”, que pela diferença foram alvo de atenção e elogio por parte de alguns elementos da comunidade educativa e encarregados de educação. Na disciplina de EVT a Exposição de Caretos, em que os alunos da turma participaram com máscaras realizadas em vários materiais e um fato de Careto de Podence, em tamanho natural, exposição esta que esteve patente ao público na casa Falcão durante o Verão de 2010 e na Biblioteca Municipal de Macedo de Cavaleiros durante o mês de Março de 2011, sendo constantemente solicitada para outras exposições. Na disciplina de ET foram desenvolvidas as UT “Viver o Natal Ajudando o Ambiente” e “Criação de um Candeeiro” desenvolvidas a partir de material reutilizado, promovendo e incentivando desta forma, a participação dos alunos como membros preocupados e responsáveis de uma comunidade.

No entanto, mais do que a quantidade e qualidade de material realizado pelos alunos, o que realmente interessa é o impacto que ele teve nas minhas práticas educativas e na maneira como as mesmas se refletiram nos alunos e esse foi indiscutivelmente muito positivo.



## **PARTE II**

# **2 INVESTIGAÇÃO SOBRE UM TEMA RELEVANTE PARA A EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA NO ENSINO BÁSICO**

### **2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO/PROBLEMA**

As minhas experiências anteriores, os meus pensamentos, os estudos realizados, as minhas referências, os meus professores, as suas orientações, a partilha por parte de colegas, o trabalho realizado com bons profissionais, permitiu-me desenvolver e traçar estratégias adequadas a cada situação, traçar caminhos no que diz respeito à minha forma de atuação, à minha habilidade para planear, numa época tão conturbada, em que as escolas deverão ser capazes de acompanhar o ritmo intenso a que se desenvolve o conhecimento. Planificar implica regular, rever, corrigir, estar em constante atualização, em nome do que se pretende alcançar.

Contudo não podemos descurar a observação direta dos nossos alunos, só desta forma poderemos avaliar corretamente os seus interesses, conhecimentos e habilidades, que tanto se têm modificado ao longo dos últimos anos.

Com efeito, ao longo da minha atividade docente e considerando a experiência que fui adquirindo, verifiquei que os alunos apresentam dificuldades crescentes ao nível da destreza motora, ao nível da motricidade fina, bastante visíveis quando executam atividades como medir, cortar, pintar, modelar...; não compreendem as formas, apresentando imensas dificuldades em representá-las bi e tridimensionalmente, apresentam dificuldades na compreensão do volume e do espaço que os objetos ocupam. Todas estas limitações são, sem dúvida, elementos inibidores da criatividade e da livre expressão.

A cidade de Macedo de Cavaleiros, assim como em todo o distrito onde está inserida é pobre ao nível do património artístico, o mesmo não se poderá dizer ao nível do património cultural, existem raízes bem vincadas ao nível dos costumes e tradições. Apesar de se ter verificado um desvanecer dos mesmos ao longo dos anos, consequência da diminuição das populações rurais e sua migração para o litoral. No entanto, constato que na última década tem-se vindo a verificar um esforço notório no que toca a fazer reviver os costumes e tradições das populações transmontanas, considerando as suas diferenças e suas habilidades (artesaniais, culinárias...), apostando na exploração / divulgação de uma identidade tão rica, tão única que é a cultura transmontana nos níveis imaterial e material.

É do senso comum que os jovens não se sentem motivados por este tipo de cultura, uma cultura regional, artesanal, antiga, distante de uma cultura tecnológica em franco desenvolvimento. Por outro lado há dificuldade em encontrar quem desenvolva esta cultura artesanal, uma vez que as pessoas que nela trabalhavam já faleceram e outras são idosas, fazendo com que a passagem dos conhecimentos e técnicas inerentes aos diversos ofícios se tenha tornado mínima. Por outro lado o afastamento das populações mais jovens das aldeias e do contacto dos mesmos com os seus avós e familiares mais idosos faz com que se torne cada vez mais difícil a transmissão da cultura local, costumes e vivências, contribuindo para um desinteresse e desconhecimento das mesmas.

Citando **ALYSSON CARVALHO (2002)**:

Brincadeiras, cantigas, histórias tradicionais têm-se perdido na vivência contemporânea urbana da criança que tem substituído o brincar ativo pela passividade diante da TV e do computador, ou o lazer reduzido a espaços sociais como play grounds de condomínios, idas ao shopping, ou substituídos por cursos livres de natação, dança, línguas, etc... (p.18)

Neste contexto podemos dizer que as vivências das crianças e jovens têm-se vindo a alterar, verificando-se um rompimento com as vivências tradicionais.

Perante tal situação, os alunos não desenvolveram habilidades manuais, que até agora eram desenvolvidas pelas crianças de meios rurais. Atualmente as crianças

trabalham essencialmente em suportes bidimensionais em detrimento da tridimensionalidade.

Neste contexto e sendo o desenvolvimento da criatividade e o desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação eixos fundamentais à Literacia das Artes formulei a seguinte questão: **O que fazer para ajudar os alunos a colmatar as suas dificuldades motoras, canalizando as suas emoções, desenvolvendo a sua criatividade, expressando o seu mundo interior?**

Tem-se tornado evidente que os professores privilegiam a lecionação de determinados conteúdos em detrimento de outros. Estou convicta de que não será por os considerarem menos importantes, mas por sentirem limitações a vários níveis, não forçosamente só a ver com a formação do professor, mas essencialmente ao nível das condições de trabalho. As limitações são grandes e devem-se: à pouca importância que é dada às disciplinas de expressões, ao custo dos materiais, às condições salas de aula (salas sem equipamento necessário; salas nas quais funcionam várias disciplinas, diferentes docentes e turmas; sem arrumos ou arrecadações, não permitindo a continuidade de trabalhos de grande porte ao longo de várias aulas...) e ainda a constante redução de horas para lecionação, sofrido pelas disciplinas ligadas à EVT nos últimos anos, sem reformulação dos programas.

Não obstante as referidas limitações, o professor poderá contornar estas dificuldades, podendo dispor de inúmeros materiais, aplicando técnicas diferenciadas, proporcionando ao aluno a oportunidade de usar a sua criatividade, ser inventivo e de criar.

O estudo da temática, desde início permitiu-me compreender que esta era uma problemática complexa, uma vez que a literatura disponível relativa ao tema era muito pouca e a literatura referenciada por projetos de investigação com temas similares, data da década de 70, não se encontrando disponível nos meios usuais.

Sem dúvida a importância do desenvolvimento da motricidade é fundamental para a criança, é essencial recorrer à sua estimulação. Desta forma, as disciplinas de expressões têm um papel fundamental no seu desenvolvimento, essencialmente a EVT ao nível da motricidade fina.

Considerando o anteriormente referido, pretendo analisar em que medida os professores das disciplinas de expressões, aplicando atividades de modelação diversificadas, poderão contribuir para o desenvolvimento das capacidades motoras do

aluno, incentivando-o e motivando-o de forma a exteriorizar o seu “eu” permitindo desta forma o desenvolvimento da noção de volume, de espaço e da sua criatividade.

Este trabalho tem como base o trabalho desenvolvido por mim, na situação de professora estagiária e é resultante da minha interação com os alunos que participaram na presente situação investigativa.

A pesquisa que apresento seguiu os seguintes passos: inicialmente apresento um breve estudo sobre os conteúdos lecionados e recursos utilizados mais frequentemente pelos professores do 1º ciclo, na disciplina de EEP, assim como as limitações sentida pelos mesmos na sua leção, tendo como objetivo fundamentar algumas das afirmações proferidas anteriormente.

Posteriormente faço um levantamento bibliográfico, construindo um referencial teórico e a partir do qual desenvolvi o presente estudo, realizado durante a PES, na disciplina de EEP, do 1º Ciclo do EB, e, a partir da observação direta, fiz a análise dos dados a fim de elaborar um texto reflexivo e descritivo.

### 2.1.1 ATIVIDADES, RECURSOS E LIMITAÇÕES NO ENSINO DA EEP

Este estudo foi realizado no distrito de Bragança e tem como finalidade fundamentar algumas das afirmações feitas no capítulo anterior, nomeadamente no que diz respeito ao facto: das crianças trabalharem essencialmente a bidimensionalidade e muito pouco a tridimensionalidade; dos professores privilegiarem a leção de determinados conteúdos em detrimento de outros e ainda ao nível das limitações sentidas pelos docentes.

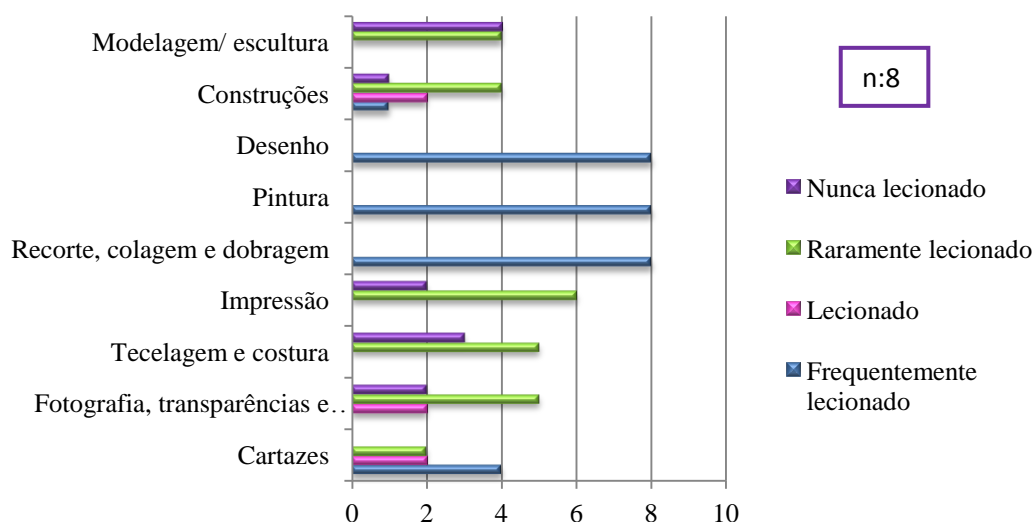
A investigação envolveu 8 docentes do 1º ciclo, sendo 6 docentes do sexo feminino e 2 do sexo masculino e sendo, na sua totalidade detentores de Licenciatura com habilitação para a docência no 1º ciclo.

O presente estudo, assume a metodologia de uma pesquisa exploratória. Permitindo obter uma panorâmica mais concreta dos conteúdos e atividades desenvolvidas no ensino da EEP, dos recursos (materiais, instrumentos e suportes) mais utilizados, assim como das principais limitações sentidas pelos docentes na leção da EEP.

Para melhor compreender estas questões foi utilizado o método de pesquisa de inquérito por questionário, uma vez que é a forma mais rápida de obter informações.

Para além das questões relativas à caracterização da amostra o questionário é composto por cinco questões de resposta fechada e cinco de resposta aberta. [Apêndice2]

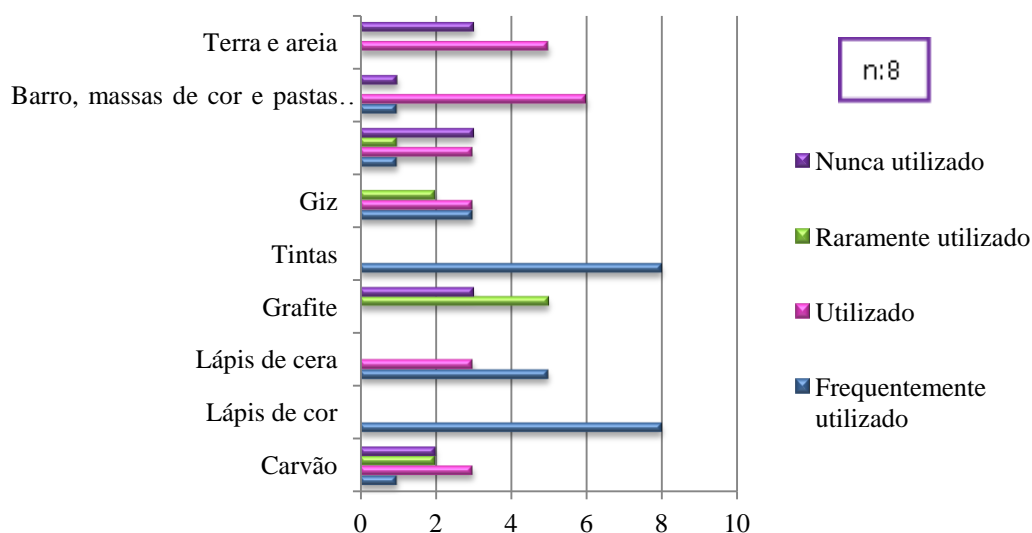
O estudo assume assim uma vertente qualitativa mas é predominantemente quantitativa.



**Gráfico 1 – CONTEÚDOS/ ATIVIDADES**

- Relativamente aos conteúdos modelagem/ escultura 50% dos docentes lecionam-nos e 50% lecionam-nos raramente. Quanto ao conteúdo construções 50% dos docentes lecionam-no raramente, 25% lecionam-no, 12,5% nunca o lecionam e 12,5% lecionam-no frequentemente. 100% dos docentes lecionam frequentemente os conteúdos: desenho; pintura e recorte, colagem e dobragem. No que diz respeito ao conteúdo impressão, 75% dos docentes lecionam-no raramente e 25% nunca o lecionam. Verificasse que 62,5% dos docentes raramente lecionam os conteúdos tecelagem e costura e 37,5% nunca os lecionam. 62,5% dos docentes lecionam raramente os conteúdos fotografia, transparências e meios audiovisuais, 50% nunca os lecionam e 50% lecionam-nos. Quanto ao conteúdo cartazes, 50% dos docentes lecionam-no frequentemente, 25% dos docentes raramente o lecionam e 25% dos docentes lecionam-no.

- Resultado:** Verificou-se que entre os conteúdos mais lecionados estão o desenho, pintura e recorte, colagem e dobragem. Que os conteúdos fotografia, transparências e meios audiovisuais, construções e cartazes são lecionados, mas menos frequentemente. Verifica-se igualmente que os conteúdos moldagem /escultura, impressão e tecelagem e costura nunca ou raras vezes são lecionados.



**Gráfico 2 – RECURSOS/ MATERIAIS**

- Relativamente aos materiais terra e areia 62,5% dos docentes utilizam-no e 37,5% nunca o utilizam. Quanto aos materiais barro, sabão, massas de cor e pastas diversas 75% dos docentes utilizam-nos, 12,5% nunca os utilizam e 12,5% utilizam-nos frequentemente. 37,5% dos docentes nunca utilizam os materiais barras de sabão, cortiça e cascas de árvore, 37,5% utilizam-nos, 12,5% raramente os utilizam e 12,5% utilizam-nos frequentemente. No que diz respeito ao material giz, 37,5% dos docentes utilizam-no, 37,5% utilizam-no frequentemente e 25% raramente o utilizam. Verificasse que 100% dos docentes utilizam frequentemente os materiais tintas e lápis de cor. Quanto ao recurso grafite 62,5% dos docentes raramente o utilizam e 37,5% nunca o utilizam. 62,5% dos docentes utilizam frequentemente o material lápis de cera e 32,5% utilizam-no. Quanto ao material carvão 37,5% dos docentes utilizam-no, 25% nunca o utilizam, 25% utilizam-no raramente e 12,5% utilizam-no frequentemente.

- **Resultado:** Verificou-se que entre os materiais mais utilizados estão as tintas, os lápis de cor e os lápis de cera. Que os materiais terra e areia, barro, massas de cor e pastas diversas, barras de sabão, cortiça e cascas de árvore, giz e carvão são utilizados menos frequentemente. Verifica-se igualmente que a grafite nunca ou raras vezes é utilizada.

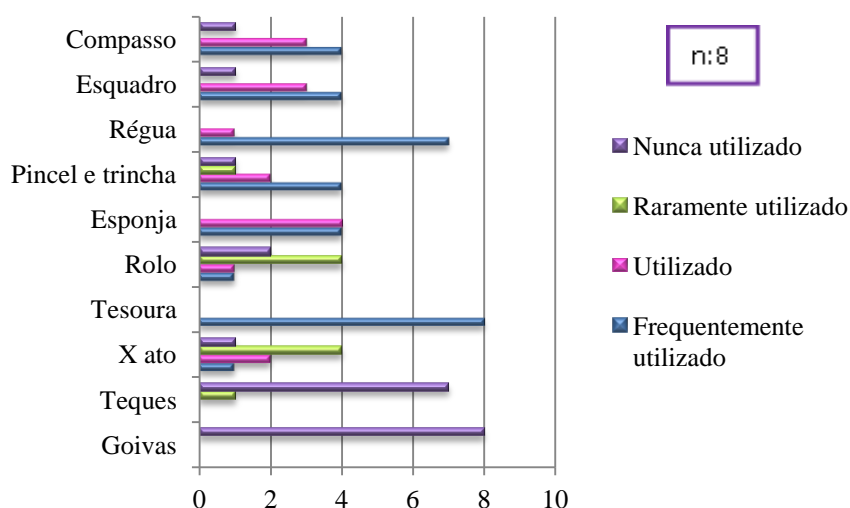
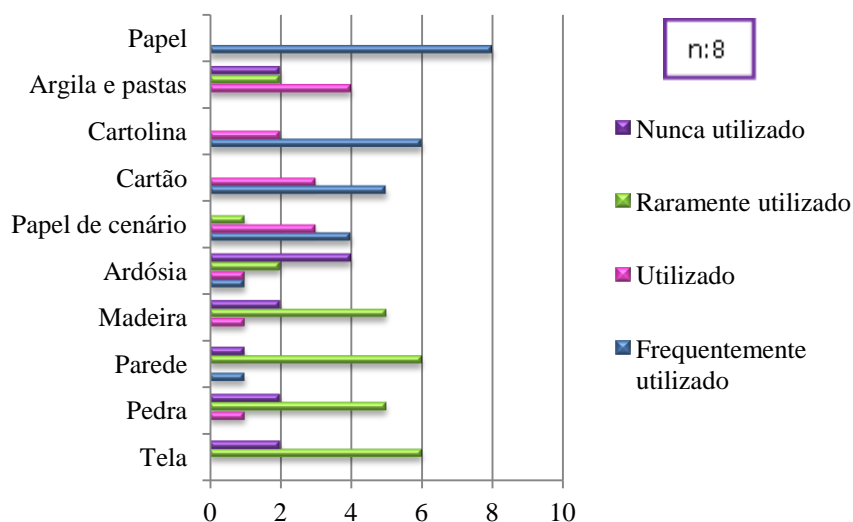


Gráfico 3 – RECURSOS/ INSTRUMENTOS

- Relativamente ao compasso 50% dos docentes utilizam-no frequentemente, 37,5% utilizam-no e 12,5% nunca o utilizam. Quanto ao esquadro 50% dos docentes utilizam-no frequentemente, 37,5% utilizam-no e 12,5% nunca o utilizam. 77,5% dos docentes utilizam frequentemente a régua e 12,5% utilizam-na. No que diz respeito ao pincel e trincha, 50% dos docentes utilizam-nos frequentemente, 50% utilizam-nos, 25% utilizam-nos, 12,5% nunca os utiliza e 12,5% raramente os utilizam. Verificasse que 50% dos docentes utilizam frequentemente esponja e 50% utilizam-na. Quanto ao uso de rolo 50% dos docentes raramente o utilizam, 25% nunca o utilizam, 12,5% utilizam-no e 12,5% utilizam-no frequentemente. 100% dos docentes utilizam frequentemente tesoura. 50% dos docentes raramente utilizam X ato, 25% utilizam-no, 12,5% nunca o utilizam e 12,5% utilizam-no frequentemente. Quanto aos teques 87,5% dos docentes nunca os utilizam e 12,5% utilizam-no raramente. 100% dos docentes nunca utilizam goivas.

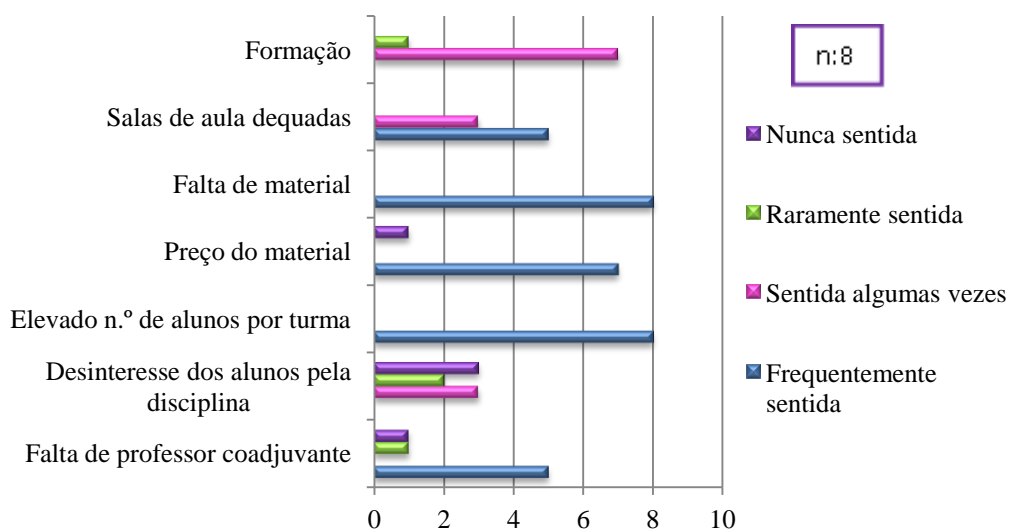
- Resultado:** Verificou-se que entre os instrumentos mais utilizados estão a régua e a tesoura. Que os instrumentos compasso, esquadro, pincel e trincha, esponja, rolo e X ato, são utilizados menos frequentemente. Verifica-se igualmente os teques e as goivas nunca ou raras vezes são utilizados.



**Gráfico 4 – RECURSOS/ SUPORTES**

- Relativamente ao papel 100% dos docentes utilizam-no frequentemente. Quanto as argilas e pastas 50% dos docentes utilizam-nas, 25% nunca as utilizam e 25% raramente as utilizam. 77,5% dos docentes utilizam frequentemente a cartolina e 25% utilizam-na. No que diz respeito ao cartão 62,5% dos docentes utilizam-no frequentemente e 32,5% utilizam-no. Verificasse que 50% dos docentes utilizam frequentemente papel de cenário, 37,5% utilizam-no e 12,5% utilizam-no raramente. Quanto à ardósia 50% dos docentes nunca a utilizam, 25% utilizam-na raramente, 12,5% utilizam-na e 12,5% utilizam-na frequentemente. 62,5% dos docentes utilizam raramente madeira, 25% nunca a utilizam e 12,5% utilizam-na. 75% dos docentes raramente utilizam como suporte a parede, 12,5% nunca a(s) utilizam e 12,5% utilizam-na(s) frequentemente. 62,5% dos docentes raramente utilizam a pedra, 25% utilizam-na frequentemente e 12,5% utilizam-na. Quanto à tela 75% dos docentes utilizam-na raramente e 25% nunca a utilizam.

- **Resultado:** Verificou-se que entre os suportes mais utilizados estão o papel, a cartolina e o cartão. Que os suportes papel de cenário, ardósia, madeira e pedra são utilizados menos frequentemente. Verifica-se igualmente que a parede e a tela nunca ou raras vezes são utilizadas.
- Em resposta à questão aberta 3.4. na qual era solicitado que se referissem outros recursos (materiais, instrumentos e suportes) que os docentes tenham utilizado, foi referido o recurso a atividades que envolveram o plástico, o estanho e o relevo, tecidos e vidro.



**Gráfico 5 – LIMITAÇÕES**

- Relativamente as limitações sentidas pelos docentes: ao nível da formação, 77,5% dos docentes sentiram algumas vezes e 12,5% raramente sentiram. Quanto ao nível da adequação das salas de aula 77,5% dos docentes sentiram frequentemente limitações e 37,5% sentiram algumas vezes. 100% dos docentes sentiram limitações ao nível da falta de material, preço do mesmo e ao nível do número elevado de alunos por turma.. No que diz respeito ao nível do desinteresse dos alunos, 37,5% dos docentes nunca sentiram qualquer limitação, 37,5% sentiram limitações algumas vezes e 25% raramente sentiram. 62,5% dos docentes considera sentir frequentemente limitações por falta de um professor coadjuvante, 12,5% diz nunca ter sentido limitações por falta de um professor coadjuvante e 12,5% dos docentes diz raramente ter sentido limitações por falta de um professor coadjuvante.

- **Resultado:** Verificou-se que os docentes sentiram limitações essencialmente ao nível das condições das salas de aulas, da falta e do preço do material, do elevado número de alunos por turma e falta de um professor coadjuvante. Sentiram ainda algumas limitações, mas verificadas menos frequentemente ao nível da formação e do grau de interesse dos alunos.
- Em resposta à questão aberta 4.2. na qual era solicitado que se referissem outras limitações sentidas ao nível da aplicação dos conteúdos e atividades, foi ainda referida a falta de tempo para a concretização de algumas atividades.

Penso que com a aplicação do presente inquérito foi cumprido o seu objetivo principal, que era o de fundamentar algumas ideias por mim proferidas, concluindo que realmente os docentes privilegiam a lecionação de determinados conteúdos em detrimento de outros, que considerando os conteúdos lecionados e os recursos utilizados, sem dúvida nenhuma as atividades desenvolvidas são essencialmente de caráter bidimensional, recorrendo a suportes de “pequenas” dimensões. Foi ainda verificado que a maioria dos docentes sente limitações, não tanto ao nível da formação e do interesse dos alunos, mas essencialmente ao nível das condições físicas em que se desenvolve o trabalho.

## **2.2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Iniciarei o presente estudo fazendo referência à importância das artes no desenvolvimento do ser humano completo, criativo e crítico, continuando com as indicações a nível nacional para o seu ensinamento, ao nível da EVT, considerando as mais recentes alterações. Em seguida farei referência à importância da exploração de meios tridimensionais e à importância de experimentar brincando a modelação, como prática essencial ao desenvolvimento psicomotor.

### 2.2.1 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DAS ARTES NO DESENVOLVIMENTO DO SER HUMANO COMPLETO, CRIATIVO E CRÍTICO

É do conhecimento geral que, o mundo se transformou numa sociedade global, trazendo sem dúvida benefício, mas também desvantagens, tais como a perda de valores nacionais, os males da sociedade de consumo, os inconvenientes do desenvolvimento desapoiado de política cultural apropriada, a influência dos meios de comunicação de massa, os aspetos negativos dos tempos livres, os perigos da passividade e da falta de espírito crítico.

Suportada em estudos publicados nesta matéria, entendo que a educação artística, tal como a concebemos, poderá contribuir para corrigir e minorizar as perturbações de ordem individual e social existentes no mundo moderno, na medida em que a educação artística poderá assegurar a transmissão de valores humanistas, espirituais e estéticos, contribuindo para a formação do homem completo, do homem integral, com o seu espírito, o seu coração e o seu corpo.

#### **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Decreto-Lei n.º 46/ 86, de 30 de setembro):**

Contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre valores espirituais, estéticos, morais e cívicos e proporcionando-lhe um equilibrado desenvolvimento físico.<sup>2</sup>

Na perspetiva de (SILVA & TAMEM, 1981):

Ora, estes ideais humanistas e de plenitude não podem ser atingidos sem a introdução da sensibilidade e imaginação na educação em geral, sem o desenvolvimento das capacidades de expressão e da criatividade, ou seja, sem a educação artística, cujos objetivos são, justamente, a formação do homem completo. (p. 285).

---

<sup>2</sup> Art.º 3.ºb, citado por SOUSA, Alberto B., 2003 p.35

O conceito de educação artística, os seus objetivos e os seus conteúdos são objeto de várias interpretações. Identificada por vezes com a educação pela arte, ou com a iniciação a alguma das artes, em particular as artes plásticas, com o espontaneísmo e com a arte infantil, a educação artística surge também equiparada ao que pode denominar-se educação estética, ou seja, a uma sensibilização do homem aos valores do belo e da arte. É, outras vezes, confundida com o ensino artístico, considerado este no sentido restrito de formação de artistas profissionais. (Ibidem)

No entanto, no conceito de educação artística cabem a educação pela arte, a arte na educação e a educação para a arte. Segundo **Read, H. (1943)** a educação pela arte implica o desenvolvimento harmonioso da personalidade do aluno, através de atividades de expressão artística, sendo que com a educação pela arte é introduzido no sistema educativo a imaginação, a espontaneidade e uma dimensão de sensibilidade.<sup>3</sup>

Para (**SILVA & TAMEM, 1981**):

A arte na educação é, neste sentido, a utilização da arte, como instrumento pedagógico, incidindo sobretudo nos níveis etários mais elevados e entendida numa perspetiva de educação permanente. É, ainda, complementar do sistema escolar, atuante de dentro e fora da escola, processa-se através de atividades de iniciação artística e de animação cultural, contribuindo para facilitar o acesso às obras de arte e a participação das diferentes camadas da população na vida cultural da comunidade. (p.287)

Neste registo, a educação para a arte visa a formação de artistas profissionais e processa-se através do ensino artístico, seu veículo privilegiado. Consiste na transmissão formal de conhecimentos, de métodos e de técnicas relativas aos diversos domínios da arte. Da arte existente, da arte-património, assim como da arte em potência, do ante devir. Ensino artístico sinónimo, portanto, de preparação para o exercício da arte, para a sua prática e também para a criação artística.

---

<sup>3</sup> Citado por SOUSA, Alberto B., 2003

“Assim, a preocupação do educador deve ser formar homens, antes de formar artistas”. (SILVA & TAMEM, 1981 p.285)

Afirma (SOUSA, 2003):

Bastantes filósofos, desde Platão e Aristóteles e muitos pedagogos como Rousseau e Schiller, alguns mesmo em Portugal como Luís António Verney, Ribeiro Sanches, Almeida Garret, Passos Manuel, A. F. Castilho, A. Quental, João de Deus, chamaram a atenção para a importância de se incluir as artes no contexto educativo escolar. (p. 87)

Segundo **Schiller (n.d.)**, “O ser humano no seu estado físico apenas sofre o poder da natureza; liberta-se desse poder no estado estético e denomina-o no estado moral.”<sup>4</sup>

Em Portugal, a convergência de intenções pedagógicas nesse sentido só se fará notar, a partir da I República, durante a qual se torna visível a integração das artes na educação, considerando que a formação da pessoa deve ser global e não especializada, pelo menos nos anos escolares básicos. Às artes é dispensado o mesmo cuidado que às letras e às Ciências.

Segundo **João de Barros (1908)** “ não há sociedade democrática que possa viver, progredindo, sem o culto da Arte. O aspeto mais grave da educação artística é o aspeto que ela possui como fator de educação cívica e educação moral...”<sup>5</sup>

Sem dúvida, a educação cívica e educação moral, enquanto ferramentas essenciais para o funcionamento de uma sociedade harmoniosa, devem ter como base a razão humana. Neste sentido as políticas educativas da I república foram ao encontro dos valores defendidos pela Filosofia Humanista Secular que tem como princípios base: uma convicção de que dogmas, ideologias e tradições, quer religiosas, políticas ou sociais, devem ser avaliados e testados por cada pessoa individual em vez de simplesmente aceites por uma questão de fé; o compromisso com o uso da razão crítica, evidência fatural, e método científico de pesquisa, em lugar da fé e misticismo, na busca de soluções para os problemas humanos e respostas para as questões humanas mais

---

<sup>4</sup> “Cartas sobre a educação estética” (24ª Carta), citado por SOUSA, Alberto B., 2003 p. 23

<sup>5</sup> Citado por SOUSA, Alberto B., 2003 p. 48

importantes; uma preocupação primeira com a satisfação, desenvolvimento e criatividade tanto para o indivíduo quanto para a humanidade em geral; uma busca constante pela verdade objetiva, tendo entendido que nossa imperfeita percepção dessa verdade é constantemente alterada por novos conhecimentos e experiências; uma preocupação com esta vida e um compromisso de dotá-la de sentido através de um melhor conhecimento de nós mesmos, nossa história, nossas conquistas intelectuais e artísticas, e as perspectivas daqueles que diferem de nós; uma busca por princípios viáveis de conduta ética (tanto individuais quanto sociais e políticos), julgando-os por sua capacidade de melhorar o bem-estar humano e a responsabilidade individual e uma convicção de que com a razão, um mercado aberto de ideias, boa vontade, e tolerância, pode-se obter progresso na construção de um mundo melhor para a sociedade e suas crianças.

A República propôs-se transformar a mentalidade portuguesa por meio da instrução e educação (**CARVALHO, 1986**):

Educar uma sociedade é fazê-la progredir, torná-la um conjunto harmónico e conjugado das forças individuais, por seu turno desenvolvidas em toda a plenitude. E só se pode fazer progredir e desenvolver uma sociedade fazendo com que a ação continua, incessante e persistente da educação, atinja o ser humano sob o tríplice aspeto: físico, intelectual e moral. (p. 893).

**Para João de Deus:**

Dois sistemas decisivos que conheço: o da inteira obediência; e o da liberdade bem compreendida e aplicada.

Do primeiro sistema resulta a passividade de todos à opinião de um; e daí o automatismo, cuja força é imensa.

Do segundo resulta a máxima atividade e a autonomia pessoal, dando lugar abertamente a iniciativas de todo o género, sem prejuízo do bem-estar social...

A verdadeira disciplina é a educação que dá a máxima liberdade a toda a expansão infantil, nunca forçando o silêncio, e a uma quietude manifestamente contrária à natureza...

A outra disciplina é falsa; ainda que facilite a ação do professor, e não deixe perverter por completo a inocência - própria da idade e como tal necessária e indispensável; mas é falsa porque há-de, pelo menos, constranger e, portanto, prejudicar a vida expansiva, a vida que se diz animada ou entusiasta, em que as crianças robustecem a saúde do corpo, inseparável da saúde do espírito.<sup>6</sup>

É a liberdade vivida, proporcionada e estimulada, que permite à criança ser como é, assumir-se com naturalidade, expressar-se com espontaneidade.

A liberdade em educação inclui a liberdade de iniciativa, a liberdade de opção de escolha das atividades, no uso do material, na expressão e na criatividade.

Segundo **Arquimedes dos Santos** numa escola que se quer pedagogicamente aberta e significativa é fundamental o ensino da expressão artística.<sup>7</sup>

Neste sentido durante o Estado Novo Verificou-se um retrocesso do ensino artístico, pois a política educativa autoritária e dogmática imposta, não só submeteu a criação artística a um regime de apertada censura, como privilegiou um ensino apenas cognitivista, ignorando as artes quase por completo.

Desvalorizou a satisfação, o desenvolvimento da criatividade do indivíduo, assim como ignorou a diversidade e a diferença existentes em cada um, aspirando assim criar uma sociedade elitista e à sua imagem.

Levando, como tal, à imposição das crenças de alguns sobre os outros.

Para **Read, H. (1942)**:

A arte da criança declina... porque é atacada de todas as direções, não apenas expulsa do espírito pelas atividades lógicas

---

<sup>6</sup> Citado por SOUSA, Alberto B., 2003 p. 122

<sup>7</sup> Fundação Calouste Gulbenkian Serviços de Educação, 1996

a que chama-mos aritmética e geometria, física e química, história e geografia, e mesmo a literatura como é ensinada.<sup>8</sup>

Só em 23 de Dezembro de 1976, quando teve início o I Governo constitucional de Portugal é que se verificou alteração relativamente ao ensino das artes e sua importância. Foi uma época de grandes modificações na sociedade portuguesa e, conseqüentemente na escola.

As preocupações dos responsáveis pela política educativa foram as seguintes:<sup>9</sup>

- Alterar os conteúdos programáticos, que estavam profundamente marcados pela ideologia do regime do Estado Novo.
- Gestão dos estabelecimentos de ensino com a participação de docentes e discentes, bem como outros funcionários.
- A democratização da escola passará por medidas que beneficiem as camadas desfavorecidas da população, pela recuperação do pessoal humano que tinha sido afastado pelo anterior regime e pela intervenção de todos na política educativa.
- Pretendia-se que a escola rompesse com o passado e se transformasse de forma radical. A escola já não deveria ter como função principal a transmissão de saberes organizados e previamente estabelecidos. Encoraja-se os alunos a serem participantes ativos da sua formação. A escola teria como função ajudar o aluno a tornar-se crítico, criativo e a trabalhar em grupo.
- No programa do I Governo Provisório é explícito o desejo de "democratizar a escola, mas de modo que funcione com

---

<sup>8</sup> Citado por SOUSA, Alberto B., 2003 p. 94

<sup>9</sup> CHAPMAN, A. (n.d.). A Educação em Portugal: Breve História. Retirado de [http://www.fapedangola.org/temas/educacao/edu\\_port.doc](http://www.fapedangola.org/temas/educacao/edu_port.doc)

eficiência, garantindo a qualidade da educação, ensino, pesquisa, científica e criação cultural".

- A escola deveria ainda ser inserida na vida da comunidade e "o povo ser chamado a participar no trabalho criador da escola, vivificando o ensino com a força e a riqueza da sua experiência social". Foi a tentativa de diminuir o fosso existente entre a escola e a comunidade, que à longa data as separava.

São elaborados novos programas para o Ensino Primário e pela primeira vez desde a I República, os programas visam o desenvolvimento harmonioso da criança, como um todo.

Como foi verificado, ao longo das sucessivas reformas educativas, verificou-se que foram reformas essencialmente de carácter político, traduzindo os valores e interesses de cada momento, também a importância dada ao ensino pela arte foi variando ao longo dos tempos.

No entanto não há dúvida que a Arte é a linguagem das emoções e dos sentimentos, compreendendo-se assim a importância que a educação pela arte tem no desenvolvimento da personalidade, dos aspetos emocionais-sentimentais.

A arte permite desenvolver no indivíduo o seu pensamento criativo e crítico, permite-lhe entender o Mundo. Neste sentido a educação pela arte deve ser um dos principais pontos de interesse na educação escolar.

**READ, H. (1942):**

O fim da educação... é a preparação de cada criança para o seu lugar na sociedade, não apenas no seu aspeto vocacional mas também espiritual e mental, então não é de informação que ela necessita: é de sabedoria, equilíbrio, autorrealização, gosto – qualidades que apenas podem provir de um exercício unificado dos sentimentos para a atividade de viver<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Citado por SOUSA, Alberto B., 2003, p. 25

## 2.2.2 O ENSINO DA EVT ATUALMENTE

Analisando os domínios de competências de EV e de ET definidas no CNEB para os três ciclos leva-nos a concluir que o seu objetivo principal é, claramente, o de contribuir para a construção de uma conceção de programa mais aberto e abrangente, associado à valorização de práticas de gestão curricular mais flexíveis e adequadas a cada contexto.

É essencialmente através de quatro grandes áreas/ eixos que esse processo se desenvolve ao longo dos três ciclos.

No 1º ciclo as quatro áreas são trabalhadas de forma integrada pelo professor da classe, podendo ser coadjuvado por professor especialista.

No 2º ciclo verifica-se o aprofundamento de conhecimentos na área de EVT e é trabalhada por dois professores.

No 3º ciclo a EV permanece como disciplina obrigatória sendo introduzida outra área opcional de carácter obrigatório de acordo com a oferta da escola, podendo esta ser a ET, a Educação Musical, o Teatro... A este nível a EV dá continuidade às experiências de aprendizagem iniciadas nos anos anteriores, abrindo aos jovens horizontes numa possível opção por uma profissão artística.

Quanto à disciplina de ET, dispendo de um estatuto autónomo nos currículos escolares, ainda não é extensível a todos os alunos do EB, devido ao seu lugar opcional no 3º ciclo, nomeadamente a nível do 9º ano de escolaridade.

A nível do CNEB tal como encontramos definidas as suas competências, experiências e metas transformou-se positivamente num meio privilegiado de educação. Parece ter encontrado a sua verdadeira missão de formar e menos de ensinar. Esta missão é a de aperfeiçoar o indivíduo em todos os planos. **(ME, Decreto-Lei 6, 2001)**

Aliás, creio que indubitavelmente as artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento integral de um jovem. Como referido **(CNEB, 2001)**:

Ela tenta conduzi-lo para uma inserção natural no grupo e depois no mundo, desenvolvendo o seu espírito de iniciativa e de empreendimento, cultivando-lhe a imaginação e permitindo-lhe “ser”. A literacia em artes implica as competências comuns a todas as disciplinas artísticas que o currículo sintetiza muito bem em quatro eixos independentes (pp.151-152)

- 1- Apropriação das linguagens elementares das artes;
- 2- Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação;
- 3- Desenvolvimento da criatividade;
- 4- Compreensão das artes no contexto;

Os eixos atrás referidos estão organizados e devidamente orientados para o objetivo a que se destinam que é contribuir para o “desenvolvimento das nossas comunidades e culturas, num mundo onde o domínio de literacias múltiplas é cada vez mais importante.” (CNEB, 2001 p. 151)

Tal como a encontramos no CNEB a arte é um pilar importantíssimo nos três ciclos do EB.

A arte prepara o jovem para o entendimento do Mundo desenvolvendo-lhe o pensamento criativo e crítico bem como a sensibilidade, tornando-o mais sensível aos valores, à compreensão das várias culturas e conseqüentemente à compreensão da essência de outros povos.

A educação em arte também pode ser uma importante arma impeditiva de guerras. Neste sentido, a EV assume no EB um papel estruturante entre a comunicação e a cultura dos indivíduos.

A adoção de medidas educativas estruturantes, de acordo com modelos pedagógicos flexíveis e abertos propiciam um novo entendimento sobre o papel das artes visuais no desenvolvimento dos jovens. A isso não é alheio o recurso ao Método de Resolução de Problemas, como metodologia para a EVT. (ME, Diário da República, 2ª série, n.º188, 1991)

No espaço de tempo que decorreu entre a finalização estágio integrado e conseqüente investigação e a análise teórica dos resultados obtidos (projeto final) foram introduzidas alterações, no âmbito da Reforma Educativa, respeitantes as disciplinas de EEP; EV e ET no EB.

A 26/03/2012 o Ministério da Educação e Ciência emitiu um **comunicado** apresentando as matrizes curriculares que entrarão em vigor no ano letivo de 2012-13.

Após a apresentação da proposta da revisão da estrutura curricular, em dezembro de 2011 e a consulta pública que se lhe seguiu, foram anunciadas, em março de 2012, as principais decisões tomadas. Estas matrizes farão parte integrante do Decreto-Lei a publicar brevemente, que estabelece os princípios orientadores da organização e da

gestão dos currículos, da avaliação dos conhecimentos e capacidades a adquirir e a desenvolver pelos alunos e do processo de desenvolvimento dos EB e secundário.

De seguida farei uma breve abordagem ao documento emitido, apenas no que se refere as disciplinas de EVT.

No ponto 1, *atualização do currículo*:

A redução da dispersão curricular concretiza-se no reforço de disciplinas fundamentais, tais como a Língua Portuguesa, a Matemática, a História, a Geografia, as Ciências Físico-Químicas e da Natureza. Concretiza-se também pela promoção do ensino do Inglês, mantendo a pluralidade de oferta de Línguas Estrangeiras, bem como as Expressões. Mantém-se a Educação para a Cidadania como intenção educativa em todas as áreas curriculares, mas não como disciplina isolada obrigatória, e acentua-se o seu carácter transversal. Esta revisão permite às escolas consolidar a autonomia pedagógica e organizativa, conferindo-lhes a capacidade de tomar decisões em continuidade e harmonia com as do Ministério. (p.1)

A dada altura no documento é referido que Ao longo do EB e Secundário, serão tomadas um conjunto de medidas, a salientar: “afirmar a identidade de disciplinas que se reúnem sob a designação de Expressões (Educação Visual, Educação Musical, Educação Física e Educação Tecnológica)” (p.2)

Ao nível do 2.º ciclo consta a substituição da Educação Visual e Tecnológica pelas áreas disciplinares de Educação Visual e de Educação Tecnológica, cada uma com o seu programa próprio e cada uma com um só Professor.

Ao nível do 3º ciclo consta a oferta, nos 7.º e 8.º anos, uma disciplina, por decisão da escola, de acordo com o seu projeto educativo e só aqui cabe a Educação Tecnológica, que passa a depender da oferta da escola no 3.º ciclo, uma vez que não é contemplada na matriz curricular.

No ponto 2, *melhor acompanhamento dos alunos*, é referido como uma das medidas integrantes a necessidade de beneficiar, no 1.º ciclo, a coadjuvação nas áreas das Expressões, por professores de outros ciclos do mesmo Agrupamento de Escolas, que pertençam aos grupos de recrutamento destas áreas.

O CNEB enquadra os programas escolares em vigor organizando-os por disciplina /área curricular, baseados em tópicos a ensinar e indicações metodológicas direcionados às competências a adquirir por área disciplinar e por ciclo ao longo dos nove anos de escolaridade.

Dada a importância e ao papel que os programas desempenham no conjunto das orientações curriculares, foi referido pelo Ministério da Educação e Ciência que brevemente serão igualmente publicados os diplomas legais que regulamentam os planos dos diversos cursos dos EB e secundário.

Não há dúvida que as referidas medidas têm levado a várias discussões entre os docentes, sendo defendidas por uns e não por outros. No entanto entre docentes, em especial, docentes das áreas das expressões, por serem os mais penalizados, têm vindo a levantar-se questões tais como: como vai ser lecionada a disciplina de ET no 2.º Ciclo a turmas com 26 a 30 alunos com um só professor, considerando a natureza da disciplina e o seu caráter experimental, onde os alunos realizam trabalhos práticos e utilizam ferramentas que exigem cuidado no seu manuseamento? Porquê eliminar a disciplina de ET do núcleo curricular, no 3º ciclo uma vez que a divisão da EVT no 2º ciclo pressupõe a continuidade das duas disciplinas EV e ET no 3º ciclo? De que forma as escolas estão a formar indivíduos para as necessidades da sociedade atual, na qual se pretende que seja desenvolvida a atividade industrial?

Parece ter ficado esquecida a importância das expressões para o desenvolvimento das crianças. Citando **STERN, A. (1980)**,

... a educação criadora torna a criança mais segura de si, mais autoconfiante, mais forte, mais responsável, mais resistente a situações adversas, mais capazes de vencer os obstáculos que a sociedade diariamente lhe apresenta.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Citado por GONÇALVES, E., 1991 p. 21

Face aos novos rumos e, conseqüentemente, aos novos desafios e problemas referidos anteriormente, considere que seria o momento oportuno desenvolver a investigação, aprofundando questões relacionadas com o desempenho da atividade docente ao nível do ensino no 1º ciclo do EB, uma vez que apenas neste grau de ensino é realmente reforçado o ensino da EEP, na medida em que é contemplado um professor coadjuvante para a leção, no entanto é de referir que tal situação só é possível se existirem professores do quadro da área das expressões, não obstante de outros ciclos, com horário disponível.

### 2.2.3 A IMPORTÂNCIA DA EXPLORAÇÃO DE MEIOS TRIDIMENSIONAIS

Segundo **HARGREAVES, D. J. (2002)**, nos últimos 100 anos tem-se vindo a desenvolver um considerável interesse pela arte infantil e um crescente apreço, tanto entre os psicólogos como entre os artistas, pelas formas simples que caracterizam os primeiros esforços figurativos. No caso da arte infantil, os investigadores centraram-se quase exclusivamente nos desenhos de crianças (Arnheim, 1974; Burt, 1921; Eng, 1931; Freeman, 1980; Gardner, 1980; Goodenough, 1926; Harris, 1963; Kerschensteiner, 1905; Luquet, 1913, 1927; Piaget e Inhelder, 1956; Rouma, 1912; Wilson y Wilson, 1982) provavelmente devido à facilidade com que se podem solicitar, recolher-se e guardar.

Ainda considera que grande parte da discussão sobre o desenho infantil se centra nas suas limitações a nível gráfico, que são frequentemente visíveis na representação deficiente da terceira dimensão. Enunciando situações muito concretas, como por exemplo quando a criança apresenta transparências ou quando a criança tenta representar mais que uma perspectiva de um objeto.

As formas não são representadas corretamente, para **HARGREAVES, D. J. (2002)** não se trata de déficit cognitivo, mas deverá ser interpretado como carência de conhecimentos técnicos.

É evidente que não esta em causa a falta de conhecimento/ entendimento do objeto, pelo contrário, a criança desenha o que sabe, no entanto ainda não é capaz de fazer a sua representação gráfica corretamente porque ainda não conhece as técnicas de representação predefinidas.

Para **HARGREAVES, D. J. (2002)** existem vantagens na realização de atividades de exploração da tridimensionalidade, conseguida através da criação de esculturas. Desta forma é permitindo à criança que além de poder tocar, envolva as formas nas suas mãos e ainda possa observar o objeto a ser esculpido em vários ângulos. Proporcionando quer ao artista quer ao observador a troca de posição, o movimentar-se em torno do objeto fornecendo-lhe várias perspetivas, assim como uma noção mais ampla da natureza do mesmo. Esculpir obriga a que seja considerada a totalidade do objeto e que se representem os seus aspetos principais.

Indubitavelmente quando a criança explora meios tridimensionais, quando modela, pensa e aprofunda os conhecimentos que tem sobre objetos. Por ser o meio de exploração que mais se aproxima da sua realidade, é mais fácil para esta compreender o objeto, como um todo, mas também entender as relações existente entre as suas partes constituintes, assim como as suas características.

Para **GONÇALVES, E. (1991)**:

... a criança aproveita caixas, latas, frascos, botões, caricas, rolhas, trapos, papeis, conchas, seixos, paus, bocados de madeira e outros desperdícios que recolhe no lixo, na rua, na praia e no campo, para fazer as suas montagens de brinquedos, máscaras carnavalescas e outros objetos lúdicos e expressivos. Ao construir os seus próprios brinquedos, ela explora sensorialmente as possibilidades físicas do material: o que é resistente e o que é frágil; o que é duro e o que é mole; o que é redondo e o que é anguloso; o que é leve e o que é pesado; o que é opaco e o que é transparente; o que é brilhante e o que é baço; o que é flexível e o que é rígido; etc.

Ao perceber a consistência, o peso, a forma, a cor, o som e a temperatura do objeto, a criança adquire um conhecimento global que motiva e enriquece a expressão pessoal, que se revela em tudo o que faz e experimenta.

Ao aprender – fazendo, com as suas próprias mãos, evita-se o excesso de teorização, desligada da prática. (p. 31)

No entanto **HARGREAVES, D. J. (2002)** considera outra diferença na utilização dos dois meios, esta consiste na estabilidade, proporcionada pelos meios bidimensionais e que quando se trata da utilização de meios de expressão tridimensionais como pastas, plasticina... tornam-se meios facilmente modificáveis, proporcionando uma maior liberdade de experimentação.

Para **HARGREAVES, D. J. (2002)** a comparação dos meios de representação bi e tridimensional poderiam mostrar semelhanças e também diferenças entre ambos os campos, ajudando a separar os efeitos específicos do meio utilizado dos que são função do nível de imaturidade cognitiva da criança, variáveis que por vezes se confundem no estudo do desenho infantil.

Acredito que a aplicação de atividades que impliquem a exploração da tridimensionalidade nas aulas de EEP no EB é condição fundamental para a prática diária do professor, pois além de promoverem o desenvolvimento das potencialidades psicomotoras e o aprofundar da compreensão de volume e de espaço dos alunos, são mais um elemento de avaliação, contribuindo desta forma para uma melhor compreensão do grau de maturidade da criança, assim como da perceção que esta tem do espaço que a rodeia.

#### 2.2.4 FUNDAMENTO DA REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES DE MODELAÇÃO RECORRENDO AO LÚDICO

Como referido anteriormente, no ponto 1.2.1, foi no início da I República que os programas educativos contemplaram o desenvolvimento harmonioso da criança, como um todo, havendo ainda uma salvaguarda para a necessidade do lúdico no ensino de crianças desta idade:

Sendo a atividade lúdica característica marcante das crianças desta idade, a maior parte dos procedimentos surgirão apresentados sob a forma de jogos. Não se trata de jogo pelo jogo em si mesmo, mas como meio para atingir um fim.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> CHAPMAN, A. (n.d.).A Educação em Portugal: Breve História. Retirado de [http://www.fapedangola.org/temas/educacao/edu\\_port.doc](http://www.fapedangola.org/temas/educacao/edu_port.doc)

Sem dúvida é a brincar que a criança explora o seu mundo levando-a ao conhecimento. Descobre a sua realidade desenvolvendo relações com o meio e estabelecendo relações de afeto com o outro. Desenvolve competências como a criatividade, a autoestima, a memória, a capacidade de concentração... É nas mais tenras idades que a criança sente um maior desejo/ necessidade de manipular, tocar e sentir os objetos que a rodeiam, estas experiências e a repetição destas atividades tornam-se um meio fundamental para o desenvolvimento motor da criança. Desta forma, através de brincadeiras que exijam movimento, a criança adquire destreza, coordenação, equilíbrio e a capacidade de controlar o seu corpo, permitindo um desenvolvimento a nível quer da coordenação dos movimentos do corpo todo, da motricidade grossa, quer a nível do desenvolvimento manual, motricidade fina.

As atividades ligadas à criação escultórica encontram-se ligadas essencialmente ao desenvolvimento da motricidade fina, que é desenvolvida através da utilização das mãos na manipulação de diferentes objetos, no entanto estas atividades não deixam de contribuir de certa forma para o desenvolvimento da motricidade grossa, uma vez que a criança modelando, não só utiliza as mãos, mas também todo o corpo.

“A inteligência espacial nasce da ação que a criança exerce sobre o mundo.” (Gardner, H., 1983)<sup>13</sup>

Quando materiais tais como pasta, areia... são apresentados à criança, imediatamente esta manifesta desejo de os manipular, tornando este tipo de atividades fáceis de aplicar, uma vez que a criança não sente qualquer imposição, mas sim um enorme desejo de as experimentar.

Estes materiais permitem descargas emocionais, propiciam à criança a aquisição de noções e habilidades, tais como de volume, de forma, o desenvolvimento da sua coordenação viso-motora, a relação com o seu meio, mas, sobre tudo, permitem-lhe expressar-se livremente. A utilização da pasta de modelar, argilas, plasticina por exemplo, favorece o trabalho espontâneo pois as suas características maleáveis animam a criança a fazer e a desfazer sem se sentir limitada por um material definitivo. À medida que a criança cresce, vai-se desenvolvendo, tornando-se mais conhecedora, mais autónoma. Neste sentido, a manipulação livre de objetos, de diferentes materiais, levam a uma “explosão” e conseqüente desenvolvimento da criatividade, uma vez que permite que esta inove, explore e aprenda, desenvolva a melhoria da sua capacidade de

---

<sup>13</sup> Arte e Desenvolvimento Infantil: Frases e Pensamentos. retirado de <http://www.educarparacrescer.abril.com.br/.../howard-gardner-307909.shtml>

concentração, do seu sentido crítico e o aumento da sua autoestima e da sua capacidade de expressão.

Ainda no documento do **ME, Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico** é referido:

As atividades de manipulação e exploração de diferentes materiais moldáveis deverão ser praticadas, com frequência, pelas crianças do 1º ciclo. Amassar, separar, esticar, alisar, proporcionam explorações sensoriais importantes, a libertação das tensões e o desenvolvimento da motricidade fina.

O prazer de ir dominando a plasticidade e a resistência dos materiais leva, progressivamente, os alunos a utilizá-los de forma pessoal, envolvendo-se numa atividade criadora. (p.90)

As crianças necessitam de explorar, sensorialmente, diferentes materiais e objetos, procurando, livremente, maneiras de os agrupar, ligar, sobrepor...Fazer construções permite a exploração da tridimensionalidade, ajuda a desenvolver a destreza manual e constitui um desafio à capacidade de transformação e criação de novos objetos.

O carácter lúdico, geralmente associado a estas atividades, garante o gosto e o empenho dos alunos na resolução de problemas com que são confrontados. (Ibidem)

### **2.3 CONTRIBUTOS DA PRÁTICA DO ENSINO SUPERVISIONADA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE E DA MOTRICIDADE NA DISCIPLINA DE EEP**

Na sala de aula, considerando a tridimensionalidade, o professor poderá recorrer a inúmeros materiais, de forma a proporcionar ao aluno atividades diversificadas, e que permitam o uso da sua criatividade, tornando-o capaz de ser inventivo e criar. O uso de materiais mais tradicionais como madeira, chapa, pastas, mas também o uso de

materiais reciclados de baixo custo dão lugar ao trabalho criativo, podendo resultar em trabalhos magníficos em sala de aula, promovendo ações, que fazem o aluno refletir dentro de um contexto cultural, podendo o professor interagir com os seus alunos, facilitando trocas de ideias e conhecimento.

A atividade escultórica, que tanto contribui para o desenvolvimento da motricidade, pode ser estudada de forma lúdica, levando os participantes a ter familiaridade com os diversos materiais e aprender a observar obras de arte muito fáceis de serem encontradas no nosso meio envolvente. Na sala de aula, o trabalho de esculpir, modelar predispõe o aluno a interagir com criatividade, sendo que o professor pode proporcionar atividades inovadoras ou tradicionais.

No entanto, a experiência profissional, leva-me a verificar que os alunos chegam frequentemente ao 3º ciclo, sem terem explorado a tridimensionalidade. Verifico também que a experiência ao nível da utilização de diferentes materiais é muito escassa. Todos os alunos dizem ter trabalhado com materiais como: lápis de cor, canetas de feltro, ceras, guaches, grafites... aplicados em suportes bidimensionais, tendo para tal realizado atividades ligadas ao desenho. Demonstrando dificuldade em enunciar outros materiais possíveis de utilizar em produções artísticas.

Verifico que, por vezes, os alunos não são suficientemente estimulados a pensar, pesquisar, criar, refletir sobre as suas escolhas, a desenvolver projetos, a inovar. Não estão habituados a discutir ideias e opiniões, por vezes não aceitam bem as sugestões e críticas ao trabalho que estão a desenvolver.

Considero fundamental, que antes de mais, os alunos alterem os comportamentos, proporcionando o debate de ideias sobre temas pertinentes, promovendo desta forma o conhecimento e a criatividade.

É igualmente importante que nas escolas e no meio em que estão inseridas se desenvolva uma cultura artística, no sentido de valorizar a cultura local, nacional, as disciplinas das expressões e o seu ensinamento.

Relativamente aos alunos, nem todos terão as mesmas capacidades criativas e técnicas, mas quando devidamente estimulados são capazes de executar projetos interessantes e melhorar as suas capacidades manuais.

De acordo com o **CNEB – PRINCÍPIOS ORIENTADORES PARA O 1º CICLO (2001)**

A manipulação e experiências, com formas e com as cores permite que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade.

A exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica não só contribui para despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, como lhes possibilita o desenvolvimento da destreza manual e a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies.

A possibilidade de a criança se exprimir de forma pessoal e o prazer que manifesta nas múltiplas experiências que vai realizando, são mais importantes do que as apreciações feitas segundo moldes estereotipados ou de representações realistas...  
(p. 89)

Para **GONÇALVES, E. (1991)**:

Ao jogar – brincar com objectos, a criança não só explora relações lógicas de causa e efeito, e de forma e função, como é também capaz de explorar relações ilógicas ou absurdas ao abordar o campo incomensurável do imaginário, onde tudo é possível, inclusive a alteração das relações habituais. (p. 31)

No que diz respeito à prática do ensino supervisionada no 1º Ciclo do EB, na disciplina de EEP, desenvolvi todo o trabalho numa perspectiva de: valorizar a disciplina, promovendo o processo criativo e expressivo; promover a manipulação e exploração de diferentes materiais e técnicas, permitindo a observação e experimentação da plasticidade dos corpos, a exploração de diferentes meios de representação e comunicação e impulsionar atitudes de colaboração, ajuda e cooperação. As unidades foram desenvolvidas no sentido de contribuir para: o desenvolvimento da motricidade motora, em específico da motricidade fina; o

desenvolvimento do sentido estético; a aquisição dos conceitos de bi e tridimensionalidade e o desenvolvimento da sociabilidade, planificando para tal atividades de caráter lúdico, proporcionando às crianças momentos de alegria, partilha, prazer... tantas vezes apresentados na expressão e comentários verificados durante as aulas.

Recorri a atividades, tais como: a pintura a lápis de cor, ceras, pastel de óleo e tintas acrílicas; pintura com pincéis e com as mãos; rasgagem, recorte e colagem de diversos papéis e tecidos; modelação de pasta de modelar, areia e massa de farinha; construção de fantoches com diferentes materiais reutilizáveis.

A curiosidade e a motivação dos alunos eram evidentes, quando expressavam: “Já acabou a aula?”, “ O tempo passou depressa!”, “Podemos ficar aqui no intervalo?”, “Posso levar para casa?”. Quando me encontravam no recinto escolar perguntavam-me “O que vamos fazer na próxima aula?”

Embora a minha experiência profissional fosse nula neste nível de ensino, considero que foi o estágio mais gratificante, em que verifiquei um grande empenho e motivação por parte dos alunos e que quando incentivados, conseguem ter uma enorme e rápida evolução ao nível do desenvolvimento técnico e criativo, assim como demonstram uma facilidade enorme em dizer aquilo que pensam e que sentem. Tudo o que foi anteriormente enunciado, funcionou para mim como um estímulo para trabalhar com crianças mais novas e mais exigentes.

## 2.4 METODOLOGIA

A investigação foi realizada durante a PES no ano letivo 2009/ 2010, na disciplina de EEP, no Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros – Pólo 2. Envolveu uma turma com 20 alunos do 1º ano de escolaridade do EB, sendo 14 alunos do sexo feminino e 6 do sexo masculino.

O presente estudo, assume a metodologia de uma pesquisa exploratória (**SELLTIZ et al, 1967**),

... estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como

objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao facto estudado”.<sup>14</sup>

Para avaliar o grau de desenvolvimento das competências dos alunos, antes e após a aplicação de três UT ao nível da exploração e utilização de diferentes materiais, das suas capacidades de construção e de transformação dos mesmos, da utilização dos elementos definidores da forma, da destreza manual, assim como da autonomia, da interação com os elementos do grupo, da motivação e do cumprimento de regras, foi utilizado o método de análise de grelhas de avaliação das UT desenvolvidas. [Apêndice3]

O estudo assume, assim, uma natureza predominantemente qualitativa.

A ideia da presente investigação surgiu, durante a realização do presente Mestrado, nomeadamente durante a PES na disciplina de EEP, depois de observar as dificuldades sentidas pelos alunos em atividades que implicavam a modelação e uma maior exigência ao nível da aplicação da motricidade fina, limitações que sem dúvida acrescem dificuldades ao nível do trabalho espontâneo e criativo. A problemática tornou-se mais visível quando foi aplicada a unidade de trabalho “ Monstro Amigo”. Foi também considerada a minha experiência como docente no segundo e terceiro ciclos do EB, respetivamente nas disciplinas de EVT, ET e EV, nas quais se tem vindo a tornar mais evidente as dificuldades manifestadas pelos alunos ao nível da realização de atividades simples como recortar, utilizar materiais de expressão rigorosa, modelar ...

Assim sendo, quando me foi colocada a necessidade de realizar uma investigação sobre um tema relevante para a EVT no EB, não hesitei em operacionalizar uma investigação através da implementação de três unidades de trabalho intituladas, “Monstro Amigo”, “Nós somos assim...” e “Fantoches”, nas quais foram contempladas atividades que promovessem o desenvolvimento da motricidade fina e da criatividade, através do manuseamento de uma vasta diversidade de materiais e de atividades de modelação. Por outro lado as atividades desenvolvidas contribuíram para uma melhor perceção das noções de espaço e de forma, nos alunos.

---

<sup>14</sup> Citado por GIL, A. 1991, p.45

A parte experimental refere-se às UT, seguidamente apresentadas, intitulados: "Monstro Amigo", "Nós somos assim..." e "Fantoches", implementados na turma em análise, constituído a primeira unidade de trabalho por três aulas, com a duração de 90 minutos (inicialmente a atividade foi pensada para ter uma duração de apenas duas aulas, mas considerando as dificuldades surgidas durante o desenrolar da mesma, houve a necessidade de se reformular a planificação, aumentando o número de aulas para mais uma), tendo sido iniciada no dia 12 de Maio de 2010 e concluído no dia 2 de Junho do mesmo ano. A segunda unidade de trabalho teve a duração de uma aula de 90 minutos e realizou-se no dia 9 de Junho de 2010. Por fim a última unidade de trabalho teve igualmente a duração de uma aula de 90 minutos e realizou-se no dia 16 de Junho do mesmo ano.

Seguidamente são apresentados os planos das unidades desenvolvidas [Tabela 4], [Tabela 5] e [Tabela 6] e cujos planos de aula poderão ser consultados em apêndice. [Apêndice 1]

<b>Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros</b> <b>Pólo 3</b>			<b>1º ciclo</b> <b>Expressão e</b> <b>Educação Plástica</b>
<b>Ano: 1º</b>	<b>Turma: T7A</b>	<b>Horário: Quarta-feira –</b> <b>13:40/ 15:15h</b>	<b>Estagiária: Cristina</b> <b>Guimarães</b>
<b>Unidade de Trabalho: “Monstro Amigo” – Suporte para o copo de lavar os dentes em forma de monstro e respetiva caixa para o guardar.</b>			<b>Aulas Previstas: 2 aulas</b>
<b>Plano de Unidade</b>		<b>Início da Unidade:</b> <b>12/05/2010</b>	<b>Fim da Unidade:</b> <b>19/05/2010</b>

<b>ÁREAS DE EXPLORAÇÃO</b>	<b>RESULTADOS DE APRENDIZAGEM</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Modelagem e escultura</li> <li>• Pintura</li> <li>• Construções</li> <li>• Dobragem</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explora e tira partido da resistência e plasticidade da pasta de modelar e massa de farinha;</li> <li>• Modela usando utensílios;</li> <li>• Modela usando apenas as mãos;</li> </ul>

- Explora as possibilidades técnicas dos pincéis e mãos;
- Faz construções;
- Faz dobragens.

#### ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS IMPLEMENTADAS

É estabelecido o diálogo e é feita uma apresentação da atividade a realizar. A realização de um suporte para o copo de lavar os dentes em forma de monstro e a caixa onde vai ser transportado/ guardado.

Para tal serão mostrados alguns exemplares de suportes de copos e será feita uma reflexão/ explicação sobre a sua função.

Posteriormente a professora realizará uma explicação oral de como proceder à elaboração dos mesmos.

Em seguida será preparado o espaço de trabalho (arrumação das mesas e junção das mesmas em grupo).

Numa primeira fase a professora procederá à distribuição, aos alunos, dos materiais necessários para a realização do trabalho: pasta de modelar, copos de plástico com cores coloridas e de alguns instrumentos/ objetos que poderão ajudar na modelação do objeto em causa.

Os alunos iniciarão a modelação da base do copo e a professora procederá ao esclarecimento de dúvidas (caso existam).

Dar-se-á assim início à realização do projeto, no qual os alunos procederão ao manuseamento da pasta de modelar com as mãos e recorrendo à utilização de alguns instrumentos, para auxílio dessa tarefa, caso achem necessário.

No final da sua realização, será feita a recolha dos mesmos colocando-os num espaço que permita a sua secagem.

Numa fase posterior será distribuído aos alunos (divididos em dois grupos de dez) farinha e água que estes deverão misturar numa bacia de plástico, com as mãos, de forma a conseguirem formar uma massa uniforme que depois deverão modelar livremente e sem intenção de obter um produto final.

Numa outra aula e após a secagem dos objetos, a professora irá pintar com os alunos e de forma individual, a cor fundo do suporte dos copos com tinta de spray.

Posteriormente cada aluno decorará (com tintas acrílicas, utilizando pincéis ou

as mãos e criando texturas) o suporte anteriormente pintado.

Após secagem dos suportes serão envernizados com spray (pela professora) e serão colados (pelos alunos) pequenos olhos de plástico que ajudarão a dar expressão ao monstro criado.

De seguida será dada a cada aluno uma parte de uma folha de cartolina (colorida) e será fornecido pela professora um molde que estes deverão passar para a mesma e recortar.

Posteriormente deverão proceder às devidas dobragens e colagens de forma a obterem a caixa onde deverão guardar o suporte do copo.

Dá-se assim por terminada a presente unidade de trabalho.

#### OBSERVAÇÕES

**Houve necessidade de dividir a primeira aula desta unidade de trabalho em duas fases distintas uma vez que o suporte para o copo de lavar os dentes necessita de bastante tempo de secagem. Assim sendo o início da aula será destinado à produção/ modelação do objeto pedido e uma segunda fase será destinada à modelação de uma pasta de farinha, mas sem intenção de obter um produto final.**

Tabela 4 – PLANO DE UNIDADE “MONSTRO AMIGO”

Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros Pólo 2			1º Ciclo Expressão e Educação Plástica
Ano: 1º	Turma: T7A	Horário: Quarta-feira – 13:40/ 15:15h	Estagiária: Cristina Guimarães
Unidade de Trabalho: “Nós somos assim ...” – Representação do corpo humano ou de partes em papel de cenário de grandes dimensões através de técnicas diversas.			Aulas Previstas: 1 aula
Plano de Unidade		Início da Unidade: 09/06/2010	Fim da Unidade: 09/06/2010
ÁREAS DE EXPLORAÇÃO		RESULTADOS DE APRENDIZAGEM	
• Desenho de expressão livre		• Desenha no chão do recreio ou da sala de aula,	

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Recorte, colagem, dobragem</li> <li>• Impressão</li> </ul>	<p>tendo como suporte papel de cenário de grandes dimensões;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Contorna formas e pessoas;</li> <li>• Faz composições colando diferentes materiais recortados;</li> <li>• Estampa a mão.</li> </ul>
---	---

#### ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS IMPLEMENTADAS

É estabelecido o diálogo e é feita uma apresentação das atividade a desenvolver. A realização de três trabalhos em papel de cenário com grandes dimensões.

Em seguida os alunos e professora dirigir-se-ão para o recreio onde serão preparados os diferentes espaços de trabalho.

Numa primeira fase a professora procederá à distribuição dos alunos em três grupos e distribuirá os diferentes materiais necessários para a realização dos trabalhos: pastel de óleo, lápis de cera, vários tipos de papéis, tecidos, cola branca, pincéis, guache de cores variadas e recipientes para os guaches.

Posteriormente a professora realizará uma explicação oral de como proceder à elaboração dos mesmos.

Um primeiro grupo utilizará pastel de óleo ou lápis de cera e desenhará o contorno do corpo de um dos colegas que se deitará em cima do papel de cenário. Este processo será repetido tantas vezes quanto o número de alunos da turma, para que todos sejam representados.

Num segundo grupo, os alunos deverão desenhar o contorno de cada uma das suas mãos, para tal deverão desenhar uma num dos diferentes tipos de papel fornecido e outra em tecido. As mãos deverão ser cortadas e coladas no papel de cenário de forma a criar uma composição.

Num terceiro grupo os alunos deverão utilizar os guaches fornecidos e decalcar as suas mãos no papel de cenário.

Todos os alunos deverão experimentar as três atividades, passando de uma atividade para a outra quando acabada a anterior.

Dar-se-á assim início à realização do projeto, no qual os alunos procederão ao manuseamento dos diversos materiais.

No final da sua realização, será feita a recolha dos mesmos colocando-os num

<p>espaço que permita a sua secagem e serão arrumados os materiais utilizados.</p> <p>Dá-se assim por terminada a presente unidade de trabalho.</p>
<b>OBSERVAÇÕES</b>
<p><b>A presente aula só poderá ser realizada no recreio caso o tempo o permita. Se tal não acontecer terá de decorrer dentro da sala de aula da turma.</b></p>

Tabela 5 – PLANO DE UNIDADE “NÓS SOMOS ASSIM...”

<b>Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros</b> <b>Pólo 2</b>			<b>1º Ciclo</b> <b>Expressão e Educação</b> <b>Plástica</b>
<b>Ano: 1º</b>	<b>Turma: T7A</b>	<b>Horário: Quarta-feira –</b> <b>13:40/ 15:15h</b>	<b>Estagiária: Cristina</b> <b>Guimarães</b>
<b>Unidade de Trabalho: “Fantoches”</b>			<b>Aulas Previstas: 1</b> <b>aula</b>
<b>Plano de Unidade</b>		<b>Início da Unidade:</b> <b>16/06/2010</b>	<b>Fim da Unidade:</b> <b>16/06/2010</b>
<b>ÁREAS DE EXPLORAÇÃO</b>		<b>RESULTADOS DE APRENDIZAGEM</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construções</li> <li>• Recorte, colagem, dobragem</li> <li>• Tecelagem e costura</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Constrói fantoches;</li> <li>• Explora as possibilidades de diferentes materiais: lãs; tecidos; objetos recuperados... rasgando, desfiando, recortando, amassando, dobrando...;</li> <li>• Desfaz diferentes texturas: tecidos, lãs, cordas....</li> </ul>	

### ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS IMPLEMENTADAS

É estabelecido o diálogo e é feita uma apresentação da atividade a desenvolver. A realização fantoches.

Numa primeira fase a professora procederá à explicação de como realizar a estrutura de base do fantoche.

Posteriormente irá distribuir um copo de iogurte (elemento principal da estrutura do fantoche) a cada aluno e porá à disposição dos mesmos vários materiais possíveis de serem utilizados na realização dos trabalhos: embalagens e desperdícios de cartão, desperdícios de papel autocolante, lãs de várias cores e grossuras, tampas de plástico, cápsulas de café, restos de tecido, fita-cola, colas várias, pioneses, elásticos ....

Dar-se-á assim início à realização do projeto, no qual os alunos procederão ao manuseamento dos diversos materiais.

No final da sua realização será arrumada a sala e os materiais utilizados.

Dá-se assim por terminada a presente unidade de trabalho.

### OBSERVAÇÕES

**Tabela 6 – PLANO DE UNIDADE “FANTOCHES”**

No primeiro plano de unidade implementado e citado anteriormente, cada aluno teve de criar um suporte de copo para lavar os dentes, com a forma de monstro. Para tal os alunos tiveram de recorrer ao manuseamento de pasta de modelar, com as mãos e recorrendo à utilização de alguns instrumentos (teques, espátulas...), realizando desta forma atividades de modelação.

É de referir que para o referido plano de unidade foi prevista a utilização de duas aulas de 90 minutos cada, no entanto considerando que os suportes dos copos criados pelos alunos no início da semana ainda não se encontravam devidamente secos, a verificação da grande dificuldade sentida pelos mesmos em proceder à modelação do objeto (levando a que estes despendessem mais tempo do que foi previsto para a conclusão da modelação do suporte, restando pouco tempo da aula para que experimentassem a modelação livre da pasta de farinha), assim como o facto de alguns dos alunos terem dito que nunca tinham experimentado atividades de modelação e outros apenas conhecerem a plasticina, achei importante alongar a unidade de trabalho dedicando mais

tempo à modelação livre de materiais, nomeadamente da pasta de farinha e introduzindo outro material para modelar a areia molhada, alongando a unidade para mais um aula. É ainda de salientar que nesta turma havia uma menina que nunca tinha ido à praia, nem nunca tinha brincado com areia.

As unidades “Nós somos assim...” e “Fantoques” decorreram dentro do tempo planificado. Estas foram pensadas de forma a possibilitarem aos alunos, a aquisição gradual de habilidades e de formas de agir, tendo como objetivo final o desenvolvimento da motricidade fina e da criatividade, recorrendo a atividades lúdicas, dando-lhe o máximo de ferramentas possíveis, proporcionadas pela variedade das situações experimentais propostas, para que estes pudessem traçar o seu caminho, em liberdade, permitindo-lhe um conjunto de maneiras diferentes de chegar à solução.

Neste contexto fez-se a comparação da forma como se desenvolveram as tarefas durante a atividade, assim como dos resultados obtidos no plano de unidade intitulado “Monstro Amigo”, com a forma como se desenvolveram as atividades e os trabalhos elaborados no plano de unidade “Fantoques”, nunca esquecendo a dimensão afeto-cognitiva verificada e a interação entre a teoria e a prática.

## **2.5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Os resultados obtidos resultaram da avaliação comparativa feita aos alunos nas unidades de trabalho “Monstro Amigo” e “Fantoques”, segundo os parâmetros previamente definidos ao nível dos domínios cognitivo e dos valores e atitudes. No espaço que decorreu entre as duas unidades de trabalho foi ainda desenvolvida a unidade “Nós somos assim...”.

Durante a aplicação da unidade “Monstro amigo”, foram verificadas, por parte dos alunos, dificuldades ao nível da modelação da pasta de modelar. Os alunos não estavam habituados a realizar atividades como tocar, amassar, separar, sobrepor, unir... qualquer tipo de massas/ pastas de modelar. Os alunos perante a pasta de modelar hesitavam, demoravam a executar a tarefa proposta, começando a massa a secar, quebrando quando estes a modelavam. [Figura 35]

## TRABALHO REALIZADO NA UT “MONSTRO AMIGO”



**Figura 35: Trabalho de modelação em pasta de modelar realizado por um aluno**

Considerando as dificuldades anteriormente enunciadas, ainda na presente unidade, foi proporcionado aos alunos a interação com pasta de farinha e com a areia, materiais mais facilmente moldáveis e que não secavam tão rapidamente.

Inicialmente os alunos trabalharam de forma individual, no entanto, foi considerado que seria benéfico para o desenvolvimento da unidade, o trabalho em grupo, sendo para tal criados dois espaços e dois grupos de trabalho.

Um espaço destinava-se à modelação da areia e outro à modelação da pasta de farinha. Os alunos deveriam realizar a atividade de forma lúdica, deveriam moldar brincando, sem terem de executar uma forma pré definida, experimentando os dois espaços.

Posteriormente foi aplicada a unidade de trabalho “Nós somos assim...”, na qual foi disponibilizada, aos alunos, o contacto com um vasto leque de materiais (pastel de óleo ou lápis de cera, diferentes tipos de papel, tecidos e guaches), tendo como suporte de trabalho papel de cenário de grandes dimensões e recorrendo a técnicas de colagem, desenho e estampagem. Nesta unidade foi trabalhada a forma humana, proporcionando aos mesmos uma melhor compreensão do seu corpo, das suas partes e proporções.

Para tal, foram criados três espaços, nos quais os alunos deveriam trabalhar em grupo, que foram previamente definidos. Os grupos de alunos trocaram de atividades, durante o decorrer da aula, de forma a experimentar a totalidade das mesmas.

Foi estendido papel de cenário em três espaços da sala de aula. Um dos espaços destinava-se à utilização de pastel de óleo ou lápis de cera e no qual se procederia ao desenho de contorno do corpo de um dos colegas que se deitaria em cima do papel de

cenário; num segundo grupo, os alunos deveriam desenhar o contorno de cada uma das suas mãos, recorrendo para tal ao desenho de uma num dos diferentes tipos de papel fornecido e outra em tecido. Os materiais deveriam ser cortados e colados no papel de cenário. Num terceiro grupo os alunos deveriam utilizar os guaches fornecidos e decalcar as suas mãos no papel de cenário.

Por fim foi realizada a atividade “Fantoches”, (última unidade de trabalho desenvolvida no estágio integrado, neste nível de ensino) na qual foi distribuída um copo de iogurte (elemento principal da estrutura do fantoche) a cada um dos alunos e foi posta à disposição dos mesmos vários materiais (embalagens e desperdícios de cartão, desperdícios de papel autocolante, lãs de várias cores e grossuras, tampas de plástico, cápsulas de café, restos de tecido, fita cola, colas várias, pioneses, elásticos...), que poderão ser reutilizados e aproveitados na realização de fantoches.

A avaliação da presente unidade de trabalho permitiu verificar o grau de evolução sofrido pelos alunos, nos vários parâmetros, desde a aplicação da unidade “Monstro Amigo” até à aplicação da unidade de trabalho “Fantoches”.

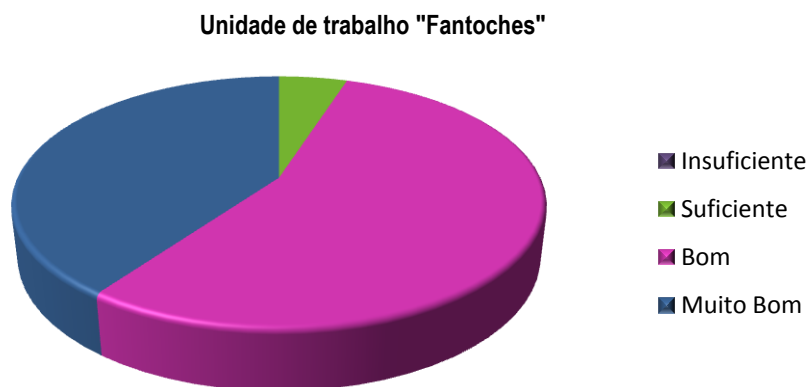
## DOMÍNIO COGNITIVO

### PARÂMETRO 1- Capacidade de exploração e utilização de diferentes materiais



Gráfico 6 – AVALIAÇÃO DO PARÂMETRO 1 NA UT “MONSTRO AMIGO”

- Neste parâmetro 10% alunos obtiveram uma avaliação Insuficiente, 55% uma avaliação Suficiente, 35% uma avaliação de Bom. Nenhum aluno obteve uma avaliação de Muito Bom.



**Gráfico 7 – AVALIAÇÃO DO PARÂMETRO 1 NA UT “FANTOCHES”**

- Neste parâmetro nenhum aluno obteve uma avaliação Insuficiente, 5% obtiveram uma avaliação Suficiente, 55% uma avaliação de Bom e 45% dos alunos obtiveram uma avaliação de Muito Bom.
- **Resultado:** Verificou-se que com a modelação da pasta de farinha e da areia, os alunos libertaram tensões (as crianças descarregaram energias, amassando, martelando ... a massa e a areia, com gestos soltos, de forma incessante) construindo e destruindo figuras, permitindo a experimentação dos materiais. [Figuras 36 a 38]

Na unidade seguinte “Nós somos assim...”, os alunos face à proposta de contacto com técnicas e materiais diversificados, quiseram experimentá-los, trabalhando na totalidade dos espaços criados. Experimentaram, aplicaram e desenvolveram técnicas de exploração (desenho, estampagem, corte, recorte...).

A criação de fantoches fez com que fossem aplicados os conhecimentos materiais e técnicos apreendidos nas unidades de trabalho “Monstro amigo” e “Nós somos assim...”, verificou-se um grande desenvolvimento ao nível da aplicação e conhecimento de materiais e técnicas que foram aplicadas, proporcionando construções espontâneas e conseqüentemente mais criativas.

## PREPARAÇÃO DA MASSA DE FARINHA



**Figura 36:** Preparação da pasta de modelação através da mistura de água e farinha

## ATIVIDADES DE MODELAÇÃO



**Figuras 37 e 38:** Modelação de massa de farinha e de areia

## PARÂMETRO 2- Capacidade de construção e de transformação

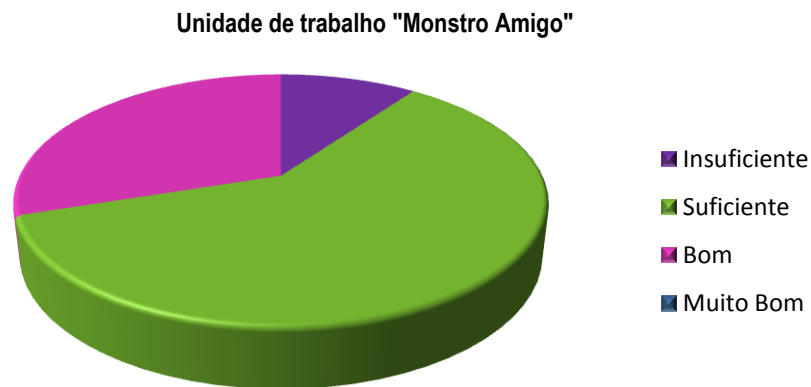


Gráfico 8 – AVALIAÇÃO DO PARÂMETRO 2 NA UT “MONSTRO AMIGO”

- Neste parâmetro 10% alunos obtiveram uma avaliação Insuficiente, 60% uma avaliação Suficiente, 30% uma avaliação de Bom. Nenhum aluno obteve uma avaliação de Muito Bom.

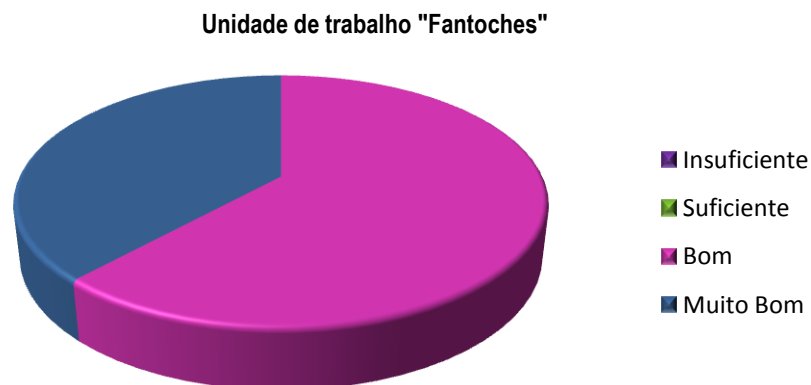


Gráfico 9 – AVALIAÇÃO DO PARÂMETRO 2 NA UT “FANTOCHES”

- Neste parâmetro nenhum aluno obteve uma avaliação Insuficiente e Suficiente, 65% dos alunos obtiveram uma avaliação de Bom e 35% obtiveram uma avaliação de Muito Bom.
- **Resultado:** Verificou-se que com a modelação da pasta de farinha e da areia, os alunos começaram a apresentar uma maior facilidade na transformação dos

materiais, executando atividades de construção de formas existentes no seu universo ou criadas.

Na unidade seguinte “Nós somos assim...”, não foi pretendido que os alunos construíssem ou transformassem algo, apenas foi proposto o contacto com técnicas e materiais diversificados. No entanto, a sua exploração levou ao desenvolvimento a nível da técnica e dos conhecimentos, tornando-se um meio facilitador para a transformação e construção de novos objetos, que se mostraram mais complexos ao nível da forma que os desenvolvidos na unidade inicial “Monstro amigo”. [Figuras 39 e 40]

#### ATIVIDADES DE MODELAÇÃO



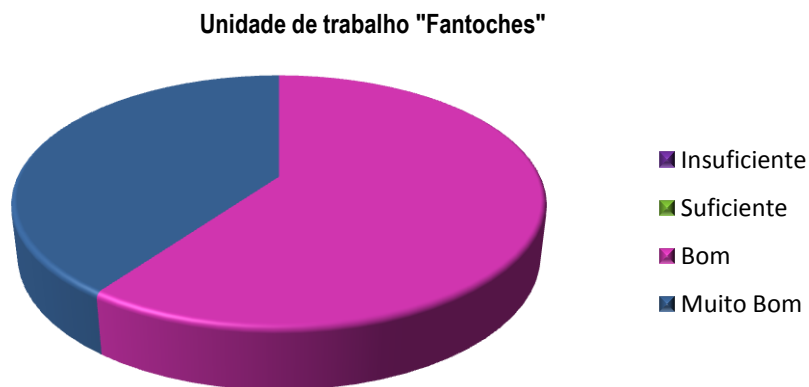
Figuras 39 e 40: Modelação de um peixe palhaço

#### PARÂMETRO 3- Utiliza elementos definidores da forma



Gráfico 10 – AVALIAÇÃO DO PARÂMETRO 3 NA UT “MONSTRO AMIGO”

- Neste parâmetro nenhum aluno obteve uma avaliação Insuficiente e de Muito Bom, 65% dos alunos obtiveram uma avaliação Suficiente e 35% uma avaliação de Bom.



**Gráfico 11 – AVALIAÇÃO DO PARÂMETRO 3 NA UT “FANTOCHES”**

- Neste parâmetro nenhum aluno obteve uma avaliação Insuficiente e Suficiente, 60% dos alunos obtiveram uma avaliação de Bom e 40% obtiveram uma avaliação de Muito Bom.
- **Resultado:** Verificou-se que com a modelação da pasta de farinha e da areia materiais, com o desenvolvimento das técnicas e dos conhecimentos relativos à utilização de alguns materiais, utilizados na unidade de trabalho “Nós somos assim...”, os alunos começaram a executar formas mais complexas e a aplicar pormenores (olhos, cabelo, orelhas, nariz, com chapéus, laços ...) às figuras que iam elaborando, utilizando, de forma mais consciente, o uso de elementos definidores da forma (linhas, volumes, texturas, cor). [Figura 41]

#### TRABALHO REALIZADO NA UT “FANTOCHES”



**Figura 41: Fanteche realizado a partir de uma embalagem de “Actimel”**

## PARÂMETRO 4- Destreza manual

Unidade de trabalho "Monstro Amigo"

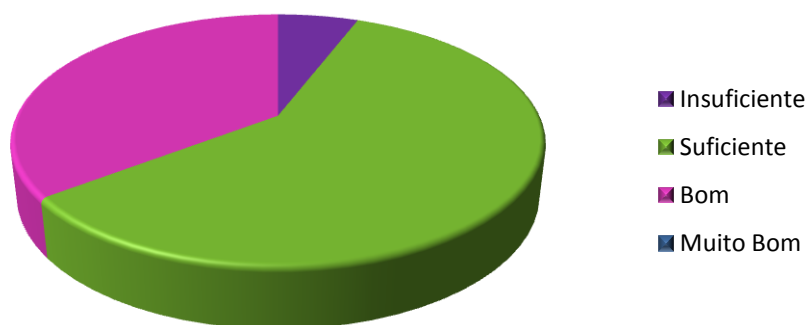


Gráfico 12 – AVALIAÇÃO DO PARÂMETRO 4 NA UT “MONSTRO AMIGO”

- Neste parâmetro 5% dos alunos obtiveram uma avaliação Insuficiente, 50% uma avaliação Suficiente, 45% uma avaliação de Bom. Nenhum aluno obteve uma avaliação de Muito Bom.

Unidade de trabalho "Fantoches"

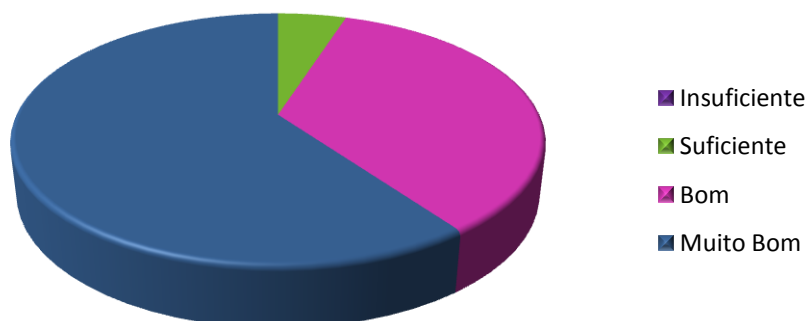


Gráfico 13 – AVALIAÇÃO DO PARÂMETRO 4 NA UT “FANTOCHES”

- Neste parâmetro nenhum aluno obteve uma avaliação Insuficiente, 5% obtiveram uma avaliação de Suficiente, 35% dos alunos obtiveram uma avaliação de Bom e 60% obtiveram uma avaliação de Muito Bom.
- **Resultado:** Verificou-se que com a modelação da pasta de farinha e da areia, com a experimentação de materiais e técnicas, desenvolvidas na unidade de trabalho “Nós somos assim...”, os alunos começaram a realizar com mais

desenvoltura atividades manuais, utilizando com menos frequência a força bruta (murros, palmadas, rasgar...) recorrendo à força de forma mais controlada e mais centrada na ação das mãos e dedos. [Figura 42]

#### ATIVIDADES DE MODELAÇÃO



Figuras 42 – Modelação de uma “esfera com picos” (mangual)

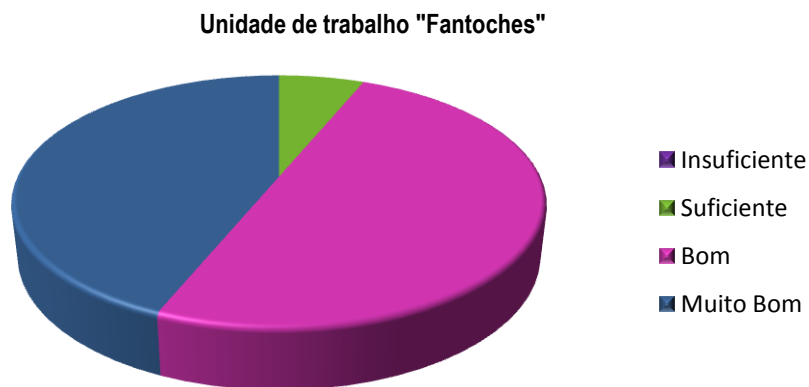
### DOMÍNIO DOS VALORES E ATITUDES

#### PARÂMETRO 5 - Autonomia



Gráfico 14 – AVALIAÇÃO DO PARÂMETRO 5 NA UT “MONSTRO AMIGO”

- Neste parâmetro 15% alunos obtiveram uma avaliação Insuficiente, 40% uma avaliação Suficiente, 30% uma avaliação de Bom e 15% uma avaliação de Muito Bom.



**Gráfico 15 – AVALIAÇÃO DO PARÂMETRO 5 NA UT “FANTOCHES”**

- Neste parâmetro nenhum aluno obteve uma avaliação Insuficiente, 5% obtiveram uma avaliação de Suficiente, 40% dos alunos obtiveram uma avaliação de Bom e 55% obtiveram uma avaliação de Muito Bom.
- **Resultado:** Verificou-se que com a modelação da pasta de farinha e da areia, pelo facto de ser um material bastante versátil (flexível, maleável...) e com a aplicação da unidade de trabalho “Nós somos assim...” levaram ao desenvolvimento de capacidades que proporcionaram, aos alunos, a possibilidade de facilmente recriarem o seu mundo e de inventarem o seu próprio método de trabalho, não sentindo a necessidade de frequentemente recorrerem aos professores. [Figura 43 e 44]

#### ATIVIDADES DE MODELAÇÃO



**Figuras 43 e 44: Modelação de massa de farinha**

## PARÂMETRO 6 - Motivação

Unidade de trabalho "Monstro Amigo"

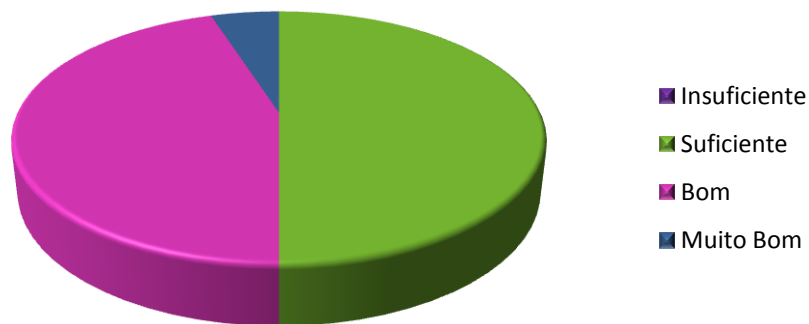


Gráfico 16 – AVALIAÇÃO DO PARÂMETRO 6 NA UT “MONSTRO AMIGO”

- Neste parâmetro nenhum aluno obteve uma avaliação Insuficiente, 50% obtiveram uma avaliação Suficiente, 45% uma avaliação de Bom e 5% uma avaliação de Muito Bom.

Unidade de trabalho "Fantoches"

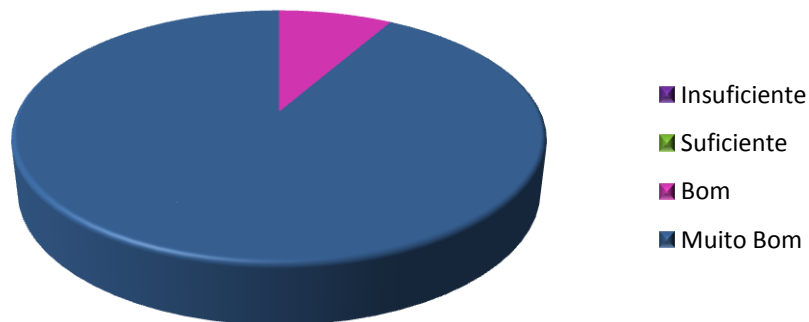


Gráfico 17 – AVALIAÇÃO DO PARÂMETRO 6 NA UT “FANTOCHES”

- Neste parâmetro nenhum aluno obteve uma avaliação Insuficiente ou Suficiente, 5% dos alunos obtiveram uma avaliação de Bom e 95% obtiveram uma avaliação de Muito Bom.

- **Resultado:** Verificou-se que com a modelação da pasta de farinha e da areia e a aplicação da unidade de trabalho “Nós somos assim...”, os alunos começaram a libertar tensões, estando mais à vontade no contacto com materiais e técnicas diversas, levando a que se sentissem capazes de facilmente chegar a resultados que eram comentados e apreciados pelos colegas, sentindo-se desta forma orgulhosos das suas criações, aumentando a sua vontades de executar novas formas, novos trabalhos. [Figura 45]

#### TRABALHO DESENVOLVIDO NA UT “MONSTRO AMIGO”



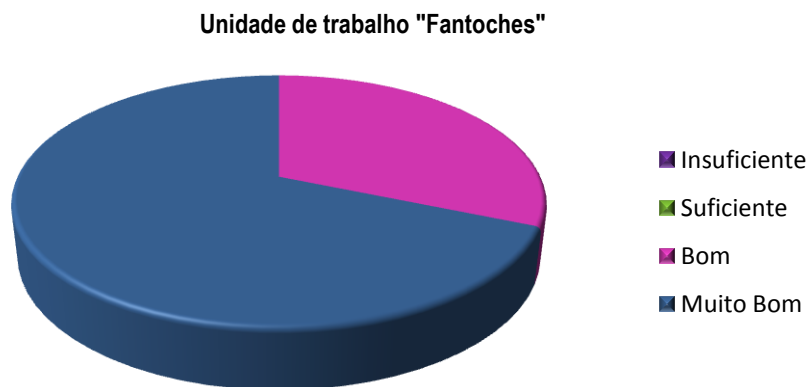
Figura 45 – Criança mostrando o trabalho realizado

#### PARÂMETRO 7 - Interação com os elementos do grupo



Gráfico 18 – AVALIAÇÃO DO PARÂMETRO 7 NA UT “MONSTRO AMIGO”

- Neste parâmetro nenhum aluno obteve uma avaliação Insuficiente nem de Muito Bom, 65% dos alunos obtiveram uma avaliação Suficiente e 30% uma avaliação de Bom.



**Gráfico 19 – AVALIAÇÃO DO PARÂMETRO 7 NA UT “FANTOCHES”**

- Neste parâmetro nenhum aluno obteve uma avaliação Insuficiente nem de Suficiente, 25% dos alunos obtiveram uma avaliação de Bom e 75% obtiveram uma avaliação de Muito Bom.
- **Resultado:** Verificou-se que a modelação da pasta de farinha e da areia, assim como a aplicação da unidade de trabalho “Nós somos assim...” foram atividades facilitadoras do desenvolvimento da sociabilidade, na medida em que proporcionaram a ocasião dos alunos conversarem e expressarem pensamentos, promovendo a troca de experiências e de conhecimentos, quer com os colegas, quer com os professores. [Figura 46]

#### **DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE “MONSTRO AMIGO”**



**Figura 46: Crianças a modelar massa de farinha**

## PARÂMETRO 8 - Cumprimento de regras



Gráfico 20 – AVALIAÇÃO DO PARÂMETRO 8 NA UT “MONSTRO AMIGO”

- Neste parâmetro 5% alunos obtiveram uma avaliação Insuficiente, 45% uma avaliação Suficiente, 45% uma avaliação de Bom e 5% uma avaliação de Muito Bom.

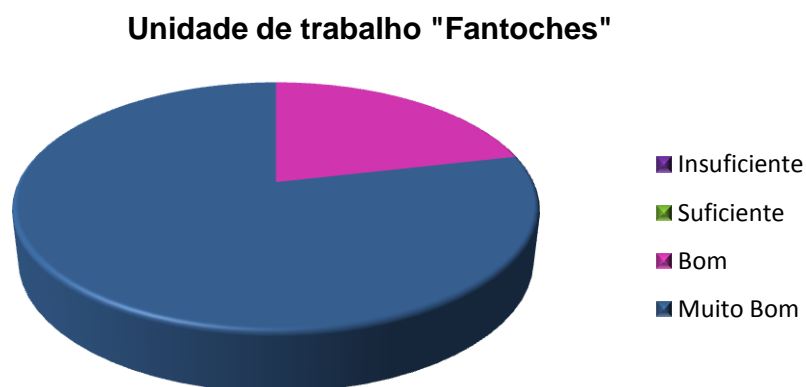


Gráfico 21 – AVALIAÇÃO DO PARÂMETRO 8 NA UT “FANTOCHES”

- Neste parâmetro nenhum aluno obteve uma avaliação Insuficiente ou Suficiente, 15% dos alunos obtiveram uma avaliação de Bom e 85% obtiveram uma avaliação de Muito Bom.
- **Resultado:** Verificou-se com a modelação da pasta de farinha e da areia e a aplicação da unidade de trabalho “Nós somos assim...” os alunos

desenvolveram a capacidade de organização, passando de um espaço de trabalho para o outro sem se empurrarem e cuidaram dos materiais, tendo o cuidado de não os desperdiçar, deixar cair ou danificar. No final das atividades desenvolvidas foram capazes de proceder à arrumação e limpeza dos espaços de trabalho e da sala de aula, assim como de acondicionar os materiais de forma adequada. [Figura 47]

#### **DIVISAO DA SALA DE AULA EM 3 ESPAÇOS DE TRABALHO DISTINTOS**



**Figura 47: Alunos a trabalhar nos diferentes espaços pré-definidos**

<b>GRELHA RESUMO DA AVALIAÇÃO DAS UNIDADES DE TRABALHO DESENVOLVIDAS</b>																
<b>(1) PLANO DE UNIDADE “Monstro Amigo”</b>																
<b>(2) PLANO DE UNIDADE “Fantoques”</b>																
Competências	Capacidade de exploração e utilização de diferentes materiais		Capacidade de construção e de transformação		Utiliza elementos definidores da forma		Destreza manual		Autonomia		Motivação		Interação com os elementos do grupo		Cumprimento de regras	
	Nome	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1
1. Ana M. Correia	B	M	S	M	B	M	S	M	B	M	B	M	S	M	B	M
2. Bernardin o Carvalho	S	B	S	B	S	B	S	B	S	B	S	M	S	M	B	M
3. Cristiana Lopes	I	B	I	B	S	B	S	B	I	B	S	M	S	M	S	M
4. Daniela Santos	S	B	S	B	S	B	S	B	S	B	B	M	B	M	B	M
5. Daniela Veigas	B	M	B	M	B	M	B	M	B	M	B	M	B	M	B	M
6. Daniela Custódio	S	B	S	B	S	B	S	B	S	B	S	M	S	M	S	M
7. Diana Batista	B	M	B	M	B	M	B	M	M	M	B	M	B	M	B	M
8. Fátima Fernandes	S	B	S	B	S	B	S	B	S	B	S	M	S	M	S	M
9. Fernando Pinela	I	S	I	B	S	B	I	S	I	S	S	M	S	B	B	M
10. Igor Fernandes	S	B	S	B	S	B	S	B	S	M	S	M	S	B	S	B
11. Jenifer Quintela	B	M	B	M	B	M	B	M	B	M	B	M	B	M	B	M
12. Lara Fernandes	S	B	S	B	S	B	S	B	S	B	S	M	S	M	S	M
13. Margarid a Paulos	B	M	B	M	B	M	S	M	B	M	B	M	S	M	B	M
14. Maria Inês Melo	B	M	B	M	B	M	B	M	M	M	B	M	B	M	B	M
15. Marta Falcão	B	M	B	M	B	M	B	M	M	M	M	M	B	M	S	M
16. Rafael Nascimento	S	B	S	B	S	B	S	B	S	M	S	M	S	M	S	M
17. Ricardo Martins	S	B	S	B	S	B	B	M	B	M	S	B	S	B	S	B
18. Sandra Banrezes	S	M	S	B	S	B	B	M	B	M	B	M	S	B	I	B
19. Tiago Cabeça	S	B	S	B	S	B	S	B	I	B	S	M	S	B	S	M
20. Valentina Mendes	S	B	S	B	S	M	S	M	S	B	B	M	B	M	M	M

**Tabela 7 – GRELHA RESUMO DA AVALIAÇÃO DAS UT “MONSTRO AMIGO” E “FANTOCHES”**

A arte é a linguagem do sentimento e das emoções, através dela é introduzida a dimensão emocional e sentimental na educação. Neste sentido o ensino da EVT no EB requer uma profunda atenção, por parte de quem a leciona, pois torna-se necessário um profundo entendimento dos comportamentos próprios de cada uma das faixas etárias, assim como conhecer o nível de desenvolvimento psico-motor característico de cada uma delas.

Obviamente isto significa que o professor deverá desenvolver as suas práticas no sentido destas serem adequadas a cada idade, atuando aos vários níveis (afetivo, cognitivo, social e motor) promovendo o desenvolvimento do aluno no seu todo.

Nas crianças mais jovens, é a brincar e a jogar que estas desenvolvem a linguagem, o pensamento, a socialização, a iniciativa e a autoestima, tornando-se cidadãos capazes de enfrentar desafios e de participar na construção de um mundo melhor.

Dessa maneira é compreendida a complexidade da planificação de atividades lúdicas, considerando que tais atividades devem implicar: a partilhas, confrontos, negociações e trocas; devendo promover conquistas cognitivas, emocionais e sociais.

É ainda sabido que as crianças apreendem o mundo à sua volta por meio do seu corpo, experimentando as diversas sensações táteis, auditivas, visuais, olfativas, que lhe permitem adquirir conhecimentos.

Consciente desta realidade, procurei criar situações em que os alunos pudessem experimentar um vasto leque de materiais e atividades diversificadas, desenvolvendo-lhes a compreensão de volume e de espaço, promovendo o processo criativo dos mesmos; recorrendo sempre ao lúdico, no sentido de os estimular e motivar os alunos para as aprendizagens, tornando-os mais autónomos.

Pela análise da grelha resumo dos planos de unidade “Monstro amigo” e “Fantoques” [Tabela 7], fazendo uma análise comparativa, podemos concluir que o desenvolvimento da atividade de modelar pasta de farinha e areia, ainda desenvolvida na unidade de trabalho “Monstro amigo”, das unidades de trabalho “Nós somos assim...” e “Fantoques”, levou a que os alunos tomassem uma maior consciência das formas tridimensionais e efeitos da gravidade, das proporções do corpo humano, desenvolveram competências ao nível da aplicação e conhecimento de técnicas e materiais, desenvolveram a destreza motora, especificamente ao nível da motricidade fina, tornando-se assim mais livres para desenvolverem de forma autónoma, livre, a sua criatividade. Aprenderam também a forma como deveriam manter os materiais, trabalha-los e arruma-los, aprenderam a discutir ideias e a partilhar conhecimentos.

Considero que estimular as potencialidades criativas do aluno a partir de técnicas específicas e a sua motivação é sem dúvida o caminho a seguir, com vista à promoção das competências dos mesmos.

## **2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente documento não pretende ser uma receita para a prática pedagógica, pretende apenas levar à reflexão sobre importância da utilização de algumas práticas no processo de ensino aprendizagem, nomeadamente o recurso a atividades de modelação e ao lúdico como meios essenciais para o desenvolvimento psicomotor dos alunos do EB, considerando os benefícios da sua aplicação e as limitações inerentes ao desenvolvimento de tais atividades.

Desta forma espero que esta investigação tenha contribuído para a compreensão da importância da utilização de tais estratégias no ensino de crianças ao nível do EB, assim como ambiciono que esta proporcione uma reflexão crítica das entidades responsáveis (Diretores de Escola, Coordenadores de Departamento e Áreas Disciplinares, ...) sobre as limitações sentidas pelos docentes na sua aplicação, no sentido de as minorarem.

Torna-se assim evidente que este relatório final tem como objetivo levantar algumas questões relativas ao ensino da EEP, das práticas desenvolvidas pelos docentes que as lecionam e as condições em que estas se desenvolvem, no sentido de compreender a importância de se proporcionarem aos alunos atividades de ensino aprendizagem que envolvam a modelação, consideradas fundamentais para o desenvolvimento da criança, nas orientações fornecidas pelo Ministério da Educação.

Face à revisão bibliográfica e a análise dos resultados obtidos, poder-se-á dizer que o professor de EEP tem um papel fundamental no que trata ao desenvolvimento psicomotor da criança, da sua compreensão de volume e de espaço, devendo este, para tal, promover a aplicação de atividades de modelação nas suas práticas, considerando igualmente que quando recorre aos jogos, esta a criar na sala de aula uma atmosfera de motivação que permite aos alunos participarem ativamente do processo ensino aprendizagem, assimilando experiências e informações, incorporando atitudes e valores.

É evidente que deverão ser consideradas as limitações sentidas na aplicação de tais atividades, no entanto considero que se justifica a sua aplicação, e como tal, deverão ser pensadas estratégias para as minorar.

O papel da escola na educação é o de contribuir para o desenvolvimento saudável do aluno mental e emocionalmente, cabendo ao professor o papel de proporcionar e estimular o ambiente educativo. O seu papel terá de ser ativo e criativo, para que a educação decorra numa ação cooperativa e onde haja espaço para a criatividade de alunos e professores.

Neste sentido, as atividades devem processar-se ao nível da coordenação e acompanhamento, das informações (conteúdos) devendo fornecer os contextos e o conhecimento base promovendo a autonomia do aluno. Logo, deve, haver uma preocupação em colocar os alunos face a problemas que exijam experimentação, proporcionando-lhes as condições para tal.

Torna-se evidente a importância da existência de uma estreita ligação entre a escola (Direção) e o professor, havendo por vezes necessidade de alteração das estruturas existentes há muito tempo, em função das necessidades sentidas, sendo para tal necessário uma preparação e uma organização suplementares das atividades.

Considerando os resultados analisados anteriormente, no ponto 2.1.1 (atividades, recursos e limitações no ensino da EEP) conclui-se, que em alguns estabelecimentos escolares há urgência na reformulação ao nível das condições de trabalho nas disciplinas de EVT, é necessário proporcionar espaços de trabalho adequados, disponibilizar os materiais e instrumentos necessários ao desenvolvimento das atividades, assim como fomentar e proporcionar condições de formação dos seus docentes.

Realizando esta investigação apercebi-me que proporcionando atividades diversificadas aos alunos, através do contacto, manuseio e o conhecimento de diversos materiais, recorrendo a atividades lúdicas, individuais e em grupo é preceito fundamental para desenvolvimento das suas capacidades psicomotoras. Nas atividades desenvolvidas os alunos manusearam diferentes materiais, tornaram-se mais conhecedores das suas características e técnicas de utilização, trocaram ideias e conhecimentos, tornaram-se mais criativos, demonstrando sempre curiosidade e vontade de aprender.

“A atividade criativa implica o prazer de fazer, a curiosidade, o estudo e uma predisposição natural para experimentar o que ainda não se sabe.” (Gonçalves, Eurico, 1991, p.25)

Em jeito de conclusão, considero que o trabalho por mim realizado foi bastante pertinente, pois possibilitou-me o trabalho numa disciplina e num grau de ensino com o qual ainda não tinha tido contacto direto, proporcionando-me um aumento de conhecimento quer a nível do programa e orientações curriculares para este grau de ensino, quer ao nível dos comportamentos, conhecimento e capacidades característico desta faixa etária, tornando-se numa experiência muito gratificante e significativa enquanto docente e mãe.

Durante a realização do presente relatório final foram encontradas algumas limitações ao seu desenvolvimento que se prenderam ao tempo disponível para a sua realização e ao facto da existência de bibliografia relativa às práticas de modelação, desenvolvimento da tridimensionalidade e desenvolvimento da motricidade fina na criança ser muito pouca e de difícil acesso.

No entanto espero que o mesmo tenha contribuído para atingir os objetivos que me foram propostos. Depositei nesta investigação todo o meu empenho e esforço, pois trata-se de um tema que considero de extrema importância para a educação e bom desenvolvimento do aluno.



## 2 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Betâmio de (1976) - “*A Educação Estético-Visual no Ensino Escolar*”. Livros Horizonte.

BETTENCOURT, Ana Maria (2010) - “*Mais escolaridade, melhor educação*”. Boletim dos Professores 19. Setembro 2010.

CARVALHO, Rómulo de (1986) - “*História do Ensino em Portuga*”l. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CHERRY, Claire (1988) – “*El Arte en el Niño en Edad Preescolar*”. Barcelona: ediciones CEAC.

COELHO, Adolfo (1890) - “*Esboço de um programa, etc* “. Lisboa.

COELHO, Adolfo, (1890) - “Esboço de um programa para o estudo antropológico, patológico e demográfico do povo português”, in: *Obra Etnográfica*, vol. I. Festas, costumes e outros materiais para uma etnologia de Portugal, Lisboa: Publicações Dom Quixote.

COLL, César (1987) - “*Psicología y Curriculum*”. Barcelona: Laia, 1987; reeditado em Barcelona: Paidós, 1991.

CORTESÃO, Luiza, MALPIQUE, Manuela, TORRES, Maria Arminda, LIMA, Maria de Jesus (1983) - “*Formação Sociopsicopedagógica de Formadores: uma proposta de currículo*”. Coleção Ser Professor. Porto: Edições Afrontamento.

CORREIA, António de Arruda (1996) - “*Educação, Arte e Cultura 40 anos da Fundação Calouste Gulbenkian no Desenvolvimento Estético Infanto-Juvenil*”. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

FONTOURA, M. (1992) - Fico ou vou-me embora? In *Nóvoa, António. “Vidas de Professores*”. Porto: Porto Editora.

- LEITE, Carlinda, FREITAS, Cândido Varela de & MORGADO, Carlos José (Outubro de 2001) - *“Reorganização Curricular do Ensino Básico (A): Fundamentos, Fragilidades e Perspectivas”*. Coleção Cadernos Criap . Porto: ASA Editora.
- LIMA, Maria de Jesus, HANGLUND, Stefan (1982) - *“Escola e Mudança”*. Coleção Ser Professor. Porto: Brasília Editora.
- GIL, António Carlos (1991) - *“Como Elaborar um Projecto de Pesquisa”*. São Paulo: Editora Atlas S.A.
- GONÇALVES, Eurico (1991) – *“A Arte Descobre a Criança”*. Lisboa: Raiz Editora.
- HARGREAVES, David J. (2002) – *“Infancia Y Educacion”*. (3ª edição). Madrid: Edições Morata, S. L., Ministério da Educacion Cultura Y Deporte.
- NÓVOA, António (1991) – *“Profissão Professor”*. Porto: Porto Editora, Lda.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.) (2008) – Educação Infantil: *“Saberes e Fazeres da Formação de Professores”*. (II Série). Coleção Ágere.Campinas: SP Papyrus
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira & SANTOS, Luís Miguel dos (2004) - *“Conhecimento do Mundo Social e da Vida”*. Lisboa: Universidade Aberta.
- ROLDÃO, Maria do Céu (1999) - *“Gestão Curricular, Fundamentos e Práticas”*. Lisboa: Lisboa Editora.
- ROLDÃO, Maria do Céu (2004) - *“Gestão do Currículo e Avaliação de Competências – As questões dos professores”*. Editorial Presença.
- SANTOS, Augusto Joaquim (1905) - *“A Nossa Escola Primária (O que tem sido. O que deve ser)”*. Porto: A Figueirinhas.
- SILVA, Manuela, & TAMEM, Maria Isabel (1981) - *“Sistema de Ensino em Portugal”*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SOUSA, Alberto B. (2003) - *“Educação Pela Arte e Artes Na Educação”*. (vol. 1º). Lisboa: Piaget.

TORRÃO, António P. (1993) - *“Escola Básica Integrada – Modalidades Organizacionais para a Escola Básica de Nove Anos”*. Porto: Porto Editora.

## **LEGISLAÇÃO REFERENCIADA**

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO (Decreto-Lei n.º 286/1989, de 29 de Agosto). *“Estabelece o quadro de referência da reforma do Sistema Educativo”*. Diário da República, 1.ª série, N.º 198. pp. 3638 – 3644.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (1991). *“Educação Visual e Tecnológica – Organização Curricular e Programas - 2º Ciclo do Ensino Básico”* (vol. I). Direcção Geral dos Ensinos Básico e Secundário. Lisboa.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (1991). *“Programa de Educação Visual e Tecnológica – Plano de Organização de Ensino – Aprendizagem - 2º Ciclo do Ensino Básico”* (vol. II). Direcção Geral dos Ensinos Básico e Secundário. Lisboa.

DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (2001). *“Educação Tecnológica, 3º Ciclo do Ensino Básico. Orientações Curriculares, 7º e 8º anos”*. Ministério da Educação. Lisboa.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Decreto-lei nº 172/91, de 10 de Maio). *“Estabelece um novo regime de administração e gestão das escolas dos ensinos básico e secundário”*.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Decreto-Lei N.º 207/96, de 2 de Novembro). *“Regime jurídico da formação contínua de professores”*. 1.ª série - A, N.º 254. pp 3879-3893.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Despacho n.º 4848/97, de 30 de Julho). *“Gestão flexível dos currículos do ensino básico”*. Diário da República, 2.ª série.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Decreto-Lei n.º 115-A/98, de 4 de Maio). *“Novo regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básicos e secundário, bem como dos respectivos agrupamentos”*. Diário da República, 1.ª série - A, N.º 102. pp 1988(2)-1988(14).

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO (Despacho n.º 9590/99, de 29 de Abril). *“Estabelece as linhas orientadoras para o desenvolvimento de projectos de gestão flexível do currículo nos estabelecimentos de ensino básico a partir do ano letivo 1999/2000”*. Diário da República, 2.ª série, N.º 112.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO (Decreto-lei n.º 6/2001, de 18 de Janeiro). *“Reorganização curricular do ensino básico”*, I série - A, N.15. pp 258-265.

DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (2001). *“Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais”*. Ministério da Educação. Lisboa.

DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (2004). *“Organização Curricular e Programas – Ensino Básico – 1º Ciclo”* (4ª edição). Ministério da Educação. Lisboa.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO (Decreto-Lei n.º 75/2008). *“Aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário”*. Diário da República, 1.ª série, N.º 79. pp 2341- 2356.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO (Decreto-Lei n.º 224/2009, de 11 de Setembro). *“Procede à primeira alteração ao Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de Abril, que aprovou o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário”*. Diário da República, 1.ª série, N.º 177.

DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (n.d.). *“Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais”*. Ministério da Educação. Lisboa.

DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (n.d.). *“Educação Visual, 3º Ciclo do Ensino Básico - Ajustamento do programa da disciplina de Educação Visual – 3º Ciclo”*. Ministério da Educação. Lisboa.

## **WEBGRAFIA**

Arte e Desenvolvimento Infantil: Frases e Pensamentos. Retirado de  
<http://www.educarparacrescer.abril.com.br/.../howard-gardner-307909.shtml> - 27/ 05/  
2012

CHAPMAN, A. (n.d.).A Educação em Portugal: Breve História. Retirado de  
[http://www.fapedangola.org/temas/educacao/edu\\_port.doc](http://www.fapedangola.org/temas/educacao/edu_port.doc) - 06/01/2011

CURY, A.J. (2006). Filhos brilhantes alunos fascinantes. Retirado de  
<http://www.apevt.wordpress.com/opiniao-publica-dos-docentes-de-evt/v.pdf> - 23/05/2012

DESARROLLO DE LA COMUNICACIÓN INTEGRAL: Retirado de  
<http://www.cosasdelainfancia.com/biblioteca-etapa10.htm> - 23/05/2012

Jesus, m. S. (N. D.).Que Formação de Professores?. Retirado de  
<http://www3.uma.pt/jesussousa/tribuna/4.pdf> - 27/05/2012

### 3 APÊNDICES

#### APÊNDICE 1 – PLANOS DE AULA

Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros Pólo 2			1º Ciclo Expressão e Educação Plástica
Ano: 1º	Turma: T7A	Horário: Quarta-feira – 13:50/ 15:20h	Estagiária: Cristina Guimarães
Plano de Aula		Unidade de Trabalho: “Monstro Amigo” – Suporte para o copo de lavar os dentes em forma de monstro e respetiva caixa para o guardar.	Dia: 12/05/2010
			Aula Nº. 1/ 2
ÁREAS DE EXPLORAÇÃO		RESULTADOS DE APRENDIZAGEM	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Modelagem e escultura</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>Explora e tira partido da resistência e plasticidade da pasta de modelar e massa de farinha;</li> <li>Modela usando utensílios;</li> <li>Modela usando apenas as mãos.</li> </ul>	
ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS IMPLEMENTADAS			
<p><b>Fases da Aula:</b></p> <p>A aula iniciar-se-á com a apresentação do trabalho a realizar, mostrando para tal alguns exemplares de suporte de copo para lavar os dentes em forma de monstro e será feita uma reflexão/ explicação sobre a sua função.</p> <p>Posteriormente a professora realizará uma explicação oral de como proceder à elaboração dos mesmos.</p> <p>Em seguida será preparado o espaço de trabalho (arrumação das mesas e junção das mesmas em grupo).</p> <p>Numa primeira fase a professora procederá à distribuição (aos alunos) dos materiais necessários para a realização do trabalho e de alguns instrumentos/ objetos que poderão ajudar na modelação do objeto em causa.</p> <p>Os alunos iniciarão a modelação da base do copo.</p> <p>No final da sua realização, será feita a recolha dos mesmos colocando-os num espaço que permita a sua secagem.</p> <p>Dar-se-á assim por concluída a atividade de modelação do suporte.</p>			

Numa fase posterior a professora distribuirá o material necessário para que os alunos procedam à produção de uma massa à base de água e farinha que estes deverão modelar livremente.

Após a finalização da referida atividade, será arrumado e limpo o espaço de trabalho, pelos alunos com auxílio da professora e serão recolhidos os materiais e instrumentos utilizados no desenvolvimento da mesma.

**Equipamentos:**

Teques e bacias de plástico.

**Materiais:**

Pasta de modelar, palitos, copos de plástico, farinha e água.

**Procedimentos Técnicos:**

Os alunos irão trabalhar (modelar) a pasta de modelar, de forma a criarem suportes para o copo de lavar os dentes em forma de monstro.

Para tal utilizarão as mãos e os teques, disponibilizados pela professora, caso os necessitem.

Numa outra fase da aula os alunos executarão, em grupo, a produção de uma pasta de água e farinha que depois deverá ser modelada, por cada um, de forma livre e sem intenção de obter um produto final.

**Tempos Utilizados:**

No início da aula serão utilizados, aproximadamente quinze minutos para a organização dos espaços de trabalho.

Cerca de trinta minutos serão utilizados para a modelação dos suportes para o copo de lavar os dentes.

Aproximadamente trinta e cinco minutos para a elaboração da pasta de água e farinha e modelação livre da mesma.

Os últimos dez minutos serão destinados à arrumação e limpeza da sala de aula.

**Bibliografia:**

Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências Essenciais / ed. Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica; coordenação Paulo Abrantes, M<sup>a</sup> Luísa S. Mendes. – Novembro de 2007 (2<sup>o</sup> edição).

Organização Curricular e Programas Ensino Básico — 1.o Ciclo/ ed. Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica – Janeiro 2004 (4<sup>o</sup> edição).

**OBSERVAÇÕES**

**Houve necessidade de dividir a aula em duas fases distintas uma vez que o suporte para o copo de lavar os dentes necessita de bastante tempo de secagem. Assim sendo o início da aula será destinado à produção/ modelação do objeto pedido e uma segunda fase será destinada à modelação de uma pasta de farinha, mas sem intenção de obter um produto final.**

Tabela 8 – PLANO DE AULA 6.1 EEP

<b>Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros Pólo 2</b>			<b>1º Ciclo Expressão e Educação Plástica</b>
<b>Ano: 1º</b>	<b>Turma: T7A</b>	<b>Horário: Quarta-feira – 13:50/ 15:20h</b>	<b>Estagiária: Cristina Guimarães</b>
<b>Plano de Aula</b>		<b>Unidade de Trabalho: “Monstro Amigo” – Suporte para o copo de lavar os dentes em forma de monstro e respetiva caixa para o guardar.</b>	<b>Dia: 19/05/2010</b>
			<b>Aula Nº. 2/ 3</b>

<b>ÁREAS DE EXPLORAÇÃO</b>	<b>RESULTADOS DE APRENDIZAGEM</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Modelagem e escultura</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explora e tira partido da resistência e plasticidade da pasta de farinha e areia;</li> <li>• Modela usando utensílios;</li> <li>• Modela usando apenas as mãos.</li> </ul>

#### **ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS IMPLEMENTADAS**

##### **Fases da Aula:**

A aula iniciar-se-á com a preparação dos espaços de trabalho (arrumação das mesas e junção das mesmas em grupo).

Posteriormente a professora explicará a atividade a realizar, a modelação livre de dois materiais com texturas distintas (pasta de farinha e areia molhada).

De seguida, a professora procederá à distribuição (aos alunos) dos materiais necessários para a realização do trabalho e de alguns instrumentos/ objetos que poderão ajudar na modelação dos materiais.

Os alunos irão iniciar a modelação, trabalhando em grupos de dez, um grupo com pasta de farinha e outro grupo com areia. A meio da aula trocarão de mesas permitindo a experimentação dos dois materiais por todos.

Após a finalização da referida atividade, será arrumado e limpo o espaço de trabalho, pelos alunos com auxílio da professora e serão recolhidos os materiais e instrumentos utilizados no desenvolvimento da mesma.

##### **Equipamentos:**

Teques, bacias de plástico, formas, pás, caixas de plástico e outros que possam permitir a livre exploração dos materiais.

##### **Materiais:**

Pasta de farinha (previamente confeccionada), palitos, areia e água.

##### **Procedimentos Técnicos:**

Os alunos irão trabalhar (modelar) a pasta de farinha e a areia molhada de forma livre e sem intenção de obter um produto final. Para tal utilizarão as mãos e alguns dos instrumentos disponibilizados pela professora.

**Tempos Utilizados:**

No início da aula serão utilizados, aproximadamente quinze minutos para a organização dos espaços de trabalho.

Cerca de trinta minutos serão utilizados para a modelação de um dos materiais e os outros trinta minutos para a modelação do outro material.

Os últimos quinze minutos serão destinados à arrumação e limpeza da sala de aula.

**Bibliografia:**

Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências Essenciais / ed. Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica; coordenação Paulo Abrantes, M<sup>a</sup> Luísa S. Mendes. – Novembro de 2007 (2<sup>o</sup> edição).

Organização Curricular e Programas Ensino Básico — 1.o Ciclo/ ed. Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica – Janeiro 2004 (4<sup>o</sup> edição).

**OBSERVAÇÕES**

**Considerando que os suportes dos copos criados pelos alunos no início da semana ainda não se encontravam devidamente secos, a verificação da grande dificuldade sentida pelos dos alunos em proceder à modelação do objeto (levando a que estes despendessem mais tempo do que foi previsto para esta atividade, restando pouco tempo da aula anterior para que estes experimentassem a modelação livre da pasta de farinha), assim como o facto de alguns dos alunos terem dito que nunca tinham experimentado a modelação e outros apenas conhecerem a plasticina, achei importante alongar esta unidade de trabalho dedicando mais tempo à modelação livre de materiais, nomeadamente da pasta de farinha e introduzindo outro material para modelar a areia molhada.**

Tabela 9 – PLANO DE AULA 6.2 EEP

Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros Pólo 2			1 <sup>o</sup> Ciclo Expressão e Educação Plástica
Ano: 1 <sup>o</sup>	Turma: T7A	Horário: Quarta-feira – 13:50/ 15:20h	Estagiária: Cristina Guimarães
Plano de Aula		Unidade de Trabalho: “Monstro Amigo” – Suporte para o copo de lavar os dentes em forma de monstro e respetiva caixa para o guardar.	Dia: 02/06/2010  Aula Nº.3/ 2

ÁREAS DE EXPLORAÇÃO	RESULTADOS DE APRENDIZAGEM
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pintura</li> <li>• Construções</li> <li>• Dobragem</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explora as possibilidades técnicas dos pincéis e mãos;</li> <li>• Faz construções;</li> <li>• Faz dobragens.</li> </ul>
<b>ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS IMPLEMENTADAS</b>	
<p><b>Fases da Aula:</b></p> <p>A aula iniciar-se-á com a apresentação do trabalho a realizar. Cada aluno decorará (com tintas acrílicas, utilizando pincéis ou as mãos e criando texturas) o suporte previamente pintado pela professora.</p> <p>De seguida será dada a cada aluno uma parte de uma folha de cartolina (colorida), na qual se encontra desenhada a planificação de uma caixa que estes deverão recortar.</p> <p>Posteriormente deverão proceder às devidas dobragens e colagens de forma a obterem a caixa onde deverão guardar o suporte do copo.</p> <p>Dá-se assim por terminada a presente unidade de trabalho.</p> <p><b>Equipamentos:</b></p> <p>Tesouras e pincéis.</p> <p><b>Materiais:</b></p> <p>Cola de tubo, cartolinas coloridas e tintas acrílicas.</p> <p><b>Procedimentos Técnicos:</b></p> <p>Os alunos irão pintar com tintas acrílicas o suporte para o copo dos dentes, para tal poderão recorrer ao uso de pincéis ou simplesmente utilizar os dedos.</p> <p>Numa outra fase da aula os alunos procederão ao recorte de uma parte de uma folha de cartolina, na qual se encontra planificada uma caixa. Após o recorte da mesma deverão monta-la, executando para tal as devidas dobragens e colagens.</p> <p><b>Tempos Utilizados:</b></p> <p>No início da aula serão utilizados aproximadamente dez minutos para a organização dos espaços de trabalho.</p> <p>Cerca de trinta minutos serão utilizados para a pintura dos suportes do copo dos dentes.</p> <p>Aproximadamente quarenta minutos para o recorte, dobragem e colagem da caixa.</p> <p>Os últimos dez minutos serão destinados à arrumação e limpeza da sala de aula.</p> <p><b>Bibliografia:</b></p> <p>Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências Essenciais / ed. Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica; coordenação Paulo Abrantes, M<sup>ª</sup> Luísa S. Mendes. – Novembro de 2007 (2<sup>ª</sup> edição).</p> <p>Organização Curricular e Programas Ensino Básico — 1.º Ciclo/ ed. Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica – Janeiro 2004 (4<sup>ª</sup> edição).</p>	
<b>OBSERVAÇÕES</b>	
<p><b>Houve necessidade de trazer o suporte do copo dos dentes já pintado com uma cor de base, uma vez que foi ponderado o tempo de secagem da tinta e o cheiro bastante activo que esta tem.</b></p> <p><b>Foi igualmente ponderado o tempo de secagem do produto final, ficando a cargo da professora e num período extra aula o envernizamento dos mesmos com spray.</b></p> <p><b>Após a conclusão dos suportes para o copo dos dentes, serão dados aos alunos juntamente com dois pequenos olhos de plástico, que serão colados pelos mesmos e ajudarão a dar expressão ao monstro criado.</b></p>	

Tabela 10 – PLANO DE AULA 6.3 EEP

<b>Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros Pólo 2</b>			<b>1º Ciclo Expressão e Educação Plástica</b>
<b>Ano: 1º</b>	<b>Turma: T7A</b>	<b>Horário: Quarta-feira – 13:50/ 15:20h</b>	<b>Estagiária: Cristina Guimarães</b>
<b>Plano de Aula</b>		<b>Unidade de Trabalho: “Nós somos assim...” – Representação do corpo humano ou de partes em papel de cenário de grandes dimensões através de técnicas diversas.</b>	<b>Dia: 09/06/2010</b>
			<b>Aula Nº. 1/ 1</b>

<b>ÁREAS DE EXPLORAÇÃO</b>	<b>RESULTADOS DE APRENDIZAGEM</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenho de expressão livre</li> <li>• Recorte, colagem, dobragem</li> <li>• Impressão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenha no chão do recreio ou da sala de aula, tendo como suporte papel de cenário de grandes dimensões;</li> <li>• Contorna formas e pessoas;</li> <li>• Faz composições colando diferentes materiais recortados;</li> <li>• Estampa a mão.</li> </ul>

#### **ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS IMPLEMENTADAS**

##### **Fases da Aula:**

A aula iniciar-se-á com a apresentação do trabalho a realizar.

Em seguida a professora acompanhará os alunos até ao recreio onde serão preparados os espaços de trabalho.

Numa primeira fase a professora procederá à distribuição dos alunos em três grupos e distribuirá os diferentes materiais necessários para a realização dos trabalhos.

Posteriormente realizará uma explicação oral de como proceder à elaboração dos mesmos.

Dar-se-á assim início à realização do projeto, no qual os alunos procederão ao manuseamento dos diversos materiais.

No final da sua realização, será feita a recolha dos mesmos colocando-os num espaço que permita a sua secagem e serão arrumados os materiais utilizados, pelos alunos com auxílio da professora.

Dar-se-á assim por concluída a presente atividade.

##### **Equipamentos:**

Pincéis, tesouras e recipientes.

##### **Materiais:**

Pastel de óleo, lápis de cera, vários tipos de papeis, tecidos, cola branca e guache de cores variadas.

### Procedimentos Técnicos:

Um primeiro grupo utilizará pastel de óleo ou lápis de cera e desenhará o contorno do corpo de um dos colegas que se deitará em cima do papel de cenário. Este processo será repetido tantas vezes quanto o número de alunos da turma, para que todos sejam representados.

Num segundo grupo, os alunos deverão desenhar o contorno de cada uma das suas mãos, para tal deverão desenhar uma num dos diferentes tipos de papel fornecido e outra em tecido. As mãos deverão ser cortadas e coladas no papel de cenário de forma a criar uma composição.

Num terceiro grupo os alunos deverão utilizar os guaches fornecidos e decalcar as suas mãos no papel de cenário.

Todos os alunos deverão experimentar as três atividades, passando de uma atividade para a outra quando acabada a anterior.

### Tempos Utilizados:

No início da aula serão utilizados, aproximadamente cinco minutos para a apresentação do trabalho.

Cerca de quinze minutos serão utilizados para deslocação dos alunos da sala para o recreio e preparação dos espaços de trabalho.

Aproximadamente cinquenta e cinco minutos para a elaboração dos diferentes trabalhos.

Os últimos quinze minutos serão destinados à arrumação dos trabalhos e materiais.

### Bibliografia:

Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências Essenciais / ed. Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica; coordenação Paulo Abrantes, M<sup>a</sup> Luísa S. Mendes. – Novembro de 2007 (2<sup>o</sup> edição).

Organização Curricular e Programas Ensino Básico — 1.o Ciclo/ ed. Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica – Janeiro 2004 (4<sup>o</sup> edição).

### OBSERVAÇÕES

**A presente aula só poderá ser realizada no recreio caso o tempo o permita. Se tal não acontecer terá de decorrer dentro da sala de aula da turma.**

Tabela 11 – PLANO DE AULA 7.1 EEP

Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros Pólo 2			1º Ciclo Expressão e Educação Plástica
Ano: 1º	Turma: T7A	Horário: Quarta-feira – 13:40/ 15:15h	Estagiária: Cristina Guimarães
Unidade de Trabalho: “Fantoches”			Aulas Previstas: 1 aula
Plano de Unidade		Início da Unidade: 16/06/2010	Fim da Unidade: 16/06/2010

ÁREAS DE EXPLORAÇÃO	RESULTADOS DE APRENDIZAGEM
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construções</li> <li>• Recorte, colagem, dobragem</li> <li>• Tecelagem e costura</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Constrói fantoches;</li> <li>• Explora as possibilidades de diferentes materiais: lãs; tecidos; objetos recuperados... rasgando, desfiando, recortando, amassando, dobrando...;</li> <li>• Desfaz diferentes texturas: tecidos, lãs, cordas....</li> </ul>
<b>ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS IMPLEMENTADAS</b>	
<p>É estabelecido o diálogo e é feita uma apresentação da atividade a desenvolver. A realização fantoches.</p> <p>Numa primeira fase a professora procederá à explicação de como realizar a estrutura de base do fantoche.</p> <p>Posteriormente irá distribuir um copo de iogurte (elemento principal da estrutura do fantoche) a cada aluno e porá à disposição dos mesmos vários materiais possíveis de serem utilizados na realização dos trabalhos: embalagens e desperdícios de cartão, desperdícios de papel autocolante, lãs de várias cores e grossuras, tampas de plástico, cápsulas de café, restos de tecido, fita cola, colas várias, pioneses, elásticos ....</p> <p>Dar-se-á assim início à realização do projeto, no qual os alunos procederão ao manuseamento dos diversos materiais.</p> <p>No final da sua realização será arrumada a sala e os materiais utilizados.</p> <p>Dá-se assim por terminada a presente unidade de trabalho.</p>	
<b>OBSERVAÇÕES</b>	

Tabela 12 – PLANO DE AULA 8.1 EEP

## APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO: Conteúdos, atividades e recursos abordados no Ensino da Educação e Expressão Plástica

O presente questionário faz parte de um estudo no âmbito do Projeto de Investigação do Mestrado do Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Bragança.

Com o questionário pretende-se identificar quais as atividades e os recursos abordados com mais frequência no processo de ensino da Expressão e Educação Plástica no contexto formal de ensino e aprendizagem, assim como as limitações sentidas pelos docentes na leção dos conteúdos da disciplina.

Os dados recolhidos destinam-se exclusivamente a dar resposta aos objetivos deste estudo.

Garante-se o anonimato, a confidencialidade e privacidade dos inquiridos.  
Por favor, responda a todas as questões.

Maio de 2012

Preencha ou coloque uma cruz na afirmação mais adequada.

---

### 1. Complete:

---

#### 1.1. Género

Masculino

Feminino

#### 1.2. Categoria

PQZ

PQA

#### 1.3. Habilitações académicas atuais

Bacharelato

Licenciatura

Pós- Graduação

Mestrado

Doutoramento

Outras  Quais? \_\_\_\_\_

1.4. Curso de habilitação para a docência. \_\_\_\_\_

1.5. Há quantos anos exerce a Profissão Docente? \_\_\_\_\_

## Responda a todas as questões

### 2. Conteúdos:

2.1. Utilizando os números 1,2, 3, 4 e escrevendo o número na opção correspondente, classifique as atividades seguintes, traduzindo por: frequentemente lecionada (1), lecionada (2), raramente lecionada (3) e nunca lecionada (4).

Opção	Atividades
	Modelagem e escultura
	Construções
	Desenho
	Pintura
	Recorte, colagem, dobragem

Opção	Atividades
	Impressão
	Tecelagem e costura
	Fotografia, transparências e meio audiovisuais
	Cartazes

2.2. Refira outras atividades que tenha realizado. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2.3. Refira outras atividades que gostaria de ter realizado e nunca realizou.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

### 3. Recursos:

3.1. Utilizando os números 1,2, 3, 4 e escrevendo o número na opção correspondente, classifique as atividades seguintes, traduzindo por: frequentemente utilizado (1), utilizado (2), raramente utilizado (3) e nunca utilizado (4).

Opção	Materiais
	Terra e areia
	Barro, massas de cor e pasta diversas
	Barras de sabão, cortiça e cascas de árvore
	Giz
	Tintas

Opção	Materiais
	Grafite
	Lápis de cera
	Lápis de cor
	Carvão

3.2. Utilizando os números 1,2, 3, 4 e escrevendo o número na opção correspondente, classifique as atividades seguintes, traduzindo por: frequentemente utilizado (1), utilizado (2), raramente utilizado (3) e nunca utilizado (4).

Opção	Instrumentos
	Compasso
	Esquadro
	Régua
	Pincel e trincha
	Esponja

Opção	Instrumentos
	Rolo
	Tesoura
	X ato
	Teques
	Goivas

3.3. Utilizando os números 1,2, 3, 4 e escrevendo o número na opção correspondente, classifique as atividades seguintes, traduzindo por: frequentemente utilizado (1), utilizado (2), raramente utilizado (3) e nunca utilizado (4).

Opção	Suportes
	Papel
	Argila e pastas
	Cartolina
	Cartão
	Papel de cenário

Opção	Suportes
	Ardósia
	Madeira
	Parede
	Pedra
	Tela

3.4. Refira outros recursos (materiais, instrumentos e suportes) que tenha utilizado.

---



---



---

3.5. Refira outros recursos (materiais, instrumentos e suportes) que gostaria de utilizar.

---



---



---

---

#### 4. Limitações:

---

4.1. Utilizando os números 1, 2, 3, 4, classifique as limitações sentidas à aplicação dos conteúdos e atividades definidos pelo Ministério da Educação para o ensino da Expressão e Educação Plástica, traduzindo por: frequentemente sentida (1), sentida algumas vezes (2), raramente sentida (3) e nunca sentida (4), escrevendo o número na linha correspondente.

Opção	Limitações
	Formação
	Salas de aula desadequadas
	Falta de material
	Preço do material

Opção	Suportes
	Grande número de alunos por turma
	Desinteresse demonstrado pelos alunos, face à disciplina
	Falta de um professor coadjuvante

4.2. Refira outras limitações sentidas ao nível da aplicação dos conteúdos e atividades.

---

---

---

---

---

**Março de 2012**

**Obrigada pela sua colaboração!**

## APÊNDICE 3 - GRELHA RESUMO DA AVALIAÇÃO DAS UT DESENVOLVIDAS

Nome: \_\_\_\_\_ Ano: 1º Turma: T7A N.º \_\_\_\_\_

PLANO DE UNIDADE "Monstro Amigo" De 12/05/2010a 02-06-2010	DESEMPENHO			
	INSUFICIENTE	SUFICIENTE	BOM	MUITO BOM
<b>DOMÍNIO COGNITIVO</b>				
Capacidade de exploração e utilização de diferentes materiais				
Capacidade de construção e de transformação				
Utiliza elementos definidores da forma				
Destreza manual				
Capacidade expressiva, criativa				
<b>VALORES E ATITUDES</b>				
Autonomia				
Motivação				
Interação com os elementos do grupo				
Cumprimento de regras				

PLANO DE UNIDADE "Fantoches" 16/06/2010	DESEMPENHO			
	INSUFICIENTE	SUFICIENTE	BOM	MUITO BOM
<b>DOMÍNIO COGNITIVO</b>				
Capacidade de exploração e utilização de diferentes materiais				
Capacidade de construção e de transformação				
Utiliza elementos definidores da forma				
Destreza manual				
Capacidade expressiva, criativa				
<b>VALORES E ATITUDES</b>				
Autonomia				
Motivação				
Interação com os elementos do grupo				
Cumprimento de regras				

## APÊNDICE 4 - DVD



### **Prática de Ensino Supervisionada de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico**

**Cristina Maria de Carvalho Pereira Guimarães**

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação  
de Bragança para obtenção do Grau de Mestre em  
Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico

Orientado por  
**Professor Doutor Luís Manuel Leitão Canotilho**

Bragança  
2012

